ACARI

FUNDAÇÃO
HISTÓRIA E
DESENVOLVIMENTO

Jayme da Nóbrega Santa Rosa

ÍNDICE

Prefácio 7

Capítulo I: Os antecedentes históricos 13

Capítulo II: Os portugueses da Nova Lusitânia 16

Capítulo III: As origens do aglomerado 19

Capítulo IV: Os primeiros anos 25

Capítulo V: Os novos povoadores 31

Capítulo VI: A construção da capela 38

Capítulo VII: O crescimento do povoado 45

Capítulo VIII: O primeiro Presidente da Província 50

Capítulo IX: A vila e o município 62

Capítulo X: A prosperidade geral 74

Capítulo XI: Os foros de cidade 89

Capítulo XII: O Acari atual 112

Reconhecimento a historiadores regionais 121

Agradecimento a colaboradores honoríficos 121

Trabalhos do autor 122

Índice de assuntos 125

Índice de nomes de pessoas 130

Índice de notas em rodapé 137

Anúncio do livro "Fazendas e Fazendeiros do Seridó" 139

PREFÁCIO

NESTE TRABALHO procura o autor mostrar como teria começado o aglomerado urbano do Acari e como se desenvolveu em cerca de 220 anos, de mais ou menos 1700 até 1920. Baseou o seu relato em documentos impressos, em anotações escritas por historiadores regionais, na tradição oral rica de tantas histórias de culto aos antepassados, e na pesquisa de campo por ele próprio realizada.

Reunida a documentação, começou a ser feita uma análise das peças apresentadas, comparando-se os dados do mesmo assunto mas provenientes de fontes diversas, eliminando-se o que fosse improvável ou contrário à evidência, e escolhendo-se por fim as informações que oferecessem veracidade.

O conhecimento que o autor possui do município, a participação que teve na vida da cidade, no serviço das fazendas, e a convivência estreita com os seridoenses em suas labutas — possibilitaram uma visão de conjunto.

Muito jovem, ele tomou parte na faina árdua dos tempos de seca, como queima de xiquexique, levantamento de vacas magras e rebaixamento das praças das cacimbas; nas ocupações com o gado gordo na estação das chuvas, como campear encourado pelo mato, tirar leite de madrugadinha, fazer queijo de manteiga, e ainda dedicar-se às lidas das plantações; e, na temporada tranqüila dos fins d'água, participou do serviço das colheitas, da desmancha da mandioca, do descaroçamento do algodão, de pescarias nos açudes, de juntas de reses nas ribeiras vizinhas, de alegres e concorridas vaquejadas, de acompanhamentos de levantar poeira, em cavalo esquipador, nos casamentos movimentados segundo a forma tradicional.

Pôde, assim, observar, compreender e amar o Seridó. Que poderia fazer pela terra? Sua preocupação era procurar meios que contribuíssem para o progresso da zona.

Veio para o Sul, com destino a Piracicaba, estudar agricultura. Mas, aconselhado aqui pelo tio, Dr. Diógenes da Nóbrega, ficou no Rio de Janeiro para seguir "uma carreira de muito futuro, de imensa utilidade para o Seridó". Estudaria química aplicada à indústria e, ao mesmo tempo, agricultura.

Diplomado em Química Industrial por escola superior, exerceu algumas especialidades da profissão, entrando afinal para grande repartição governamental de pesquisa científica e tecnológica, o Instituto Nacional de Tecnologia.

Instado a escolher uma especialidade, não escolheu, mas criou uma, conseqüente de leituras de livros e revistas especializados dos E U A, da Grã-Bretanha e França: instituiu a especialidade "A Química no Combate às Secas".

Estudou em laboratório e instalações-piloto plantas xerófilas do Nordeste das secas e a industrialização de seus produtos. As plantas estudadas: faveleira, pinhão bravo, maniçoba, pereiro, pau-pedra e flor de cera. Divulgados foram os resultados dos estudos no país e no estrangeiro.

A fim de serem levados para o terreno prático estes estudos, o autor, após longas negociações, conseguiu dispor de uma fazenda, que pertencera a seu pai, e da qual possuía uma parte, no município do Acari; essa fazenda já contava com a existência daqueles vegetais em estado silvestre, para as necessárias experimentações.

No ano em que ia exatamente iniciar as plantações experimentais, com orientação agronômica — 1964 — e iniciar o trabalho-tentativa de extrair óleos de sementes de faveleira e de pinhão para empregá-los na indústria de sabões, com assistência tecnológica para ajustes de fabricação, surgiram problemas imprevisíveis, absolutamente sem solução, que impediam de forma perentória o uso continuado da fazenda para os ensaios.

Ainda durante mais de cinco anos — de abril de 1964 a agosto de 1969 — foi por ele exaustivamente procurada uma solução favorável (que favorecesse os estudos

práticos), mas tudo resultou em pura perda. Não lhe foi possível, de forma alguma, dispor da fazenda.

Consistia o plano de aproveitamento industrial dos produtos derivados das plantas xerófilas em: 1.º) Estabelecimento de culturas experimentais, em terrenos diversos, a fim de se terem dados agrícolas e econômicos de exploração; 2.º) Início da produção de óleos a partir das sementes de plantas silvestres; 3.º) Criação do consumo industrial destes óleos.

Na execução do programa, só haveria despesas, que ficariam exclusivamente a cargo do pesquisador. Mas a finalidade seria abrir o mercado de consumo no interesse da coletividade, de modo que os fazendeiros, que possuíssem em suas terras essas plantas em estado nativo, colhessem as sementes e as vendessem como matéria-prima. Posto em funcionamento o sistema, terminariam eles e outros realizando plantações.

É evidente que só se procura realizar reflorestamento com vegetais úteis do ponto de vista econômico, vegetais que dêem renda.

Então, desde que a faveleira e o pinhão bravo passassem a ser rentáveis, far-se-iam culturas regulares. As plantações seriam realizadas nas terras duras, erodidas, dos altos e carrascais ou nos tabuleiros de pequena fertilidade.

Seriam conseguidos os objetivos: recuperação e valorização das terras pobres; reflorestamento com a formação de reservas de madeira; melhoria da pastagem pelo sombreamento e constituição de solo mais produtivo; proteção contra a erosão, de incalculáveis benefícios de ordem geral, inclusive para o regime de conservação das águas nas terras.

Estes estudos de aproveitamento das plantas xerófilas como fontes de recursos para o Nordeste semi-árido foram reconhecidos de utilidade por especialistas em agricultura e estudiosos dos problemas das secas, como o Eng. Agrônomo J. Guimarães Duque, diretor do Serviço Agro-Industrial do DNOCS, e o cientista cearense Dr. Mateus Ventura, então professor de Química e pesquisador na Universidade Federal do Ceará, que elaborou um plano de estudos da amêndoa das sementes de faveleira sob o aspecto de nutrição, a partir de material a ser remetido do Acari naquele ano de 1964, mas que nunca o foi, apesar

de ordens expressas e reiteradas do autor, nos poucos meses em que do Rio administrou a fazenda.

O Dr. Josué de Castro, nome mundialmente conhecido pelos seus trabalhos sobre nutrição e que foi por muitos anos diretor da FAO (Food and Agriculture Organization), das Nações Unidas, comunicou pessoalmente ao autor que na França, falando com dados na mão a respeito da torta de semente de faveleira, muito rica de proteína e minerais, sobretudo de cálcio, encontrou desusado interesse.

Ela teria amplo mercado na indústria de produtos alimentares. Lá (pelo menos, então) somente se permitiria juntar, a alimentos processados, aditivos que fossem naturais. E a torta de favela se revelava material enriquecedor de primeira ordem.

O Banco do Nordeste do Brasil, criado pela Lei n.º 1 649, de 19 de julho de 1952, incluiu entre as suas atribuições (Capítulo IV — Atribuições — item h): "plantação técnica e intensiva de árvores próprias à ecologia regional, especialmente as xerófilas de reconhecido valor econômico".

Em princípios de 1959, a Confederação Nacional da Indústria oficiou ao Instituto Nacional de Tecnologia convidando os tecnologistas Sylvio Fróes Abreu, tecnologista diretor-geral, Walmir Carvalho, Theodoro Oniga e Jayme Sta. Rosa, tecnologistas, para pronunciarem conferências sobre assuntos de suas especialidades que fossem do interesse da economia nordestina no Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste, que se realizaria, como se realizou, em Garanhuns na semana de 26 de abril a 3 de maio de 1959.

No dia 27 de abril, Jayme Sta. Rosa discorreu a respeito de "Plantas Xerófilas do Nordeste e o Aproveitamento Industrial de seus Produtos". Esta conferência foi amplamente divulgada em folheto e revistas especializadas.

Os outros tecnologistas da relação falaram nos dias a seguir, respectivamente, a propósito de minerais, fibras vegetais e energia solar.

Os industriais de óleos glicerídicos e gorduras, ao tomar conhecimento das novas oleaginosas de plantas xerófilas, desejam conhecer dados sobre a cultura, o ren-

dimento, etc. É, assim, fundamental efetuar-se a experimentação agrícola, base da industrialização das xerófilas.

Este serviço... seria uma contribuição ao Seridó.

Além do plano relativo à cultura das plantas xerófilas e à colheita de seus produtos que servissem de matéria-prima para a indústria, havia um anteprojeto cuidadosamente elaborado para a recuperação da propriedade rural em causa — a Fazenda Fortaleza — tendo sido estudadas as obras a executar e previstas as despesas correspondentes, bem como procurados os meios e recursos que possibilitassem as realizações.

Figuravam no anteprojeto o aumento e reforço das duas barragens no Rio do Bico para constituir larga faixa de terras frescas, sílico-argilo-humíferas, destinadas ao plantio de bananeiras e, à sombra delas e no intervalo das filas, ao cultivo de ipecacuanha verdadeira, de Mato Grosso (*Cephaëlis ipecacuanha* ou *Evea ipecacuanha* Brotero — Standley), cuja raiz encerra os alcalóides emetina (60-70%), cefaleína e psicotrina, raiz que seria processada industrialmente.

Cipriano Santa Rosa, o construtor da Fortaleza, julgava, baseado na experiência, a cultura da bananeira a mais lucrativa que então se poderia ter no Seridó. E dela cuidou sempre.

O desaterro e a elevação da capacidade do açude de barro no riacho da Serra Grande permitiriam um acúmulo d'água suficiente para manter úmidas pela revência as terras a jusante.

Compreenderia o programa agrícola também a cultura em caráter de experiência de espécies vegetais de fora, mas suscetíveis de aclimação.

Far-se-iam plantações de cajueiro em terrenos de pé de serra, que apresentam certa fertilidade, e em tabuleiros de areia da Fortaleza com sementes próprias para o sertão, fornecidas pela Estação Experimental de João Pessoa, de acordo com entendimentos prévios realizados com o Químico Vicente Trevas Filho, da Estação, e Professor de Química Analítica e Tecnológica da Escola de Engenharia da U. F. da Paraíba.

Quando os cajueiros dessem safra, o destino da produção seria: 1. Vender ou industrializar as castanhas. 2. Preparar do pedúnculo: suco límpido (cajuína), pas-

teurizado; caju cristalizado; caju-passa; doce em massa e doce em calda; alimento para os animais da fazenda.

No domínio da pecuária, esforços se desenvolveriam para conseguir casais de duas espécies de mamíferos, uma do Paquistão, outra da África, consideradas de grande valor econômico e já em criação nos EUA. Do ponto de vista ecológico, dar-se-ão bem no Seridó.

Entre o açude e o pedra-e-cal do riacho da Serra, a área seria intensamente reflorestada com vegetais arbóreos em processo de extinção, como cedro, cumaru, pitombeira, louro, benjoim e ameixeira, e cercada à feição para refúgio de animais silvestres da região não-predadores, como sejam veado, ema, macaco e seriema.

Por fim, cogitava o anteprojeto de instalações para pequenas indústrias rurais, tosquia de lanígeros (para adquirir a lã curta de carneiro do Seridó, que se empregaria na manufatura de cobertores, já aparecera interessado) e obras de artesanato, como chapéus de carnaúba, artefatos de fibra de flor de cera e cordas de cabelo bovino.

A propósito de interessados em compra de artigos regionais, manifestou-se um, do ramo industrial, de Pernambuco, que desejava fornecimento de fibra de flor de cera para mistura com fibra têxtil no preparo de tecidos de fantasia.

A finalidade das culturas e criações tradicionais seria normalmente lucro, mas funcionaria a fazenda como uma estação prática de observação e aprendizagem, aberta a qualquer fazendeiro ou sitiante.

A execução do plano, conhecido em linhas gerais por membros da família co-proprietários da fazenda, fora estabelecida para se efetuar em dez anos, de janeiro de 1964 a dezembro de 1973.

Na exposição que constitui o presente trabalho, a formação tecnológica do autor concorreu para completar os fatos somente em parte conhecidos e relacionados com a vida econômico-social dos habitantes do Acari.

Não se deixe de atentar em que esta é uma história sentida e relatada por um tecnologista. Em muitos pontos ela apresenta fatos que são comuns a vários outros municípios do Nordeste das secas. É a este respeito uma história típica.

Corpo Redacional da
REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

TERMINADA a luta no litoral do Nordeste pela expulsão dos holandeses, cujo domínio durou no Rio Grande mais de vinte anos (de dezembro de 1633 a 26 de janeiro de 1654), surgia a necessidade da colonização das terras interiores.

Concessões de sesmarias foram outorgadas a quem apresentasse petição em ordem. Funcionários do Reino, antigos combatentes, alguns homens-bons merecedores de mercês, recém-chegados de Portugal iam recebendo as doações com a incumbência de ocupar as terras. Não estavam, porém, capacitados para a tarefa.

Não obstante, os sertões do Nordeste Oriental foram aos poucos, com muito vagar, sendo colonizados pelo homem de fora. Para o Seridó se encaminharam alguns alienígenas, curiosos e vacilantes. Estabeleceram morada, começaram a faina da criação de gado.

Eram os sertões o domínio dos indígenas. No Seridó se movimentavam tribos dos Cariris, de homens altos, fortes, adestrados para a peleja, ferozes no combate. Os Cariris do Rio Grande eram chamados Janduís. Com estes, embora nômades, tinham de conviver, de qualquer modo, os fazendeiros, que não estavam preparados para compreendê-los. Por isso, os choques, as desavenças, as destruições tornavam-se freqüentes.

Os novos habitantes não tinham a percepção da fraternidade, tanto mais que os dignatários da colonização portuguesa, movidos pelo orgulho das conquistas e das riquezas, davam o exemplo de tirania escravizante.

Não poderiam evidentemente os fazendeiros daquela fase viver num regime de paz, muito menos conduzir uma

política de confraternização. De outra parte, os aborígines, isto é, os originários da região, não se conformavam com a ação dos intrusos.

Como assinalaram tantos cronistas, o propósito dos colonos, muitas vezes, era escravizar os homens livres do mato, daí se originando sérias rixas. E foram-se avolumando as contendas e perseguições. Não havia sossego, não havia segurança. Nuvens negras da luta de extermínio baixavam sobre a terra.

Em agosto de 1685 já era franca a revolta dos indígenas. Dois anos depois, alastrou-se a sublevação das tribos, que atuavam rápidas e violentas nas ribeiras do Açu, Moçoró e Apodi. "matando a toda coisa viva e depois queimando e abrasando tudo", como escreveu o cronista Pedro Carrilho.

No Seridó lavraram grandes incêndios e muito sangue foi derramado nos conflitos.

No vale dominado pela serra da Acauã desenrolou-se em 1688 destruidora batalha em que tomaram parte, de um lado, cerca de dois mil janduís furiosos e, de outro lado, tropas do Terço dos Paulistas, sediadas à margem do rio São Francisco, soldados do Rio Grande e de Pernambuco, num total de 300 a 400 homens em armas, comandadas por um experimentado cabo de guerra paulista, com toda a probabilidade Matias Cardoso de Almeida [1].

---

(1) *A batalha da Acauã*. Para atender aos pedidos de socorro formulados pelo Senado da Câmara de Natal, o Governador Geral, na Bahia, Matias da Cunha, tomou várias medidas urgentes, entre elas fazer marchar do rio São Francisco pelo sertão um Governador das Armas Paulistas, com trezentos homens bem municiados, e mais quatro Capitães-mores de outros territórios com suas tropas "a fim de guerrearem cada um por sua vez a esses bárbaros".

Seguiu Domingos Jorge Velho (deve ter marchado em março ou abril de 1688). Pequena foi sua demora no Rio Grande, mas foi tempo bastante para a prática de "muitos horrores". Logo recebeu contra-ordem para bater o quilombo dos Palmares, em Alagoas. Em seu lugar, ficou no Rio Grande outro famoso cabo de guerra paulista, Matias Cardoso de Almeida, que havia pouco chegara.

A batalha da Acauã ocorreu depois que assumiu o posto de Capitão-mor da Capitania o destemido e resoluto Agostinho Cesar

Este recontro foi dos mais encarniçados da sublevação geral dos indígenas, que alguns historiadores chamam de Confederação dos Cariris e outros de Guerra dos Bárbaros, e que durou dez anos (de 1687 a 1697). Dele não escapou muita gente para contar a história.

---

de Andrade (presume-se que assumiu em junho de 1688). Possivelmente o recontro se deu em outubro.

Domingos Jorge Velho voltou de Alagoas pelo litoral, cometeu arbitrariedades e violências contra indígenas aldeados nas vizinhanças de Natal, e seguiu para o Açu, para onde foi mais tarde Matias Cardoso de Almeida.

CAPÍTULO II

OS PORTUGUESES DA NOVA LUSITÂNIA

SALIENTAM historiadores que um dos fatores ponderosos para a prosperidade da Capitania da Nova Lusitânia foi a "qualidade do elemento colonizador". O donatário Duarte Coelho Pereira, nobre de educação esmerada, veio a Pernambuco acompanhado de fidalgos de conhecida linhagem, exímios batalhadores, homens letrados, bons administradores, descendentes de magistrados e estadistas.

Alguns destes homens de elevada estatura moral tinham curta permanência em Portugal, como Arnau de Holanda, que provinha dos Condes Suseranos da Holanda, e Felipe Cavalcânti, que procedia de Florença. A maioria deles ostentava, porém, os brasões de inúmeras casas nobres lusitanas, de velhos solares.

Possuía esta pequena nação ibérica uma tradição de gentis-homens, de guerreiros e de navegadores. Há mais de dois milênios, nas terras que passaram a ser o Reino de Portugal se aprimorava o homem nos exercícios da luta e do trabalho. Pelos séculos seguidos, veio recebendo de muitos povos várias contribuições para sua própria formação.

Os celtas penetraram na Península Ibérica e dominaram o noroeste, fixando-se principalmente na Galícia, no século V antes de Cristo. Procediam de uma região que hoje se identifica como sul da Alemanha Ocidental e já haviam dominado o território da Gália (atual França).

Os romanos invadiram a península no século III a. C., mas a anexação dela como província somente ocorreu no ano 197 a. C. No ano 25 a. C. encontrava-se conquistado todo o território ocidental, que incluía a Lusi-

tânia. Eram os romanos um povo de alta civilização e deixaram obras e monumentos de imenso valor.

Também invadiram a península outros povos de origem germânica, mas da costa do Báltico, conhecidos como *bárbaros*, muito depois, no século V: os vândalos, os suevos e os visigodos (ou godos do Ocidente). Fixaram-se os vândalos na Galícia e na Bética. Os suevos, na Galícia e na Lusitânia. Por último, apareceram os godos, que absorveram os suevos e constituíram um reino poderoso de longa duração. Eurico foi o primeiro rei visigodo (475).

Os godos eram um povo de guerreiros, rudes, valentes, e generosos. Venceram os romanos, mas aceitaram muitas conquistas da civilização romana, inclusive a manutenção da língua latina. Deixaram provas de sua cultura, como a arquitetura gótica. Eram exímios cavaleiros; legaram a propósito vocábulos, que se incorporaram à língua portuguesa, como escaramuça, espora, bridar, galopar, do domínio da cavalaria.

No século VIII, vindas do sul, invadiram a península as hostes árabes comandadas por Tarik. Em 711 venceram em decisiva batalha o rei godo Rodrigo. Ficaram os mouros quase oito séculos na península. Os últimos foram desalojados já em 1492. Praticaram os árabes uma civilização de relevo, pondo em ação o cultivo das ciências (filosofia, história, matemática, medicina), belas artes, letras, agricultura, comércio, artes e ofícios.

Na região do Minho, em parte da Galícia de então, nasceu o Reino de Portugal (os limites da Galícia ainda no meado do século XV chegavam ao sul até o rio Mondego). O Condado de *Portus Cale* (2) ou *Portucalense* foi um presente de rei (Alfonso VI, de Leão) a seu genro (Conde Henrique de Borgonha, bisneto de Roberto, rei da França) em 1095. Mas foi o filho do Conde, Dom Afonso Henriques, que, com incessantes lutas e depois da famosa batalha de Ourique em 1139, e sempre belicoso, consolidou a independência e alargou o território do novo Estado, sendo proclamado rei em 1140.

---

(2) *Portus Cale*. Porto para embarque de cal e antiga povoação à beira do rio Douro, que deu nome ao Condado; hoje faz parte da cidade do Porto. Daquele topônimo derivou o vocábulo Portugal.

O Condado de *Portus Cale* foi, assim, desmembrado da Galícia.

Nessa região do rio Minho e da Galícia nasceu a língua portuguesa, que é a continuação do latim popular, o *sermo vulgaris* praticado na parte ocidental da Península Ibérica.

Nessa faixa de terra a princípio falava-se um latim estropiado. A essa linguagem do vulgo, a esse romanço seguiu-se o dialeto *galaico-portugalense*, no qual se expressavam os trovadores, e que com as conquistas se estendeu para o sul.

Com o tempo acentuava-se a diferença entre o galego e o português até se constituírem idiomas autônomos. De modificação em modificação, o português ascendeu à língua empregada nos "Lusíadas", chegando até nós, enriquecida, sonora e clara.

A digressão foi necessária para dar idéia da formação histórica daqueles portugueses que nos primeiros tempos da Colonização vieram para o Nordeste, embrenhando-se muitos deles pelos sertões. O caminho do Seridó foi palmilhado não somente por alguns desses portugueses de boa fibra da Nova Lusitânia, mas por alguns de seus próximos descendentes.

Os ancestrais, os velhos troncos desses portugueses emergiram da civilização dos romanos, que representava a cultura e a organização; do domínio dos godos, que deu o espírito de aventura, de conquista e de sobrançaria; da longa dominação dos árabes, que comunicou a prática da ciência, das artes e dos ofícios, juntamente com a capacidade de luta sem temor.

Quisemos falar também da importância, para nós, da Galícia e do Minho. E dizer que historicamente o vocábulo *galego* possui um sentido elevado, e não o que anda por aí. No sentido histórico o galego e o minhoto representam o espírito de luta e de trabalho, de amor à liberdade e à instrução, a tranqüilidade na ação e a confiança nas forças espirituais.

CAPÍTULO III

AS ORIGENS DO AGLOMERADO

VEIO por fim a calmaria. Os remanescentes dos Janduís se esconderam em furnas aqui e acolá, ou ficaram vagando pelos pés de serra, quando não se internaram no mato mais espesso.

Os fazendeiros, suas famílias e seus agregados, bem como os habitantes solitários, tiveram um dos três destinos: morreram, fugiram ou se refugiaram como puderam.

Dizimados, reduzidos foram os gados. Os bovinos que restaram escondiam-se ou procuravam novos pastos. Porcos e galinhas voltavam a um estado semi-selvagem.

As autoridades, alertadas pelos representantes da Fazenda Real, que sentiam a queda dos dízimos, tomaram algumas medidas a respeito de sesmarias. Houve uma reformulação na concessão de datas de terra.

Com as notícias, que andavam de boca em boca, de tranqüilidade nos sertões, voltou redobrado o interesse, acendeu-se o propósito de requerer datas de terras para *situar fazendas,* para *acomodar os gados*.

De fora vinham ao Seridó sesmeiros de toda casta, procuradores, vaqueiros, homens à busca de novos meios de vida e aventureiros comuns.

O grande negócio, o que atraía mais que tudo, era a criação de gado bovino.

Ao tempo em que os holandeses dominavam o litoral do Nordeste, figurava o Rio Grande como o maior fornecedor de reses aos intrusos (a posse desta *Colonia Fluminis Grandis* justificava-se principalmente pela abundância de gado) e às feiras de Pernambuco. Os campos até ao Ceará-mirim estavam cheios de bovinos e começavam a

ficar até às ribeiras do Açu e do Seridó. Na sublevação dos indígenas, por eles foram mortas "perto de trinta mil cabeças de gado grosso e mais de mil cavalgaduras" — como registrou o minucioso cronista Pedro Carrilho.

Informava-se ao Rei de Portugal que por todo o sertão o *único grangeo,* isto é, a única ocupação lucrativa, era o gado. Asseverava-se em documento oficial, o que estava certo, que "o sertão com facilidade se povoava de gado porque dava lucro com pouca despesa".

Antes da seca de 1790-93, iam do Rio Grande somente para Pernambuco 15 000 a 16 000 cabeças. Também a Capitania do Rio Grande aparecia como a principal fornecedora de cavalhada para os engenhos de Pernambuco e outras Capitanias.

Havia tanto gado nos sertões que se montaram Oficinas nas zonas de Moçoró e Açu para o preparo de carne seca em larga escala. Para não escassear o suprimento de gado às feiras pernambucanas o Capitão-general governador de Pernambuco proibiu essa indústria, permitindo-a somente em Aracati e posteriormente do Aracati para o norte. Por isso, ficou sendo a carne seca no Nordeste conhecida como "carne do Ceará".

Do litoral escravocrata e sedentário encaminhavam-se para os campos livres do sertão os portugueses e descendentes próximos com a consciência de raça mais viva e o espírito de aventura construtiva mais forte.

Descendiam de famílias da região do Minho em grande parte, intensamente aproveitada no regime de pequenas propriedades, de acentuada integração agrícola, cuja população foi constituída com altos contingentes de celtas, suevos e godos.

Como dizíamos, passaram, assim, depois da Insurreição dos Cariris, a ser transitados os caminhos do interior.

O nome *Acauã* (3) era certamente pronunciado na Bahia, nos sertões do São Francisco, no litoral de Pernambuco e Paraíba. Os soldados e oficiais, que tomaram

(3) *Acauã*. Do tupi *acã-uá,* contração de *acã-uara,* o comedor de cabeças (de cobra). Ave de rapina, protetora dos indígenas, inimiga dos ofídios. Vocábulo onomatopéico: a pronúncia lembra a voz da ave, que parece dizer, quando canta: acauã, ou oacauã. O rio que desce do Picui, depois que entra no Rio Grande, recebeu a designação de Acauã.

parte no recontro inesquecível e voltaram a seus lugares de origem, contavam sem dúvida histórias fantásticas de prender atenção, mas referiam também a terra de rica pastagem, a água boa de beber, o mato de muitas frutas, as serras com grandes pedras, o tempo limpo e fresco — tudo de modo a provocar desejo.

Acauã era nome que corria naquele pequeno mundo. Já em 28 de agosto de 1692, o Senado da Câmara de Natal, dirigindo-se diretamente a El-Rei, reclamava para a Capitania medidas de defesa e apontava como conveniente a fundação de quatro arraiais nos lugares Jaguaribe, Açu, Acauã e Curimataú. O arraial do Açu foi fundado em 1696, e pouco depois o de Jaguaribe. Mas os outros não o foram.

Se fosse na época constituído o aldeamento da Acauã, estaria hoje ali, no vale aprazível, por certo, a mais pujante cidade da banda oriental do Seridó.

Tornou-se o rio da Acauã, nos anos a seguir depois do memorável embate de forças, reconhecido ponto de atração. Para o seu vale e os vales de seus tributários acorreram, como veremos, homens de consciência mais apurada, com um sentimento mais completo da vida rural, mais letrados que o comum dos situadores de fazendas.

Nas longas travessias a cavalo, naturalmente os viajantes precisavam ter pontos certos de pousada, tanto para dormida à noite, como para o descanso do meio-dia.

Pois, no leito seco do rio Acauã, junto à margem direita, abaixo meia légua pouco mais ou menos da garganta de serra conhecida como da Gargalheira, por onde as enchentes desciam encachoeiradas, havia um poço permanente de água sempre fresca. Por certo uma corrente líquida no subsolo do leito alimentava a fonte de modo a mantê-la sempre cheia.

Grandes oiticicas à margem davam sombra densa ao poço, onde centenas de peixinhos nadavam. A espécie, ou a variedade, desses peixes era chamada *acari* na língua dos naturais. Acari quer dizer (etimologicamente) acará pequeno (4).

---

(4) *Acari*. Peixe de água doce do Brasil, vulgo *cari* (*Loricaria plecostomus*) do tupi *acari* (T. S.), isto é, *acará* + *i*, "pequeno". José Pedro Machado, "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", 1.ª edição, editorial Confluência, Lisboa.

Então, a água do rio nesse ponto apresentava-se de boa qualidade: verdadeira água potável. Não havia, nas cabeceiras dos afluentes e nos solos por onde escorriam as águas, ainda o processo de erosão das terras; estas não eram facilmente lixiviadas ou percoladas, não se verificando, em conseqüência, o arrastamento excessivo de sais solúveis, como do cloreto de sódio, o sal comum.

As águas de chuva e as águas correntes, quando não se infiltravam nas estruturas permeáveis, escoavam-se pelas superfícies naturalmente protegidas pelas plantas e pelos restos vegetais. Os solos em geral mantinham-se intactos, com a sua relativa produtividade assegurada. Mas os incêndios ateados no mato, como atos de guerra, começavam a propiciar condições, aqui e acolá, para o seu estrago. Ficando desprotegido o chão, que é no Seridó quase sempre em declive, iniciava-se o processo de erosão.

Por outro lado, não se praticava naquele tempo a cultura de vazantes no leito, ainda úmido, do rio. As águas, portanto, não acarretavam, tomando mau gosto, os componentes químicos do adubo de curral com que, muito tempo depois, já no século passado se fertilizava a areia do rio para culturas de batata doce e feijão de corda.

Para quem conhece a vida no Nordeste das secas não é preciso mostrar o valor, naquele tempo, de um poço, que não seca, de água potável, colocado pela natureza na vastidão da caatinga. Para quem não conhece, convém acentuar este ponto e dar outras informações.

As longas viagens realizavam-se fora da estação das chuvas, quando não havia rios cheios a transpor.

Como se efetuavam aquelas então em cavalos, estes animais teriam os cascos amolecidos — inutilizados assim para as jornadas — se pisassem seguidamente em terra encharcada (5). Essa estação termina geralmente em maio. Alguns meses depois, ainda se observavam filetes de água corrente em córregos nas serras, em riachos nas terras baixas, e poços em determinados trechos dos rios. Do meio

(5) *Burro mulo*. Não se utilizava naquelas eras o chamado *burro mulo*. Nos meados do século XVII foi proibida a criação de muar no Brasil. "Não consultava os interesses da Coroa a criação de um animal que não se reproduz" — disse um estudioso. Posteriormente, em conseqüência da Carta-régia de 14-6-1761, proibia-se o despacho na Capitania de mulas ou machos, bem como a posse deles.

para o fim do verão sertanejo (estação da carência de chuvas), tudo secava superficialmente, com exceção de alguns poços privilegiados.

Era o caso do poço do peixe acari. Em virtude da existência dessa fonte inexgotável, ali se cruzavam dois caminhos de longa distância.

Um deles procedia de Olinda, Igaraçu e Goiana, passava em Campina Grande dos Arius, atravessava o boqueirão da Serrota (6), deixava à esquerda a serra da Rajada, transpunha o rio da Acauã junto ao poço e demandava o Açu e o Jaguaribe.

O outro partia da Bahia, ligava fazendas do rio São Francisco, Piancó, Piranhas (7), deixava a serra da Formiga à esquerda, penetrava na mata dos Angicos, ladeava o poço em referência e seguia com destino à parte do vale onde demorava a serra da Acauã e daí por diante tomava o rumo do nascente até ao litoral.

O viajante que ali pernoitava em redes armadas nos galhos de oiticica queixava-se do vento frio e forte, sobretudo em setembro, outubro e novembro. Certo dia, um transeunte mais paciente, ou um pequeno grupo, teve a idéia de construir um rancho. Ali mesmo cortou quatro forquilhas de aroeira, uns caibros de pereiro, umas varas de mofumbo, uns cipós de buji e uns ramos de oiticica.

Fincadas no chão as forquilhas e colocados na devida posição os caibros, improvisou-se um teto arrumando os ramos cheios de folhas, que são coriáceas, resistentes e duradouras, prendendo-se tudo sob o peso de sobras dos paus cortados.

Amarrando com os cipós a duas das forquilhas as varas em posição horizontal, constituíram-se duas grades uma contígua à outra, uma por fora, a outra pelo lado de dentro, com um espaço no meio para encher de ramos. Desta forma se conseguiu para o rancho uma parede do lado do nascente a fim de proteger contra o vento.

Aquele pouso cada vez mais se ia tornando conhecido. Quando se ensinava caminho, ou se preparava uma excursão, recomendava-se o poço do acari à beira do rio da Acauã. Por um processo natural de simplificação, já se falava no Acari.

---

(6) *Boqueirão da Serrota*. É o atual boqueirão de Parelhas.
(7) *Piranhas*. Atualmente é a cidade de Pombal.

Um ou outro viajante que transitava por ali gostava do lugar. Demorava um pouco, explorava as imediações, subia rio acima pelo leito seco, ia até às matas da Gargalheira.

Caça abundante de animais pequenos, como o mocó; até os de porte maior, como veado; de aves, como jacu, asa-branca e juriti — povoava o caminho. Nos poços da Gargalheira encontravam-se marreca e galinha d'água.

Então, o viajante curioso resolvia ficar no ponto em que cruzavam os caminhos. Levantava perto do poço um rancho ou uma palhoça. Assim, foram surgindo desordenadamente as cabanas do lugar. Isso acontecia ao despontar o século XVIII.

Filho do Acari, da geração atual! Quando vires uma casinha de taipa coberta de palha, respeita. Numa semelhante viveram teus antepassados, sem angústias, felizes numa natureza verdadeiramente mãe, pródiga de caças finas, mel de abelhas e frutos silvestres.

CAPÍTULO IV

OS PRIMEIROS ANOS

AO FINDAR-SE o século XVII reassumiu o governo da Capitania do Rio Grande o Capitão-mor Bernardo Vieira de Melo, cavaleiro fidalgo da casa real, justo, correto, decidido — o valoroso pernambucano que pouco mais tarde, a 10 de novembro de 1710, daria o brado republicano no Senado da Câmara de Olinda, propondo a formação de um patriciado, nos moldes da República de Veneza.

Fora reconduzido a 18 de novembro de 1697 por mais três anos — e foi ele o único Capitão-mor a ser nomeado novamente a pedido do povo, satisfeito de seu governo — indo até 14 de agosto de 1701.

El-Rei de Portugal, devidamente informado, dirigindo-se ao Senado da Câmara de Natal, reconhecia na carta-régia os méritos de Bernardo Vieira de Melo: "... depois que exercita o posto de Capitão-mor, por se ter havido nelle com muito zelo e boa disposição, reduzindo todo o gentio a uma universal paz, por cuja causa se acham estes sertões com grande principio de povoação, a Capitania em socego, a justiça administrada com rectidão..."

Nesse ambiente de tranqüilidade é que recomeçaram as viagens pelos sertões. Não se conhece providência de autoridades, ou de Mestres de Campo ou ainda de Cabos de Guerra, para aldear indígenas especificamente na Acauã ou em lugares próximos.

Logo, a iniciativa de formação dos primeiros ranchos no Acari não foi tomada para aldeamento dos janduís pacificados. Coube a tarefa aos viajantes à procura de situações ou de aventuras. É verdade que — conforme reza a tradição — nos primeiros tempos, no povoado incipiente, habitavam alguns silvícolas.

Deveriam ser remanescentes inválidos dos belicosos janduís, sobretudo mulheres e crianças, que deixavam os esconderijos nas serras e nas grutas dos campos. Muitas histórias se contaram de moças das selvas que foram apanhadas, em correrias a cavalo, nas serras do Bico, da Rajada e da Formiga. No seio da família Nóbrega corria uma lenda segundo a qual uma dessas jovens, encontrada na chã da serra da Formiga, constituía a origem sertaneja de um ramo dessa estirpe.

Localizados os ranchos primeiramente em áreas bem juntas do poço, foi-se notando com o tempo e com o aumento das unidades que melhor seria utilizar um terreno um pouco mais abaixo, logo depois do riacho que mais tarde se denominou da Juliana.

Aí no novo chão se construíram casas de taipa cobertas de folhas de oiticica ou de palhas de carnaúba, trazidas estas de vales próximos. Não tardou que chegasse ao lugar um oleiro, ou simples curioso que soubesse fazer telha.

Por volta de 1720 já existia o que se poderia chamar um povoado. Acompanhando a barreira da margem direita do rio, encontrava-se pequeno lance de casas, com as frentes para o norte. Num trecho mais horizontal, perto do riacho, fincara-se a latada para a feira semanal.

A base da alimentação eram caças: veado, tatubola, peba, mocó, preá, asa-branca, juriti e, na época adequada, algum peixe do rio. Entretanto, o alimento mais desejado, farinha de mandioca (*Manihot utilissima*), mostrava-se escasso. Ia de fora, do litoral. Para compensar, iniciara-se a plantação de alguns pés de macaxeira (*Manihot palmata*) e de jerimum.

Não havia produção local de farinha: primeiro, porque, segundo a idéia generalizada, achavam imprópria a terra dos sertões para cultivar maniva, em virtude da falta de chuvas na maior parte do ano; segundo, não havia o aviamento, isto é, o rodete, o caitetu, a prensa, o forno de alvenaria, utensílios e vasilhas indispensáveis.

Esta segunda razão se afiguraria de menor significado, já que se poderia empregar o sistema indígena, muito simplificado. O essencial, então, seria este outro aviamento: pedras apropriadas para ralar ou moer; um tipiti — cesto cilíndrico de lâminas de taquara, ou de folha de palmácea, como carnaúba — para a espremedura

da massa obtida pela ralação ou moagem; e uma laje, para ser aquecida a fogo nu. Nesta pedra se obteria ou farinha solta, mexendo a massa, ou beiju, envolvendo punhados de massa em folhas grandes, o que para portugueses era pão.

Já dizia Damião de Góis, no século XVI ("Crón. de D. Emanuel", Lisboa, 1566, parte I, fls. 53) a respeito dos indígenas e da mandioca do Brasil: "Comem pão feito d'uas raizes... estas raizes pisam em huas pias de pedra... e depois de bem pisadas lhes premem ho çumo... e... poem a massa a secar em cestos... e secca ha moem em farinha... de que fazem hum pão tão saboroso, que hos nossos Portugueses ho comem de milhor vontade que pão de muito bom trigo".

Milho, de origem americana, utilizado pelos indígenas, cultivava-se com facilidade em qualquer recanto do rio ou de riacho, ou junto às residências, na estação chuvosa. O cereal em grão, seco ou que foi posto de molho, constituía alimento de substância para os cavalos. Milho verde, assado no espeto ou cozido, representava para as pessoas um regalo num regime de alimentação pouco variada.

Do milho se preparavam os pratos de rotina — mancunzá, xerém, angu e cuscuz [8] — bem como pipoca e fubá doce (feito do caroço que não arrebenta misturado

---

(8) *Mancunzá* e *cuscuz*. Mancunzá: vocábulo de origem africana, de uso tradicional no Seridó. É comida salgada de milho em caroço, bem cozido, que foi pisado em pilão, que não quebra o grão, mas separa a película e o germe (o olho). Não confundir com mungunzá, espécie de sopa de caroço de milho com leite e açúcar, comida de outras terras. No Seridó tradicional considera-se pretensiosa a palavra mungunzá.

Cuscuz de milho: do árabe *Kuskus*, "alimento preparado com sêmola", muito usado no norte da África. Diz o etimologista português José Pedro Machado que a ausência do artigo definido arábico *al-* prova a entrada moderna do vocábulo em Portugal (no século XV passou-se a empregar a palavra nesse país). Em espanhol: alcuzcuz.

Também chamado pão de milho no sertão, é alimento que se come simples, com manteiga de garrafa, com leite animal em forma de sopa, ou com leite de coco e açúcar para servir de sobremesa.

Fofo, absorvente, o cuscuz obtém-se de milho pisado em pilão, reduzido a grãos finos, que são umedecidos, peneirados e cozidos em vapor d'água numa panela de pescoço.

com rapadura e pisado em pilão), duas delicadezas da época.

As pessoas que moravam no povoado eram simples e pobres. Plantavam em terras que não eram suas. Criavam galinhas e algumas cabeças de miuças. O problema essencial a resolver era a alimentação, mas esta se mostrava abundante para quem por natureza tão pouco requeria.

A feira semanal revestia-se de pouco movimento. Nela se trocavam alguns produtos e vendiam-se farinha de mandioca e outros gêneros alimentícios; artefatos para as necessidades mais prementes, como colheres de pau, pilãozinhos, abanos, panelas e vasilhas de barro; mel de abelha em cabaça de colo e frutos do mato, especialmente imbu (9), pitomba, juá, e ameixa; cordas e arreios toscos; apragatas (10) e chinelinhas de couro; comidas leves, para os que iam de fora, aluá de milho e aguardente em barril.

Quanto a vestuário e às redes de dormir deste pequeno grupo, recorria-se ao algodão inteiro de algodoeiros plantados nas margens do rio. Fiava-se o algodão, tecia-se o fio e faziam-se roupas para a mulher e o homem. As redes eram tecidas de modo especial.

A rede de dormir, confortável, repousante, adequada ao ambiente, possuía imensa aptidão: armava-se em qualquer cômodo da casa; servia de leito para o residente e de peça de mobília para a visita; utilizava-se para transportar pessoas (sadias, doentes ou defuntas); enrolada às

---

(9) *Imbu*. Do tupi *y* + *mbo* + *u*, aquele que faz beber. O fruto do imbuzeiro *Spondias tuberosa*. A voz recolhida dos indígenas do Nordeste é imbu, que de longa data se emprega. No Rio Grande do Sul há uma árvore, de outro gênero e de outra espécie, chamada umbu.

Não confundir. No Seridó, como no Nordeste interior, a pronúncia tradicional é imbu. Também se deve dizer imbuzeiro, imbuzada, imbuzal. Imbu é vocábulo absolutamente correto.

(10) *Apragatas, alpargatas*. Do árabe norte-africano *al-balgart*, plural regular de *balgâ*, que deu alpargatas, alpercatas. Certamente o termo introduzido nos sertões foi alpargatas, que passou sucessivamente, por um processo natural de simplificação, a apargatas e apragatas. Em Portugal usavam-se também as variedades alpargate (antigo) e alparca.

Há expressões populares de muita força, como *Meteu as apragatas* (decidiu com rapidez), *Voltou em cima das apragatas* (voltou imediatamente sem ao menos as tirar dos pés).

costas, ou levada na carona sobre a sela, constituía um leito sempre pronto para o viajante.

Pode-se considerar a rede de dormir uma das grandes idéias da humanidade em seus primórdios de civilização. A sua invenção atribui-se ao indígena sul-americano, em tempos de que não se guarda memória. O ativo difusor de seu uso foi o tupi-guarani. Os cariris que viviam pelo Seridó, a saber, os janduís, gostavam de redes compridas e largas. Deixaram o bom exemplo.

Por essa época deveria o povoado compor-se aproximadamente de duas dúzias de residências. A pouca densidade da população na zona despertou o espírito de solidariedade entre os habitantes. Passou-se a viver mais em comum, a conversar nos terreiros, a rezar o terço à boca da noite, a ajudar uns aos outros.

Muitas vezes, ao amanhecer, uma dona de casa ia pedir um tição aceso à vizinha, pois apagara o fogo de sua trempe de cozinhar. Naquele tempo, era preciso conservar sempre alguma brasa no fogão. No Acari, como em qualquer parte do mundo, tornava-se imprescindível deixar para o dia seguinte uma chama mortiça de tocha, de candeia ou de lenha. Não havia fósforos, que só apareceram timidamente na Europa em 1827.

Não raro, um sitiante precisava de fogo. Então, ia longe buscá-lo: levava-o para casa no facho de uma cactácea arbórea (*Cereus pentagnomus*) cujo galho seco, resinoso, se manteria aceso, resistente ao vento, por horas. Essa planta ficou conhecida como *facheiro*.

Desde as eras mais remotas da história da humanidade, desde a idade paleolítica (primeiro período da idade da Pedra), o homem, quando era apenas um colhedor de alimentos, já produzia o fogo.

Dois são os processos gerais: 1) por percussão (de dois nódulos de pirita; de pirita e sílex; de calcedônia ou sílex e aço); 2) por fricção de madeira (atrito com o movimento como o do serrote; atrito em sulco; atrito giratório de um estilete de madeira dura sobre um pedaço de pau).

O último processo era o empregado pelo homem do novo Continente. Portanto, também pelos cariris, assim como pelos primeiros colonizadores de origem européia. Os novos povoadores usaram largamente ainda o processo de percussão, o qual funcionava por meio de um isqueiro.

Compunha-se ele de um receptáculo, geralmente feito de ponta de chifre de boi; que se enchia de pano desfiado ou algodão, sem comprimir, queimado superficialmente — a *isca;* e se fechava com uma tampinha movimentada por uma correia. Este artefato era conhecido como *artifício*.

Destampado, segurava-se com os dedos indicador e polegar da mão esquerda, que também prendiam uma pedrinha de sílex, chamada a *pederneira;* com o fuzil, uma peça de aço (pedaço de lima), na mão direita, desferiam-se golpes na pedra. As faíscas desprendidas acendiam a mecha. Soprava-se o fogo incipiente, que poderia ser transferido para outro meio adequado.

Uma ou outra pessoa do mato ainda usa hoje o artifício para acender cigarro ou cachimbo. Como às vezes demora o isqueiro a funcionar, é chamado ironicamente *sacrifício* (11).

---

(11) *Artifício*. Quando menino, o autor, participando de serviços de tirar na Serra Grande madeira para construção — sobretudo benjoim, para brabo, aroeira para linha, e louro, para caibro — assistiu frequentemente a seu pai, Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa, bom conhecedor da velha tecnologia dos sertões, fazer fogo no mato com artifício.

O linguista e etnólogo José Leite de Vasconcelos ("Textos Arcaicos", 4.ª edição, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1959), faz a seguinte anotação a propósito das coisas necessárias para utilização em uma casa, em Portugal: "Antes do uso dos fósforos, que só começaram a existir entre nós na primeira metade do século XIX, o lume acendia-se com *fusil, isca e pederneira,* como aqui se diz. Hoje este modo de acender lume está quase só circunscrito nos fumadores; digo *quase,* porque os pegureiros do Alentejo, que, pelas circunstâncias especiais em que vivem, estão muito aferrados a antigas usanças, ainda por vezes, quando lhes faltam fósforos, acendem assim o lume, como lá tenho visto".

CAPÍTULO V

OS NOVOS POVOADORES

PARA o Acari e as terras em volta foram chegando novos povoadores.

Em 1718 situou fazenda no Saco dos Pereiras o pernambucano Nicolau Mendes da Cruz, que a vendeu a seu parente o Sargento-mor Manuel Esteves de Andrade em 1725.

Chegou em 1720 o jovem português Tomás de Araújo Pereira, carregando na consciência sem o perceber a tradição do bem público de muitas gerações de seus ancestrais. Trabalhou, progrediu e montou fazenda de gado em Picos de Baixo, à margem do rio Acauã.

Da Paraíba seguiu em 1727 para a ribeira do Piranhas com um irmão o adolescente Caetano Dantas Corrêa, filho de português, e de lá mudou-se para o Acari, instalando fazenda de criação em Picos de Cima, a uma légua e meia pouco mais ou menos do povoado.

Caetano foi coronel do Regimento de Cavalaria de Milícias até aos 80 anos. Fundou a aglomeração urbana que é hoje a cidade de Carnaúba dos Dantas.

Na Acauã Velha acomodou-se com seus gados, um pouco antes de 1730, o português Alexandre Rodrigues da Cruz, de grandes posses, em moedas de prata e ouro guardadas em botijas de barro que mantinha enterradas, introvertido, reservado, vivendo num mundo de poucos amigos no ambiente restrito da Acauã, São Bento, Totoró e Bico da Arara.

Contemporaneamente, fixou sua fazenda em terras do Bico da Arara, boas de criar, Francisco Cardoso dos Santos, igualmente discreto. Seu campo de ação social eram as casas-grandes rurais da Acauã e Totoró.

Procedente de Igaraçu, mas natural de Goianinha, veio com sua esposa para o Totoró, sede de extensos campos de criação, de paisagem rica de monumentos naturais, Cipriano Lopes Galvão, de família abastada, personalidade acolhedora e justa. Casou na Capitania de Pernambuco com dona Adriana de Holanda de Vasconcelos, descendente em linha direta de Arnau de Holanda, um dos nobres que acompanharam o Donatário da Capitania, Duarte Coelho, a Pernambuco e que era sobrinho do Papa Adriano VI (eleito em 9 de janeiro de 1522).

Cipriano Lopes Galvão era da família do Secretário das Mercês no reinado de Dom João IV, Manuel Lopes Galvão, cujo filho do mesmo nome foi Mestre de Campo famoso na luta para expulsão dos holandeses, presente e ativo em inúmeros combates, cercos, tomadas de fortes, encontros e nas duas batalhas do Guararapes, e companheiro de Luís Barbalho Bezerra naquela quase inacreditável marcha de 400 léguas de Touros à cidade do Salvador, vencendo e perdendo, mas lutando sempre, para desalojar o inimigo e ao mesmo tempo para levantar o ânimo aos brasileiros, dando-lhes consciência de pátria. "Como um astro surgido no Ocidente" — foi a comparação de Barleus, famoso historiador holandês da época.

Da Bahia, da capital do Vice-Reinado, chegou ao Acari, pouco depois de 1740, varando ansioso os sertões de cima, o jovem Antônio Garcia de Sá Barroso. Instruído, detentor de alguns recursos financeiros, fora atraído para aquelas paragens certamente pelas notícias da *bondade* da terra e dos *salutíferos* ares. Construiu o casarão do Serrote, sede de sua grande fazenda (12) a poucas braças do povoado, bem como do poço de água permanente.

De Goiana, com estadas em Mamanguape e Serrinha, na Paraíba, transportou-se para Acari Antônio Pais

(12) *Fazenda do Serrote*. O autor, ainda muito jovem, e depois nas suas férias escolares e de trabalho, viveu numa fazenda constituída em grande parte por terras da Fazenda do Serrote, que passaram de Sá Barroso para sua filha Teresa e o marido Tomás de Araújo Pereira, o terceiro; que foram herdadas destes por sua filha Maria José e o marido Antônio Pereira; que se transferiram destes para suas filhas Ana e Isabel e respectivos maridos Cipriano Lopes e Cipriano Bezerra, irmãos um do outro; que se transmitiram de Isabel e Cipriano Bezerra por herança a Cipriano Santa Rosa e, por compra, de Ana, já viúva, ao mesmo Cipriano Santa Rosa.

de Bulhões, filho de portugueses, figura das mais curiosas dos novos habitantes do lugar. Esquisitão, compreensivo, dadivoso ou retraído conforme as circunstâncias, sossegado no cotidiano ou violento na defesa, mas sempre voltado para a elevação espiritual, encheu com a sua vida a história e o anedotário seridoenses do século XVIII. Levantou fazenda à margem do rio São José, num lugar que um seu beneficiado denominou Remédio num dia de aflição em tempo de seca brava.

Quem procedia do litoral das Capitanias de Pernambuco e Paraíba, caminhando pelo planalto da Borborema, entrava geralmente no Seridó pelo boqueirão da Serrota. Muitos que iam dos altos sertões do sul, de Pernambuco ou Bahia, costumavam tomar o caminho deste boqueirão. Poucos, entretanto, ficavam por ali; prosseguiam viagem, talvez à procura de melhor situação.

Entre os que na zona estacionaram conta-se o forasteiro Francisco Fernandes de Souza, que em 1723 requereu terras entre os rios Seridó e Coati. Entre os que continuaram as jornadas além do rio Acauã figura Cosme de Abreu Maciel que em 1743 já possuía fazenda no Passaribu e em 1754 obtinha sesmarias em Rossaurubu, no lugar onde hoje demora a cidade de Florânia.

Nos ondulados que ficam na confluência do rio da Cobra com o rio Seridó constituiu fazenda Antônio de Azevedo Maia, português, nascido em 1706 e que muito moço seguiu para a zona do Acari. Seu filho, Antônio de Azevedo Maia Júnior, erigiu uma capela (1790-1804) e fundou o aglomerado urbano que foi Conceição do Azevedo e é hoje a cidade de Jardim do Seridó.

Chegaram outros homens e procuraram os vales férteis dos rios Acauã, São Bento, Totoró, Bico da Arara, Carnaúba e São José. Os campos largos, as excelentes pastagens em pés de serra, a aguada certa nos poços dos rios, o clima bom — propiciaram condições favoráveis de criatório.

Possuíam esses troncos e seus descendentes próximos algumas características comuns: hábitos puritanos, capacidade de trabalho, ação na adversidade, vida metódica e pacata, respeito ao próximo [13], conformidade com

(13) *Cumprimento nas estradas*. Ainda hoje se cumprimenta tirando o chapéu, nas estradas de cavalo, um desconhecido que passa.

os acontecimentos, extrema paciência e forte espírito religioso sem muita superstição.

Em suas casas, quase todos tinham os santos da devoção e oratórios. E era comum tirar-se o terço à noite antes de dormir. Em algumas residências, pela madrugada, rezava-se o ofício de Nossa Senhora.

Tomás de Araújo Pereira casou com Maria da Conceição Mendonça, nascida na Bahia e filha do casal Cosme Soares de Brito e Madalena de Castro. Presume-se que ele tenha conhecido a futura esposa na Capitania de Pernambuco, mas, com a mudança da família dela para a Paraíba, aí se efetuasse o matrimônio. Na confluência do riacho Juazeiro com o rio Acauã, no lugar Picos, criaram-se os oito filhos.

Cipriano Lopes Galvão, do litoral do Rio Grande do Norte, e Adriana de Holanda de Vasconcelos, ambos de elevado comportamento social, casaram-se em Igaraçu e foram residir nos sertões próximos da serra de Santana, ocupando grande parte dos vales dos rios Totoró e São Bento.

Para o Seridó já veio casado Alexandre Rodrigues da Cruz com Vicência Lins de Vasconcelos, esta certamente de família pernambucana (14). Uma de suas filhas, Teresa Lins de Vasconcelos, contraiu matrimônio com Francisco Cardoso dos Santos, possuidor de fazenda no Bico da Arara, ao nascente do ponto em que o rio Malhada Vermelha faz barra com o rio do Bico.

Aos domingos de manhã costumava Alexandre com a mulher e a família passar a cavalo pelo pátio da Fazenda do Serrote. Saía cedo da Acauã Velha para assistir

---

(14) *A família Lins de Vasconcelos*. A família Lins de Vasconcelos é registrada na "Nobiliarchia Pernambucana", de A. J. V. Borges da Fonseca. O tronco dos Lins de sangue no Nordeste são os fidalgos florentinos irmãos Sibaldo e Cristóvão Lins, que chegaram logo no século XVI. Os Lins, forma aportuguesada de Linz, eram de origem alemã, de nobres da Baviera, segundo o historiador Rodolfo Garcia. Sibaldo casou com Brites, filha de Jerônimo de Albuquerque e Maria do Espírito Santo Arcoverde, indígena. Cristóvão casou com Adriana, filha de Arnau de Holanda e sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos. Os nomes de Adriana e Brites eram comuns nas famílias tradicionais pernambucanas descendentes do casal Arnau de Holanda-Brites Mendes de Vasconcelos, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Mas não vingaram no Seridó.

à missa na nova capela. Ia num cavalo esbelto a graciosa Ana, junto de sua mãe Vicência, todos já então com a marcha diminuída para um baixo macio.

Ao pé da porteira do curral de pau a pique, desde cedo estacionava à espera, paciente, o fazendeiro Antônio Garcia de Sá Barroso. Passava a comitiva, mas ficava a lembrança dos olhares da jovem. Pouco depois, na capela, em movimentos rápidos, encontravam-se os raios de luz dos olhares. Isso aconteceu alguns domingos.

Antônio Garcia resolveu. Montou a cavalo e dirigiu-se à fazenda de Alexandre a pedir-lhe em casamento a filha. O pai da moça foi decisivo, negou.

Saiu Antônio Garcia a passo, refletindo na razão da recusa: só porque chegara ao Acari às carreiras, sem carregar o contrapeso das tradições de família. Ora, se era por isso, fácil seria a solução: *furtaria* a moça. Mas como? Bem, conhecia uma mucama... ela iria lá com um bom pretexto, falaria com a sinhá moça, combinaria tudo.

Encontrada a solução, Antônio Garcia esporeou o cavalo e varou as distâncias satisfeito.

Na noite aprazada, altas horas, quando o galo começa a cantar, lá estava ele com duas testemunhas idôneas, para *furtar* a moça. Esta veio ao encontro muito lépida e feliz, montou na garupa do cavalo, amaciada por um coxim, do futuro marido e saíram todos em busca da casa digna, já acertada, tudo de acordo com hábitos antigos e consagrados.

Dias depois, cumpridas as negociações de praxe, realizava-se o casamento de Ana Lins de Vasconcelos.

Este, parece, constituiu o primeiro elo de uma corrente romântica de moças furtadas pelos anos a fora. Em certa época eram tantos os furtos que bastava um galo cantar às dez horas da noite para se dizer: — Foi moça furtada.

Logo depois de 1750, nas suas pequenas viagens ao povoado do Acari, Antônio Pais de Bulhões saía de sua fazenda à margem direita do rio São José e, dando uma volta, tocava na Fazenda Picos de Baixo para um dedo de prosa com Tomás de Araújo e tomar um pichel do

bom vinho do Porto [15], ou beber um coco d'água fresca [16]. Lá encontrava a Josefa, encanto de menina-moça, de uns 12 anos bem nutridos, esbelta, desenvolta, de olhar buliçoso, irradiando simpatia. Prendeu-se à magia da Josefa, terminando por ficar noivo.

Mas em 1752 chegava Caetano Dantas Corrêa, fixando-se definitivamente com fazenda na vizinhança, em Picos de Cima. Os dois fazendeiros da margem do Acauã visitavam-se. Caetano, apesar de quarentão, começou a interessar-se pela *menina do senhor Tomás,* a qual, como se viu, já estava noiva do outro. As relações de amizade, todavia, entre o pai de Josefa e o esquisitão do rio São José andavam ligeiramente estremecidas.

O fato é que em 1753 se efetuava o casamento com muita festa de Caetano com Josefa.

Mais tarde, Pais de Bulhões passou a dirigir olhares compridos para outra filha de Tomás de Araújo, a Ana, a mais moça. Como pedi-la em casamento? Esperou pacientemente até que, num dia de missa na fazenda do pai da jovem, faltando o sacristão, pôde, manhosa e apaixonadamente, resolver o impasse, o que conquistou a simpatia geral. Mais que depressa, um amigo comum efetivou o pedido de casamento. Consentido de boa-vontade, este realizou-se algum tempo depois.

Os seridoenses de hoje, originados de famílias tradicionais do Acari do século XVIII — *seridoenses de fibra longa,* como diria o escritor Oswaldo Lamartine, especializado em literatura acerca do Seridó — descendem de

---

(15) *Pichel.* Vasilha de recolher vinho tirado das pipas para uso imediato, medida para líquidos. Pequeno vaso antigo, geralmente de estanho, para beber vinho. Em Portugal era usual a expressão: tomar um pichel de vinho.

(16) *Coco d'água.* É expressão clássica da língua portuguesa. Púcaro de folha para tirar água dos potes ou cântaros (colocados na cantareira). Copo de lata, vaso de folha com asa para tirar ou beber água.

Também se dava (nas casas abastadas) a uma pessoa de consideração, para beber, água fria em copo de prata, grande e pesado.

alguns dos troncos referidos ou de todos eles [17], com exceção de Manuel Esteves de Andrade, que chegou e saiu não deixando família de descendência direta; e, se deixou, ela diluiu-se no anonimato.

E curioso é que o Sargento-mor Manuel Esteves de Andrade, por haver construído a capela de Nossa Senhora da Guia, no consenso geral se considera o fundador do Acari.

(17) *Pater familias*? Se alguém quiser procurar o *pater familias* que tenha constituído no Seridó a origem do maior número de famílias seridoenses encontrará sem dúvida esse prolífico tronco em Tomás de Araújo Pereira, o primeiro, o português.

Dele descendem os Dantas, de Carnaúba (sua filha Josefa casou com Caetano Dantas Corrêa); os Medeiros, do Acari e Cruzeta (sua neta Ana, filha de Antônio Pais de Bulhões, casou com o Capitão-mor Medeiros); os Azevedo Maia, de Jardim do Seridó e Carnaúba (sua neta Micaela, filha de Caetano Dantas Corrêa, casou com Antônio de Azevedo Maia Júnior, o fundador de Conceição); os Gomes da Silva (sua neta Maria, outra filha de Caetano Dantas Corrêa, casou com Francisco Gomes da Silva, Capitão-mor de Ipojuca, que morou na Fazenda Jardim, à margem do rio Acauã e deixou grande descendência seridoense); os Pires de Albuquerque (sua bisneta Guilhermina, filha do Capitão-mor Medeiros, casou com Antônio Pires de Albuquerque, conjurado de um movimento patriótico do Recife, acolhido no Seridó); os Pereira, da Acauã (sua bisneta Maria José, filha do terceiro Tomás de Araújo Pereira, casou com Antônio Pereira, do Serrote); os Nóbrega, da Timbaúba dos Gorgônios e da Pedreira (seu bisneto Gorgônio Pais de Bulhões, filho de Cosme Pereira da Costa, casou com Inácia, filha de João Alves da Nóbrega, das Trincheiras); os Bezerra, de Acari, Jardim do Seridó e Currais Novos (suas trinetas as irmãs Ana e Isabel, filhas de Antônio Pereira, casaram, respectivamente, com os irmãos Cipriano Lopes e Cipriano Bezerra, de São Bento); e outras famílias, como os Félix de Araújo, dos Garrotes, os Cananéias, dos Angicos, e tantas mais.

CAPÍTULO VI

A CONSTRUCÃO DA CAPELA

COMO DISSEMOS no Capítulo anterior, um dos novos donos de fazenda no Acari era o Sargento-mor [18] Manuel Esteves de Andrade, que se transportou de Paraíba. Foi residir na sua fazenda do Saco. Chegou solteiro, como tantos outros.

Frequentemente mandava chamar, para residir com ele no Seridó, sua mãe, que era baiana, muito católica, e temerosa não o acompanhara. Esta respondia que, enquanto não houvesse nas proximidades da fazenda uma igreja para o culto, não poderia atender ao chamado.

Então, o filho deliberou construir uma capela. Para isso, encaminhou, em 1736, a dom José Fialho, bispo de Pernambuco, em Olinda, uma petição, com a necessária justificativa. Eis o traslado da petição e provisão (respeitada a ortografia):

"Illustrissimo senhor. Dis o Sargento Mor Manuel Esteves de Andrade morador no districto do curato de Piancó que elle pertende erigir hua capella com a invocação de N. S. da Guia, no lugar xamado Acari districto do dito curato, para o fim de sua alma e dos mais moradores circunvisinhos, por ficarem distantes de sua Matris oito dias de viagem, para cujo fim tem junto muita pedra, lhe fez a escritura do patrimonio que apresenta em meia legoa de terra que rende todos os annos de arendamento deis mil reis, os quais aplica p.ª os paramentos, reparação, fabrica da dita capela por tanto pide a vossa Illustrissima lhe faça mercê atendendo ao muito serviço de Deos que

(18) *Sargento-mor*. Posto equivalente ao de Major, atualmente. Era em parte honorífico.

se seguirá com a ereção desta capela conceder-lhe licença para apuder erigir, estando de todo acabada, e ornada com os paramentos necessarios o seu Reverendo Parocho a possa benzer e nella celebrarem-se os divinos officios, e já os moradores daquelle lugar alcansarão licença que apresentão para apuderem erigir por ter sido vossa Illustrissima informado do Reverendo Parocho ser util, em numerario, e receberá mercê. Para provisão para se erigir a capella na forma do estilo. Olinda onse de Novembro de mil sete centos, e trinta, e sete estava a firma do Illustrissimo Senhor Bispo. Dom José Fialho por mercê de Deos, e da Sancta e Apostolica Bispo de Pernambuco, e do concelho de sua Mag.e aq.m Deos goarde e d.a pela presente concedemos licença ao Sargento Mor Manoel Esteves de Andrade, para que possa erigir a capela de N. S. da Guia no lugar xamado Acari do curato de Piancó erecta na forma da nossa constituição dada em Olinda sub nosso signal, e sello aos dose dias do mês de Novembro de mil sete centos trinta, e sete, eu Miguel Alvares Lima escrivão da Camera Episcopal o escrevi estava a firma do Illustrissimo Senhor Bispo sello valla sem sello ex causa seis mil tresentos, e vinte. Monteiro Registada a folhas cento, e setenta, e nove no Livro trese do Registro Olinda dose de Novembro de mil sete centos trinta, e sete"... etc. etc. (19).

Como se vê, o bispo de Pernambuco despachou desta forma: "pela presente concedemos licença ao Sargento Mor Manoel Esteves de Andrade, para que possa erigir a capela de N. S. da Guia no lugar xamado Acari do curato de Piancó erecta na forma da nossa constituição".

Construída a capela numa pequena esplanada em nível superior ao povoado, com a frente para o norte e a parte posterior para o casario pobre, voltou o Sargento-mor à presença da autoridade eclesiástica para solicitar o documento que autorizasse a bênção do templo e a realização dos ofícios religiosos.

"Diz o Sargento Mor Manoel Esteves de Andrade morador no certão do Acari freguesia do Piancó donde

(19) *Petições e provisões*. De acordo com registro no "Livro do Tombo", sob guarda da Irmandade de Nossa Senhora da Guia, em Acari, para o qual se passaram petições e provisões que se achavam lançadas no "Livro velho".

elle Sup.e tem erecto hua capela invocação N. S. da Guia com provisão de vossa Illustrissima, para effeito de se benser por estar acabada, e ter os paramentos necessários So lhe falta provisão pide a vossa Illustrissima seja servido mandar provisão para se benser a dita capela estando na forma da constituição pelo seu Reverendo Parocho, ou sacerdote de sua licença pelos longes do dito lugar e se puder diser nella missa, e os mais divinos officios, e receberá mercê".

Atendeu o bispo em 14 de abril de 1738 com o despacho: "Passe provisão para se benser a capela na forma que se pede tendo ela os requisitos necessarios". Tudo legalizado, logo começou a funcionar o templo.

Cuidou o Sargento-mor de levantar ao lado esquerdo da capela, separada por um beco para trânsito de cavaleiros e pessoas a pé, uma casa de alvenaria com boas acomodações destinada a residência do pároco e sacristão, bem como a hospedagem de padres e visitadores em missão eclesiástica.

Esta casa — que se pode considerar a primeira residência da nova povoação do Acari — era acaçapada e suficientemente larga. Resistiu até 1908. Por essa época, na parte antes destinada à residência do sacristão, morava uma figura popular da cidade, a Joana Nunes, de meia idade, gorda, baixa, sempre de chapéu de massa (20) à cabeça. Morava também Paula, que fora protegida do padre Tomás (falecido em 1893), com sua filha Lourença.

Foi demolida a casa para em seu lugar se construir o então moderno Grupo Escolar Tomás de Araújo, prédio atualmente ocupado pela Prefeitura Municipal.

Havia muitos padres no Seridó do passado para atender aos serviços religiosos da capela do Acari. Dom José Adelino Dantas, nascido no município de Acari e que foi bispo de Caicó, paciente investigador de documentos em cartórios e irmandades, diz em seu livro "Homens e Fatos do Seridó Antigo" que na vanguarda de batedores de sertões apareceram muitos reverendos. Inúmeros requereram datas de terra, outros se tornaram grandes proprietários de terras e prósperos fazendeiros.

---

(20) *Chapéu de massa*. O mesmo que chapéu de feltro, isto é, de estofo de lã ou de pelos devidamente processado.

Acentua que não é fácil distinguir quais, entre tantos, eram os vigários e os substitutos, tal a ocorrência deles. Depois de organizar uma lista de padres no século XVIII, conclui: "além desses vigários, curas e capelães, os arquivos paroquiais do Seridó registram os nomes de muitos outros sacerdotes que por aqui apareciam, batizando, casando e sepultando, devidamente autorizados".

Da abundância de padres nos sertões — homens dotados de instrução superior — resultou que se difundissem as letras e aparecessem tantos homens cultos em relação ao meio e à época.

Outras casas — poucas, bem verdade — foram-se construindo em seguida à residência dos padres na direção do poente, bem como no alinhamento da capela no rumo do nascente. Essas construções que surgiam aqui e acolá eram de tijolo e telha, amplas, de duas águas, compostas em geral de sala de frente, quartos sem janela, sala de refeições perto da cozinha, despensa, e um quintal nos fundos, com quartos para serviçais e secreta ou comua [21], cercado por muro alto. Mobiliário: na sala da frente, sofá e cadeiras; na sala de refeições, mesa e bancos; nos quartos, arcas, baús e redes de dormir; na despensa, jirau.

De propriedade dos fazendeiros mais prósperos, essas casas não serviam de habitação normal; abriam-se nos dias de missa, de feira, de festas religiosas ou de casamento na família. Representavam uma espécie de luxo, uma demonstração discreta de vitalidade econômica.

Por haver erguido a capela e tomado as medidas complementares, considera-se como fundador do Acari o Sargento-mor Manuel Esteves de Andrade. Os documentos escritos e a tradição oral só se ocupam dele em relação à capela. Não se contam histórias de sua vida de fazendeiro, não se fala de sua atuação nos assuntos regionais.

Não se sabe se ele voltou à Paraíba ou se foi para algum outro ponto do litoral, ou para algum lugar no sertão, ou ainda se permaneceu tão isolado no Saco que somente às pessoas a ele mais chegadas lhe conheciam a vida particular. De outra parte, não se tem conhecimento se sua mãe veio para o Acari, ou se veio e voltou logo.

---

(21) *Secreta ou comua*. Expressões que correspondem a privada, latrina.

Com o fim de obter mais algumas informações a respeito do Fundador, que tenham veracidade, resolveu o autor empreender uma pesquisa de campo no próprio lugar onde ele viveu há mais de 230 anos, o Saco dos Pereiras. Para isso, saiu do Acari às 6 horas de 4 de outubro de 1972, em automóvel, na companhia de Edmundo Gomes da Silva, bom conhecedor de pessoas e fatos do Seridó antigo, descendente do Capitão-mor Francisco Gomes da Silva, e na companhia do "Brigadeiro", primo e dono do carro, jovem descendente do Capitão-mor Galvão, para entrevistar moradores da localidade.

Da análise das informações preliminares, foram escolhidas quatro pessoas para ser entrevistadas. Os dados colhidos, devidamente criticados, permitem as seguintes conclusões:

1. Manuel Esteves de Andrade pretendia inicialmente erguer a capela no Saco dos Pereiras, numa pequena área plana, a uns 200-250 metros da sede da velha Fazenda do Saco, onde morou José Sancho (22), no pátio da qual tanto gado se derrubou, e onde hoje reside Júlio Gomes de Araújo. No exíguo planalto encontra-se a casinha de Orestes Pereira, pai de Francisca Elita.

Nesse sítio viveram os Nunes, oleiros e louceiros que abasteceram o Acari e várias casas de fazendas com telhas, ladrilhos, jarras, potes, alguidares, panelas, etc. Muito

(22) *José Sancho*. Figura singular de fazendeiro. De temperamento crítico, irônico. Organizado, de espírito criador, providenciava o lugar certo para ferramentas, utensílios e gêneros alimentícios.

Alto, magro, corado, rosto raspado, conversador mordaz, não freqüentava a sociedade local; seu mundo era o Saco dos Pereiras. Ali morou desde que casou: primeiramente na antiga sede da Fazenda; depois na casa das Pinturas, com porão, bem ampla, das melhores de todo o Seridó, feita a capricho, com muitos cômodos, inclusive uma Sala dos Vaqueiros e um Salão de Fazer Queijo com grandes giraus para armazenamento.

A Fazenda do Saco veio-lhe às mãos procedente do Padre Modesto, antigo proprietário.

José Sancho era filho de Félix, dos Garrotes, e irmão de Francisco Raimundo, Joaquim da Virgem e Félix Maranganha. Cortava e cosia seus próprios ternos de brim encorpado, seguindo moldes de perneira e gibão de couro. Possuía um burro de sela muito grande, habilidoso, que subia escada e entrava de casa a dentro, com mancha branca na testa, ao qual chamava Dr. Estrela, para zombar da mania de doutores.

antes de se tornarem famosas as peças do artesanato de Caruaru, já os Nunes faziam bonecos de barro e muitas outras figurinhas, como bois, cavalos, vaqueiros.

Em virtude da pouca capacidade do riacho do Saco para suprir água a uma futura povoação, Manuel Esteves desistiu do plano inicial e procurou o aglomerado junto ao poço dos acaris.

2. Manuel Esteves de Andrade não deixou descendentes. Mas seus parentes, que com ele viveram no Saco, deixaram. Uma pessoa da família do Fundador muito conhecida foi Chiquinha Viúva, que faleceu por volta de 1947, com mais de 90 anos de idade. Era mãe de Sebastião da Viúva, famoso vaqueiro de José Sancho.

Francisca Elita, moça bastante morena, muito simples, moradora no lugar, é bisneta de Chiquinha. Cuida de Agostinho Pereira, que se transferiu do Brejo do Cruz com o pai, Sebastião Cassiano Pereira, em 1899, e conheceu de perto Chiquinha, a qual era *comadre*, isto é, parteira.

3. Manuel Esteves de Andrade, depois de erigir no Acari a capela e a residência destinada aos padres, levantou a sua *casa da rua*, no ponto, a noroeste do templo, onde depois Félix Pereira de Araújo (Félix Maranganha) construiu a sua própria.

Era pequena a casa do Fundador e junto dela havia um curral de vacas. Esta informação reveste-se de lógica. Em primeiro lugar, as casas tinham então reduzidas dimensões. Em segundo, se Manuel Esteves construiu capela, casa de padres e doou terras para o patrimônio paroquial, de certo freqüentaria o Acari para assistir aos ofícios religiosos, necessitando de um pouso para estacionar e de um curral para prender seu animal de sela. Se o curral era de vacas, de duas uma: ou na casa moravam pessoas de sua escolha, talvez parentes, que precisariam de leite; ou o fazendeiro levaria vacas quando tivesse que passar dias no povoado.

Foram valiosas e esclarecidas as informações de Júlio Gomes de Araújo, filho de Pacífico Gomes da Silva (Cicio Gomes) e neto de Manuel Gomes da Silva, que foi chefe local do Partido Conservador no Segundo Reinado. Esclarecedoras se mostraram também as notícias dadas por Joaquim Silvério Dantas. E aqui acaba a pesquisa de campo.

Acabado.

Na cidade do Acari mora um membro da família de Manuel Esteves de Andrade. Trata-se de Neônio Manuel dos Santos, agente fiscal da Prefeitura Municipal. Ele descende de Chicão, sobrinho do Fundador.

Chicão (Francisco Pereira da Silva) foi pai de Manuel Pereira da Cruz, que no Saco requereu data de terra; deste proveio Sebastiana, que casou com João Manuel da Silva; do casal nasceu Manuel José Maria; do casamento deste procede Antônio Manuel dos Santos; este *marinheiro* (corado, de olhos azuis) casou com moça da família Nunes, morena, e foram os genitores de Neônio.

Por coincidência, Neônio trabalha hoje no local preciso em que seu parente longínquo construiu a primeira casa do novo Acari, que se afastou discretamente dos casebres da beira do rio.

CAPÍTULO VII

O CRESCIMENTO DO POVOADO

ALGUNS anos após iniciar-se a segunda metade do século XVIII, Tomás de Araújo Pereira, o segundo, filho do português de igual nome, construiu ao poente da capela, mas um pouco distante e avançando ligeiramente sobre o alinhamento, uma casa com alpendre na frente, como se fosse sede de fazenda.

É que desejava nela residir ou passar longas temporadas. A razão por que ultrapassou o alinhamento foi sem dúvida por necessitar nos fundos, entre a residência e o leito do rio, de terreno para currais de vacas de leite, de bezerros, e de animais de serventia. Por volta de 1780 construiu mais duas casas no mesmo estilo.

Por isso, este trecho da rua ficou sendo chamado Rua dos Alpendres, denominação que persistiu até os primeiros anos do século XX. Presentemente, toda a rua, da igreja ao ponto onde existiam as casas alpendradas, junto de umas pedras altas, reunidas (que localmente se conhecem como serrote), se denomina Tomás de Araújo, em homenagem ao filho eminente daquele morador, e que tinha o mesmo nome do pai e do avô.

Os sepultamentos faziam-se na capela. Antes de existir este templo, realizavam-se as inumações em cemitérios nos lugares mais populosos. Em Picos de Cima, não muito distante da casa de Caetano Dantas Corrêa, havia um campo santo.

A feira semanal continuou por muito tempo ainda a realizar-se, debaixo de um latadão, naquele trecho mais horizontal, no ângulo entre o rio da Acauã e o riacho da Juliana, hoje uma pracinha, que bem poderia chamar-se Praça dos Janduís, ou pelo menos Praça Japeri, nome-

símbolo de um janduí, em homenagem aos nossos bravos, intrépidos ancestrais.

Já então a feira se mostrava com maior movimento, mais numerosos os freqüentadores e mais variadas as mercadorias à venda. Lá para o fim do século, encontravam-se para comprar, além dos alimentos básicos — carne, farinha e rapadura — também milho, feijão, mel de furo em borrachões, mel de abelha em potes, sal, aguardente em barris, fumo em rolo, rapé, sebo e cera de abelha para velas, azeite de carrapato [23] para iluminação, os temperos básicos da cozinha luso-seridoense (pimenta do reino, cravo e canela) e os obtidos regionalmente, como cebola e alho.

Na linha de artefatos, expunham-se a venda arreios de couro, cordas, apragatas, chinelas, sapatos de entrada baixa, chapéus de couro e de palha de carnaúba, urupembas [24], abanos, potes, panelas, alguidares, gamelas, colheres de pau, pequenos pilões com as respectivas mãos, esporas, etc.

Não faltavam as mesinhas toscas com as comidas e as bebidas da época para refeições ligeiras: beiju e pé-de-moleque de mandioca, macaxeira cozida, tapioca com manteiga do sertão [25], doce seco, bolachão ou brote (levados de fora), aluá de milho, ou garapa doce (caldo de cana recém-extraído) e garapa azeda (caldo de cana fermentado, de um dia).

Desde cedo se cultivou o algodão inteiro, ou rim-de-boi, que assegurava o funcionamento do ofício de fiação e de tecelagem, o qual competia às mulheres. Faziam-se redes de dormir e panos para as grossas e populares

(23) *Azeite de carrapato*. É o óleo extraído da semente de carrapateira (*Ricinus communis*). A planta deveria ser chamada carrapateiro, mas no Nordeste é conhecida como carrapateira. O nome latino *Ricinus* corresponde a *carrapato*.

(24) *Urupemba*. Urupema é vocábulo de origem tupi. Uma variedade desta voz, urupemba, tradicionalmente se usou no Seridó. Há também as variedades jurupema e gurupema, empregadas em outras regiões do Brasil.

(25) *Manteiga do sertão*. Também chamada manteiga de garrafa. É a gordura do leite apurada a quente, anidra, que se mantém líquida em temperatura mais alta. Conserva-se inalterada por anos. Este tipo de manteiga, obtido segundo técnica trazida da Índia pelos portugueses da Colonização, é próprio de algumas regiões de clima quente e seco do mundo.

camisas femininas e o muito famoso par de camisa e ceroula para o homem, vestuário da maior parte da população de todo o Brasil, na era colonial.

A alimentação dos fazendeiros e pessoas de melhor nível econômico constava sobretudo de carne de sol: cozida e servida com pirão escaldado ou simples, ou assada no espeto de mororó, servida com farofa de manteiga, rodelas de cebola roxa, folhas verdes de cebola e de coentro. Era esta a principal refeição, ou jantar, de hábito a uma hora da tarde.

No almoço, posto à mesa às 8 ½ horas, os pratos comuns eram feijão de risada (que no sul chamam salada de feijão fradinho), carne assada no espeto, farofa de manteiga, batata doce, jerimum, mancunzá (milho pisado, para retirar a película e o olho ou germe, longamente cozido e depois temperado), cuscuz de milho e coalhada escorrida (semelhante a queijo Ricotta). Esta refeição começava em geral por uma sopa de batata doce, ou jerimum, ou cuscuz com leite.

A refeição da boca da noite — a ceia — constava principalmente de um prato de coalhada com farinha e rapadura rapada [26], leite cozido, tapioca, batata doce, bolo de milho ou de mandioca.

Frutas silvestres, melancia, melão, caju, mamão, goiaba sempre foram apreciados, mas não se utilizavam ainda como sobremesa, e sim no intervalo das refeições principais. Quando aparecia uma no começo da sua safra, era saudada: — Fruta nova!

Água potável colhia-se: durante a estação das chuvas, nos tanques naturais escavados em lajeiros e nos filetes dos riachos; no estio, em cacimbas [27] cavadas nos leitos secos de rios e riachos.

Ao terminar o século, havia da nova povoação duas fileiras de casas que começavam de um lado e do outro da igreja. Ao nascente, além do riacho da Juliana, havia

---

(26) *Rapadura rapada*. É quase um pleonasmo, pois rapadura em boa linguagem portuguesa significa o que se tira rapando. Rapar, de uso nos sertões, é um vocábulo originário do gótico *hrapon*. Significa cortar cerce, rente.

(27) *Cacimba*. Do quibundo antigo *kixima*, com substituição do *ki* por *ka* e evolução do *xi* para *ci*. Cova feita na areia ou nos terrenos úmidos para recolher água. Poço que recebe a água filtrada pelos terrenos circunjacentes.

a casa-grande da Fazenda do Serrote, construída por Antônio Garcia de Sá Barroso; ao poente, também junto de um serrote, havia as casas alpendradas erguidas por Tomás de Araújo Pereira, o segundo. A crônica não registrou claramente se o proprietário tinha naquele ponto a sede de uma fazenda de gado. Assinalou, entretanto, que numa delas residiu quando jovem, por algum tempo, Tomás de Araújo Pereira, o terceiro.

De qualquer modo, tratava-se de um aglomerado urbano de fazendeiros, e sua função principal era de natureza religiosa, muito em harmonia com o espírito da população. A capela exerceu uma ação de reunir naquele centro as famílias dos arredores.

Por ocasião das festas religiosas, nos dias de missa, nas cerimônias de batizados e casamentos, o Acari atraía fazendeiros, sitiantes, suas famílias e seus agregados que, com as melhores roupas, mesa farta e variada, se movimentavam, divertiam e confraternizavam.

Para aquele século alguns cronistas anotaram 21 anos de secas. Manuel Antônio Dantas Corrêa, todavia, registrou apenas sete grandes secas:

1723 e 1724. Era reduzido o rebanho, e a população, diminuta, pouco sofreu. Pequeno prejuízo na criação. Abundância de caça e de mel silvestre.

1744. Mortandade geral do gado. A população passou fome.

1766. Muito embora tenha sucumbido muito gado, a fome sofrida pelo povo não foi intensa.

1778. Tremenda mortandade do gado. Não foi considerável a fome da população.

1791. Seca somente no Seridó. Os fazendeiros retiraram os gados para o agreste e os sertões do oeste. Muitas pessoas também se retiraram. Não houve fome.

1792. Seca geral nos sertões. Grande mortandade do gado. Famílias em extrema penúria, como *retirantes*, deslocaram-se para o agreste.

1793. Logo em janeiro choveu. Ano de recuperação difícil. Alguns fazendeiros do Acari retiraram gados para a serra do Doutor.

As secas, em virtude da abundância e da conservação dos recursos naturais, não eram muito sentidas. Mas como havia pouca *indústria*, no dizer de M. A. Dantas

Corrêa, isto é, pouca *arte para granjear a vida* nos sertões, seus efeitos causavam danos terríveis.

Um fazendeiro que fez retirada de gado foi o Capitão-mor Cipriano Lopes Galvão, do Totoró. Mandou seu rebanho para os campos de Jacaracica, na serra do Doutor. E encarregou seu filho Cipriano Júnior (Cipriano Lopes Galvão Júnior) de tomar conta da manada.

Lá o filho do Capitão-mor conheceu a jovem Teresa Maria José, filha do pequeno fazendeiro José Bezerra de Menezes, da qual se enamorou. Com ela se casou no começo do ano seguinte — por sinal um ano de *bom inverno* — precisamente no dia 26 de fevereiro de 1794, na capela do Acari, sendo celebrante o padre José da Costa Soares, antigo capelão de Nossa Senhora da Guia.

Com Teresa Maria José, que foi residir com o marido na Fazenda São Bento, entrou para o Seridó a família Bezerra.

CAPÍTULO VIII

O PRIMEIRO PRESIDENTE

COM IMENSA comitiva, passou em janeiro de 1808 pela Bahia o príncipe-regente Dom João VI, na sua retirada de Portugal sob o domínio das tropas de Napoleão Bonaparte. Passou em busca do Rio de Janeiro. A notícia chegou ao Seridó um pouco confusa levada por boiadeiros e viajantes.

A assinatura, em Salvador, da Carta-régia que abria os portos do Brasil ao comércio das nações amigas e os atos subseqüentes que foram preparando os ânimos para a independência chegavam aos sertões de modo apagado, obscuro, às vezes incompreendido. Não havia imprensa, nem serviço organizado de correio, nem telégrafo.

Já a Revolução Pernambucana de 1817, com repercussões no interior das capitanias nordestinas, por ser um movimento regional e mais um fator para fortalecer o nativismo, o sentimento de amor à terra natal, impressionou os habitantes mais esclarecidos do Seridó, cujos pequenos núcleos de maior compreensão política se encontravam em Caicó e no Acari.

Houve o grito da Independência em 1822, à margem do riacho Ipiranga. A notícia demorou a chegar ao sertão. Não causou propriamente um impacto porque de Natal o Capitão-mor Medeiros e seu sobrinho Tomás de Araújo traziam, vez por outra, informação das turbulências políticas que ocorriam no próprio Rio Grande, no Recife, na Bahia e no sul.

A 3 de dezembro de 1821 elegeu-se, de acordo com o Decreto das Cortes de Lisboa, de 1 de setembro de 1821, a Junta Constitucional Provisória, para substituir José Inácio Borges no governo da Capitania. Um dos sete

membros votados pelos 43 eleitores de paróquias, que compareceram, era o Capitão-mor Manuel de Medeiros Rocha, do Acari. O ambiente estava carregado de ódio e rivalidades. A situação apresentava-se caótica.

A 7 de fevereiro de 1822, o batalhão de linha, sob o comando de Antônio Germano Cavalcânti, obrigava pela força das armas o Senado da Câmara a estabelecer outro governo.

Realizou-se nova eleição no mesmo dia, desta vez de acordo com o Decreto de 29 de setembro de 1821, sendo escolhido o Governo Temporário.

Por motivos de interpretação alegados pela Junta da Fazenda, não poderiam ser pagos os soldos a dois membros da Junta Constitucional Provisória e por isso foram excluídos os menos votados: Capitão-mor Medeiros (15 votos) e outro. Note-se que o Seridó para aquela eleição só deu um eleitor (da freguesia do Príncipe, hoje Caicó).

O Governo Temporário vigorou de 7 de fevereiro a 18 de março e tinha como presidente Francisco Xavier Garcia, português nato, professor de gramática latina. Contra a formação desse governo protestaram energicamente as Câmaras das Vilas da Princesa (Açu), que redigiu o longo documento, de Port'Alegre e do Príncipe. Em certo trecho dizia-se: "O governo installado no dia 7 pela força armada é illegitimo, rebelde e criminoso, a quem não obedecemos". O Senado da Câmara, indignado, representou ao Governo Temporário e a Dom João VI, sem nenhum resultado.

Novamente se reuniram na matriz da cidade, a 18 de março, convocados pelo Senado da Câmara, os eleitores para eleger a nova Junta de Governo Provisório, de cinco membros. Empossaram-se no mesmo dia os membros eleitos, com exceção de Tomás de Araújo Pereira, que somente tomou posse a 16 de setembro, uns seis meses depois.

Continuaram as agitações políticas, os despropósitos do comandante Antônio Germano que "fazia e desfazia situações, à sua vontade" (A. Tavares de Lyra, "História do Rio Grande do Norte"), dando a tudo aparências de

legalidade, fingindo sempre ter o apoio e a solidariedade do povo. "O único poder real na província era o batalhão de linha" (idem).

Por fim, a nova Junta chegava ao termo de sua existência acidentada a 24 de janeiro de 1824. Nesse dia, no Rio Grande findava o regime de Capitania e começava o de Província.

A 25 de novembro de 1823 tinha sido nomeado presidente da Província Tomás de Araújo pela Carta Imperial n.º 168, que começava assim:

"Thomaz de Araujo Pereira

Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, vos Envio muito saudar. Tendo consideração aos vossos distinctos merecimentos, patriotismo, dedicação á Sagrada Causa deste Imperio, e mais qualidades recommendaveis que concorrem na vossa pessoa e que vos constituem digno desta Minha Imperial Contemplação; Hei por bem Nomear-vos Presidente para a Provincia do Rio Grande do Norte..."

Com as conhecidas dificuldades de comunicação da época, demorou a chegar a Carta Imperial às mãos de Tomás de Araújo. Tendo sido extinta a Junta de Governo Provisório, ele não teria motivo de permanecer em Natal depois de 24 de janeiro. Onde estaria? Deveria estar em sua Fazenda Mulungu, tanto mais que os prenúncios naquele início de ano eram de seca, e providências necessitavam ser tomadas.

Chegou a dizer em carta de 20 de fevereiro [28] a Manuel Teixeira Barbosa, presidente da Câmara de Natal na função de Presidente interino da Província, que só viajaria para Natal "em cavallos gordos com a pastagem do tardonho inverno". A verdade é que estava num dilema: ou ser obrigado a conviver com indivíduos desonestos,

(28) *Correio de Tomás de Araújo*. Correio é a pessoa enviada expressamente com carta, despacho ou outro documento. Tomás de Araújo possuía serviço próprio de correio, que entregava suas cartas a longas distâncias, como Natal e Jaguaribe. Um de seus mensageiros, ou *próprios*, que andavam ou *voavam* a pé, a fim de ter maior flexibilidade de locomoção, era o Magalhães, de quem se contam muitas histórias aventureiras.

falsos, sem escrúpulos, amorais, ou desobedecer ao Imperante [29] de sua pátria. Optou pela primeira solução. Tocou-se para Natal, tomando posse a 5 de maio.

Tomás de Araújo era de estatura regular (1,72 m a 1,75 m de altura), robusto, de cor bastante clara, muito corado, de olhos azuis, madrugador, ativo, generoso, humano, isto é, compreensivo, fazendeiro de amplas propriedades. Foi um dos primeiros criadores seridoenses a comprar garrotes no Piauí, refazê-los em suas fazendas no Acari e apurá-los já como bois nas feiras de gado de Pernambuco e Bahia. Iniciou no negócio alguns de seus parentes, entre eles Félix de Araújo, que denominou sua propriedade de Fazenda dos Garrotes, definindo desta forma o destino dela.

Segundo a tradição oral, Tomás de Araújo possuía o dom da palavra. Falando, convencia. Não raro, dominou malfeitores, atacantes armados (como aqueles que cercaram a casa, no Acari, de um dos três irmãos Borges, jurados de morte) e grupos de insolentes (como o bando

---

(29) *Cultura de Tomás de Araújo*. A linguagem de Tomás de Araújo denota que ele teve regular instrução, acima do nível do meio e do tempo, e cultivava as letras. Lógica e Retórica eram disciplinas lecionadas nos sertões, juntamente com Gramática Portuguesa e Gramática Latina. Lógica, parte da Filosofia, ensinava a bem raciocinar. Retórica, a arte da palavra, ensinava a falar com eloqüência para persuadir os ouvintes.

Tomás de Araújo mantinha assídua correspondência com seus amigos. As suas cartas eram ditadas a secretários, um dos quais era o seu neto Manuel Lopes de Araújo Cananéia. Registra a tradição oral que ao mesmo tempo, às vezes, ele ditava quatro, cinco cartas. Deduz-se da leitura de algumas destas missivas, que foram conhecidas, e de documentos políticos impressos que Tomás de Araújo se dedicava, nas ocasiões próprias, à leitura de livros. O seu estilo, os seus vocábulos revelam procedência de escritores. Que obras?

Certamente alguns de seus descendentes ainda possuem, esquecido em armário, um ou outro volume. Talvez o presente livro desperte em alguém o gosto por uma pesquisa a respeito. Na casa do Serrote, Tomás de Araújo, onde também residiu, deixou dois grandes cadernos com capas de couro cheios de anotações e contas. Esses cadernos passaram para a sua neta Isabel, casada com Cipriano Bezerra, do Ingá, e deste fazendeiro para Cipriano Santa Rosa. Estão hoje com o autor, que os entregará a outro descendente.

Ele empregava vocábulos que a críticos superficiais pareciam termos de matuto ou de quem não possui instrução, como Imperante, tardonho, alçar, abarracar, mas são corretos e têm o

de Tomás Francês) servindo-se apenas do seu verbo candente e persuasivo.

Precaríssima era a situação das finanças públicas, extremamente confusos eram os negócios políticos da Província. Em Natal, a sede do governo fora transferida, pela fraqueza de Manuel Teixeira Barbosa, para o quartel do batalhão de linha, precisamente o foco de insubordinação e motins. Não havia respeito às leis, nem ordem, nem disciplina. Dentro do quartel encontravam-se oficiais contrários à independência do Brasil, aproveitadores de situações e soldados que, contidos em suas libertinagens, se rebelavam contra a autoridade presidencial, até mesmo porque havia mais de dois anos não recebiam soldos, estando o Erário sem dinheiro.

Não adiantava recorrer à justiça, pois estava com as engrenagens desmanteladas ou movimentadas por inimigos da nossa pátria.

Tomás de Araújo só conseguiu permanecer nesse ambiente pouco mais de quatro meses, demitindo-se a

---

sentido de Imperador, tardio, levantar, recolher-se em barraca. Usava expressões literárias, como as que figuram na sua Fala no Senado da Câmara de Natal, naquele atribulado dia 8 de setembro de 1824. Vão a seguir algumas delas: "... exercitavam assassínios e roubos..." — "... a desvanecer desconfianças de choques..." — "... assentamos em cometer a inspeção das forças..." — "... constante no cumprimento de minhas ordens..." — "... um veu de esquecimento e perdão...". Note-se que suas declarações foram prestadas de improviso, ditadas ao escrivão Manuel José de Morais (por sinal muito confuso na ortografia), numa ocasião de grande amargura, quando é penoso concatenar idéias.

Numa rápida análise, vejamos os verbos das expressões assinaladas. Foram empregados por Tomás de Araújo com sentidos clássicos da língua. Assim, exercitavam (praticavam); desvanecer (extinguir); assentamos em (concordamos em); cometer (fazer). Estes verbos com os sentidos entre parênteses Camões os empregou.

Tomás de Araújo servia-se de vocábulos de boa formação lingüística, geralmente de origem latina. De onde tirava esses recursos? Provavelmente de livros de currículo escolar e de outras obras literárias. Por exemplo: "Os Lusiadas".

Dirigindo-se ao Imperador, chamou à sua nomeação para Presidente de "hua comissão de tanto melindre". Queria com isso significar que recebera um mandato, por determinado tempo, para cujo desempenho era necessário um cuidado extremo. O autor deste livro achou a expressão tão definidora e característica (para a época, 1824) que a escolheu para nomear o capítulo consagrado ao grande seridoense no livro "Fazendas e Fazendeiros do Seridó".

8 de setembro. Foi forçado a transmitir o poder à Câmara da capital, mandando lavrar, todavia, o longo Auto de Vereação, ditado por ele próprio, uma peça de beleza sem igual, pela elevação dos conceitos, pela dignidade da ação, pela fé na justiça e nas forças do bem.

Saiu do governo sem garantia de vida. Tornou-se preciso empregar um ardil para passar despercebido e assegurar sua integridade física (30). Foi perseguido e denunciado, mas a sua defesa, por ele próprio articulada, demonstrou a correção de suas atitudes. Seus amigos foram presos. Ainda hoje sua memória é atassalhada por historiadores, que não procuram interpretar corretamente os fatos.

Dizem que era atrasado de letras. Não era. Sua instrução fundamental de línguas portuguesa e latina, os conhecimentos de lógica e retórica, os elementos de matemática, geografia, história e ciências naturais, o estudo da doutrina cristã com o imenso acervo das leis morais (29), tudo isso com a base de longa experiência de trabalho e de convivência com outras pessoas no âmbito de sua ação em negócios, o qual ia de Pernambuco ao Piauí, do Rio Grande à Bahia, representava um patrimônio valioso que bem poucos na época possuíam. A argúcia, a habilidade, o bom-senso, a memória, a paciência, o espírito de discernimento e decisão completavam aquela formação escolar.

Freqüentara escola superior? Não, mesmo porque não havia, excetuando os estabelecimentos religiosos. Mas aprendera, como outros, em escolas particulares, de padres ou leigos. O valor do homem não vem só de suas qualidades intelectuais; vem especialmente de seus atributos morais e espirituais. O cultivo das letras, das artes ou da ciência por si só não dá valor ao homem. O que

(30) *Fuga num balaio*. Para fugir a vinganças possíveis de oficiais e soldados da guarnição, saiu de Natal dentro de um grande balaio, à cabeça do corpulento e fiel João Congo (Manuel Dantas menciona Pai Benguela). Este episódio fez lembrar possivelmente a Tomás de Araújo aquela sensacional fuga de Saulo, de Tarso (o evangelista São Paulo), que, auxiliado por amigos, num cesto, por uma janela, desceu da muralha de Damasco abaixo, conforme vem relatado na Segunda Epístola aos Coríntios.

Tomás de Araújo era versado na doutrina cristã. Quando estava no Acari, na sua casa da rua dos Alpendres, fazia preleções de uma espécie de tribuna ou sugesto, a respeito de trechos da Bíblia, e dava preceitos de moral.

pesa, o que vale é ser a cultura, maior ou menor, dedicada ao bem comum, à dignidade humana, ao progresso geral. A poesia de Castro Alves pela libertação dos escravos, mais que qualquer outro arroubo do gênio, enobreceu o poeta.

Dizem que era quase cego e de idade avançada. Não era tanto assim. Em 1824 começara devagar um processo de glaucoma. Quanto à idade, estava então com 59 anos, de excelente saúde e boa disposição. Vale a pena fazer aqui uma comparação. Depois da última grande guerra, foram homens de avançada idade — como Adenauer, Eisenhower, Chiang Kai-Shek, Mao Tse-Tung e Degaule — com mais de 70, com mais de 80 anos, que dirigiram no meio das tormentas suas respectivas nações à normalidade e ao progresso. Depois que Tomás de Araújo deixou a presidência, viveu ainda com boa saúde 23 anos.

Não entenderam os historiadores a finura do presidente. Quando ele exagerava com humildade seus males físicos, mencionando a avançada idade, a incipiente cegueira e outros achaques, simplesmente procurava uma justificativa delicada para obter a demissão que desejava.

Dizem que era simpatizante dos revolucionários da Confederação do Equador. Não era. Insinuaram isso, mas nunca provaram. Houve fatos que foram maldosamente deturpados. Por exemplo: o caso da aproximação do seu tio e grande amigo Capitão-mor Medeiros com o rebelde Félix Antônio.

Quando Frei Caneca com sua tropa confederada, composta de quatro batalhões, e com suas peças de artilharia passou em retirada pelo Seridó em outubro de 1824, vindo do Recife e indo para o sul do Ceará, demorou dois dias em Conceição do Azevedo (hoje Jardim do Seridó) para refazer-se. O Capitão-mor Medeiros, cuja esposa era parenta próxima [31] da esposa de Félix Antônio Ferreira de Albuquerque (presidente provisório da Paraíba e chefe

(31) *A esposa do Capitão-mor Medeiros e a de Félix Antônio*. Segundo Manuel Dantas ("Homens de Outr'ora"), eram irmãs. De acordo com S. de Azevedo Bastos ("No Roteiro dos Azevedo e outras famílias do Nordeste") a esposa de Félix Antônio, de nome Maria Joaquina de Santana, era filha de Bartolomeu da Costa Pereira. Era, portanto, sobrinha legítima de Ana de Araújo, a esposa do Capitão-mor, irmã de Bartolomeu. A última versão afigura-se a mais certa.

revolucionário), foi à Conceição convidar o parente e amigo para visitar sua Fazenda Remédio e nela descansar um pouco.

Este fato, apresentado sob o aspecto de solidariedade política por tabela, quando era apenas um encontro de parentes numa situação difícil; documentos preparados para que Tomás de Araújo assinasse, desta forma comprometendo-se; e denúncias de pessoas com interesses contrariados — tudo contribuiu para as acusações de simpatia pelos revolucionários.

A esse tempo da visita, Tomás de Araújo e o padre Francisco de Brito Guerra, futuro senador do Império, que eram *corcundas*, isto é, fiéis ao Imperador, receando perseguições e vinganças por parte de rebeldes da Confederação em passagem pelo Seridó, homiziaram-se na casa de pedra, da Caridade (32).

Dizem que sua passagem pelo poder em nada contribuiu para acalmar o estado de inquietações (A. Tavares de Lyra, "História do Rio Grande do Norte"). Não foi assim. Bem analisados os fatos, as circunstâncias, as pessoas e sobretudo a época em que se desenrolaram os acontecimentos, verifica-se que o curto governo de Tomás de Araújo, que pugnou pela moralidade pública e particular, que zelou pelos minguados recursos do Erário, que com habilidade evitou a violência, que impediu com paciência

---

(32) *A casa de pedra da Caridade*. A casa de pedra, existente no sítio Caridade, é uma gruta numa rocha calcária de encosta, constituída de uma sala de entrada, cujo piso é de areia limpa, e de outros compartimentos menores, de morro a dentro, separados uns dos outros por passagens mais ou menos estreitas, e cheios de água que entrou por infiltração através da rocha. A sala de entrada é clara e ornada de belas figuras pendentes, as estalactites, de esculturas que se apóiam no piso, as estalagmites, e de colunas cilíndricas, com a junção de umas e outras crostas.

Na década de vinte, o autor visitou esta caverna na companhia de seu pai e de moradores do lugar, denominado Caridade. Para entrar nas divisões internas, que são escuras, com água no fundo e abundantes de morcegos os visitantes usaram archotes de facheiro seco. As divisões vão cada vez mais diminuindo de tamanho.

A água que se infiltra, quando carregada de dióxido de carbono, ataca o calcário (carbonato de cálcio), transformando-o em bicarbonato de cálcio, relativamente solúvel, que atravessa a rocha. Chegando à superfície inferior da gruta, evapora-se a água com o dióxido, e precipita-se o carbonato, sólido, formando-se a crosta no teto e, quando pinga, formando crosta no piso.

e espírito conciliatório a guerra civil na Província, conseguindo manter o Rio Grande fora da rebeldia sem provocações desnecessárias, contribuiu imensamente para a pacificação geral. Não foi tarefa sem importância obstar que a guerra civil se desencadeasse na Província.

Ele mesmo acentuou no famoso Auto de Vereação como procurou certa vez evitar a luta entre irmãos: "... temendo que se alçasse a guerra civil e caísse nesta Província a indelével nódoa de sangue brasileiro de que até hoje está isenta, propus e afiancei em nome de S. M. I. lançar um véu de esquecimento e perdão geral de todos os feitos praticados de parte a parte, tornando réu de culpa ao que traísse essa proposição, e sendo por todos aceita e aplaudida em alta voz, mandei que entrasse só a Tropa de 1.ª linha, abarracando-se a outra força, ao que obedeceram". (Transposto o trecho para a ortografia atual).

Neste passo transcrito, mostra-se como Tomás de Araújo evitou o choque de armas, às portas de Natal, entre as tropas da guarnição, de 1.ª e 2.ª linhas, comandadas respectivamente pelo capitão Vicente Ferreira Nobre e Sargento-mor Joaquim José da Costa, de um lado, e uma força de 50 soldados da mesma guarnição que fora enviada ao litoral sul e voltava engrossada com voluntários rebeldes de São José de Mipibu "a fim de levantarem a bandeira republicana em Natal", sob o comando do alferes Miguel Ferreira Cabral, de outro lado.

Conseguiu Tomás de Araújo em pessoa convencer os indisciplinados comandantes Nobre e Costa de que pacificamente deveria passar pelo posto militar a tropa de Cabral e acampar fora o grupo de moços voluntários revoltosos. Estes depois fugiram.

Considere-se que aquele período foi uma época de transição. Saía-se de um regime de colônia para um regime de pátria livre, com a explosão dos mais baixos sentimentos e ações da parte de uns em choque com os mais elevados ideais de liberdade, justiça e progresso da parte de outros. No Nordeste e Norte, desde a Independência, havia desassossego e luta armada, com pequenas clareiras de paz.

Lavraram a Guerra da Independência na Bahia, no Piauí, Maranhão e Pará, e a revolução da Confederação do Equador em Pernambuco, Paraíba e Ceará. O Rio

Grande foi poupado, graças à diligência de um homem, desarmado e só.

Dizem que foi inútil seu tormento (Câmara Cascudo, "História do Rio Grande do Norte"). Não foi. As nações se constroem pela sabedoria, pelas armas, pelas grandes vitórias, mas também pelo martírio, pela capacidade de sofrimento, pelo espírito da luta tenaz de seus filhos por um ideal nobre. Elas se constroem, igualmente, de humildes boas-ações que no final se avolumam e pesam.

No seu pequeno mundo de Província pobre, Tomás de Araújo reagiu quanto pôde contra a anarquia e os desmandos, pela sua ação pessoal, enfrentando, só com a força do seu espírito pacificador, no quartel-sede do governo e nos arredores da cidade, tanto oficiais transviados da guarnição governamental como voluntários rebeldes da Confederação. E conseguiu sempre evitar a guerra intestina, mas preservando a dignidade e a elevação moral, que muitos depois não compreenderam.

Um historiador estranho ao Rio Grande, e muito mais ainda aos sertões, ambiente em que vivia Tomás de Araújo, a este se referiu em sua "História do Estado do Rio Grande do Norte" com desusada intolerância. Chegou a escrever o seguinte trecho: "O pobre velho (33) Araújo Pereira, mal deixara o posto de amarguras, refugiara-se no sertão; e de lá apprehensivo e temeroso, insistia em ser admittido a justificar-se".

Na sua defesa ao Imperador, das calúnias que lhe assacaram, Tomás de Araújo preocupava-se com a apresentação dos fatos verdadeiros para mostrar a lisura da sua conduta. O que importava especialmente provar era que nunca fora desleal nem dúbio na missão "de conservar aq.la porção do Povo q.e S. M. lhe Havia confiado, ileso de divergencias politicas, e evitar a menor intriga, e guerra civil" — nas suas próprias palavras. Isso, sim, tinha importância.

Os fatos do governo de Tomás de Araújo que mais acirraram os ânimos dos oficiais e soldados de 1.ª linha (umas 300 praças) foram os seguintes:

---

(33) *Expressão desrespeitosa.* Sente-se que a expressão "pobre velho" tem neste caso um sentido agravante. Curioso é que em 1824 Tomás de Araújo estava com 59 anos; o historiador ao escrever o prefácio de apresentação da "História" estava com 63 anos.

CAPÍTULO IX

A VILA E O MUNICÍPIO

(Criados em 11.4.1833)

ENTROU o século XIX "sem falência de chuvas", como informou o cronista M. A. Dantas Corrêa. E essa situação de normalidade climática prolongou-se por sete anos.

Era grato sentir a natureza recomposta, em maio ou no mês dos fins d'água: abundância de pastagem verde nos campos, uma subflora exuberante debaixo das imburanas, dos cumarus, dos cedros, dos imbuzeiros; ervanço por toda parte, subindo nas pedras, descendo dos galhos.

De manhã cedo, terminada a faina do curral, depois de uma refeição de coalhada escorrida, rapadura, carne assada na grelha, jerimum e batata doce, lá ia o fazendeiro com um filho ou um vaqueiro nos seus cavalos de fábrica para as lides da pastorícia, revendo o gado e tomando providências. Saíam a campear. Amena era a temperatura.

Iam todos encourados com peças finas de couro curtido de veado: perneiras de boca de sino, sapatos de campo, guarda-peito, gibão e chapéu de couro de aba quebrada no estilo da ribeira, com barbicacho passado. Mato fechado, difícil de vencer; moitas espessas de mororó; partidos de mofumbo recobertos de trepadeiras pejadas de flores azuis aveludadas; passarinhos cantando nos galhos; córregos de águas límpidas aqui e acolá — era o cenário da terra percorrida.

Se não fossem vaqueiros, mas cultores de poesia pastoral, certamente se lembrariam dos versos de Camões:

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de cristal.

Nos domínios do Acari dos tempos coloniais residiram autoridades de relevo: o Capitão-mor Galvão, na Fazenda Totoró; e o Capitão-mor Medeiros, na Fazenda Remédio. Acari foi fundado por um Sargento-mor (posto equivalente ao de Major atual): Manuel Esteves de Andrade, que morava na Fazenda do Saco. Os dois Capitães-mores foram os primeiros seridoenses a exercer funções públicas do interesse da coletividade.

Cipriano Lopes Galvão foi nomeado, ainda no século XVIII, Capitão-mor de ordenanças da Vila do Príncipe e da Freguesia da Serra do Cuité. Durante muitos anos teve a incumbência de manter a tranqüilidade geral sem aparente força policial, de proceder com justiça e às suas próprias expensas, de acomodar as desavenças e prender os criminosos. Era o responsável pelo sossego do seu povo.

Comandava as forças de Milícias, ou Ordenanças, que se compunham dos cidadãos alistados, de 18 a 40 anos, e contavam com Sargentos-mores, ajudantes, capitães de companhia, alferes, sargentos e cabos de esquadra. Sua autoridade moral era incontestável e com o critério de justiça, respeito e ação suasória conduziu seu povo para a tranqüilidade.

A beira de um poço permanente junto a umas pedras no rio São Bento, pouco antes de reunir-se este com o Totoró, mandou o Capitão-mor construir uma casa para vaqueiro e uns currais para apartação de gado. Nesse ponto, com licença eclesiástica, providenciou em 1808 o levantamento de uma capela, que ficou pronta em maio de 1809. Estes *currais* que passaram a ser chamados *novos*, por serem velhos os da fazenda Totoró, deram origem ao aglomerado de Currais Novos, freguesia em 1884 e município, desmembrado de terras do Acari, em 1890.

O Capitão-mor Galvão nasceu em 1753 e faleceu em 1813.

Manuel de Medeiros Rocha, então o Sargento-mor Medeiros, foi eleito, para substituir o Capitão-mor Galvão, na sessão da Câmara Municipal da Vila do Príncipe de 20 de julho de 1814, por maioria de votos "por ser uma das pessoas das melhores qualidades e das mais ricas",

sendo Juiz Ordinário Cosme Pereira da Costa (segundo o General Kyval da Cunha Medeiros, "Cinco Gerações", São Paulo, 1945). Juiz Ordinário era Juiz da Vara Vermelha e presidia às sessões do Senado da Câmara. Cosme Pereira da Costa era filho de Antônio Pais de Bulhões, do Remédio.

O Capitão-mor Medeiros, de larga atuação na política seridoense, foi eleito em 3 de dezembro de 1821 um dos sete membros da Junta Constitucional Provisória para governar a Capitania do Rio Grande do Norte. Foi fazendeiro no Remédio; sua casa virada para o nascente, que pertencera ao sogro Antônio Pais de Bulhões, com alpendre à frente, protegido do excesso de vento por paredes de um metro de altura, teve que ser demolida em 1921 para abertura do sangradouro do açude Cruzeta.

Também exerceu a atividade de negociante, levando queijos para o Recife e de lá conduzindo fazenda e outras mercadorias para o sertão. Numa de suas viagens àquela cidade, em julho ou agosto de 1821, hospedara-se com seu pessoal no Armazém do Sal. Uma noite, já tarde, ao fim de uma fuga romanesca, perseguido pelos beleguins do déspota Luiz do Rego Barreto, entrou na sua estalagem o patriota pernambucano Antônio Pires de Albuquerque, um dos conjurados para eliminar aquele governador cruel, carrasco dos remanescentes e simpatizantes da Revolução de 1817.

Acolhedor e liberal, o Capitão-mor conduziu o moço estudante para a segurança do Seridó. Terminou o jovem enamorando-se da sonhadora Guilhermina, filha do protetor, e com ela casando: desse matrimônio surgiram no Seridó os Pires de Albuquerque.

Na casa da fazenda do Capitão-mor Medeiros, hospedou-se por dois dias, de 23 de outubro de 1824 em diante, a família de Félix Antônio Ferreira de Albuquerque, presidente da Paraíba e chefe civil dos exércitos republicanos que, perseguidos pelas forças imperiais, iam em retirada desde o Recife e se destinavam ao sul do Ceará.

Estas forças rebeldes, quatro batalhões, eram remanescentes da tropa que apoiaria a malograda Confederação do Equador. Com elas viajava o patriota Frei Caneca, que anotava num diário as impressões da viagem. Registrou: "A descida da serra da Borborema, ainda nesta

estação, é lindíssima". E mais adiante mostrava regozijo por encontrar alimentos em Conceição do Azevedo.

Residiu na área do Acari também Caetano Dantas Corrêa, Coronel de Milícias. E foi com a farda deste posto que o escultor Hostílio Dantas o representou no bronze. Tomás de Araújo, o 3.º, foi Tenente em 1799 e Capitão da Primeira Companhia de Cavalaria de Ordenanças da Vila do Príncipe em 1806.

Desde 1790 vinha Antônio de Azevedo Maia, morador no território do velho Acari, tomando providências para erguer uma capela na sua Fazenda Conceição, à margem esquerda do Rio da Cobra. O templo ficou concluído, mas não acabado de todo, em 1818. Por perto foram construíndo casas, formando-se o aglomerado de Conceição do Azevedo, que se tornaria freguesia em 1856 e município, desmembrando terras do de Acari, em 1858. Hoje aquele povoado é a cidade de Jardim do Seridó.

Nos tempos coloniais, o Rio Grande tornou-se grande abastecedor de gado às feiras de Pernambuco e Bahia. Com a criação no Seridó, dirigida por homens muito ativos, aqueles mercados passaram a exigir sempre mais da nova fonte.

Então, os fazendeiros seridoenses desenvolveram uma nova atividade: comprar garrotes no Piauí, soltá-los nas pastagens de seus campos para engordar, e vender o gado refeito nos próprios mercados de consumo. Alguns proprietários do Acari salientaram-se no negócio. O principal entre eles foi Tomás de Araújo Pereira. Outro, de renome, foi Félix de Araújo Pereira: sua fazenda começou a ser chamada *dos Garrotes,* nome que persiste até agora.

Conforme o relato de M. A. Dantas Corrêa, surgiram no rio Acauã, na grande seca de 1825, as providenciais vazantes. Habitualmente, são plantações feitas no leito arenoso dos rios, na vazante das águas no fim da estação das chuvas (quando as águas deixaram de correr), com o auxílio de esterco de curral.

Excepcionalmente, quando a umidade já desceu muito da superfície, nos anos de seca, em que não correu água nos rios, retiravam com imenso esforço as camadas superficiais de areia solta, às vezes de mais de 10 palmos de espessura, e lá no fundo, com alguma umidade, plantavam feijão, batata e jerimum.

Deste modo, e não raro com ajuda ainda de rega à mão, conseguiam minguada produção de alimentos. Este tipo de plantação conheciam como *vazante de levada*. Na Fazenda Fortaleza se praticou, bem como no rio da Carnaúba, por alguns proprietários.

Segundo se tem como certo, o primeiro açude do Seridó foi o Mabanga, construído em 1842 por Inácio do Rosário nas imediações de Caicó. Outros muitos, de bem maiores proporções, se levantaram depois. De técnica antiquíssima no Oriente, o açude adaptou-se maravilhosamente às condições climáticas, geológicas e topográficas seridoenses. Constitui reservatório d'água; assegura umidade a montante e a jusante para plantações; e funciona como viveiro de peixes.

A grande vantagem dos açudes tradicionais de parede de terra consiste em fornecer umidade subterraneamente pelo fenômeno da revência (uma insignificante e quase imperceptível infiltração d'água através da base da parede).

No século XIX os principais açudes feitos no Acari foram os de Água Doce (o maior de todos, feito em 1892, tendo custado 12 contos de réis), dos Garrotes, do Navio e da Rajada. Açudes pequenos houve os de Silvino Bezerra, na Caiçarinha, de Antônio Pereira de Araújo, José Clementino de Medeiros, o da Fortaleza e outros.

Cipriano Bezerra por duas vezes barrou com parede de terra, no Ingá, o rio do Bico; por duas vezes, ocorreu arrombamento. É que o rio corre por entre apertados de serras e recebe volumes de água que descem impetuosos com grande velocidade, provocando cheias descomunais, as quais vencem a margem de segurança do sangradouro.

Nas proximidades do aglomerado urbano, no riacho da Juliana, construiu-se pequeno açude, chamado do Sitio. Como a minúscula bacia hidrográfica era então desabitada e limpa, ele ficou reservado para água de beber da população. Na estação chuvosa, os jovens da fina-flor social — e não raro algumas forasteiras — costumavam, aos primeiros clarões do dia, tomar banho alegremente na correnteza do sangradouro; quando o sol já aquecia a terra, a arraia miúda nadava, mergulhava e dava cangapé, no poço do Felipe, e os meninos da rua tomavam banho no açude da Comissão.

Este último reservatório de parede de terra foi construído com os dinheiros de uma Comissão de Socorro governamental depois da grande seca de 1877. Daí o nome: açude da Comissão. Hoje está aterrado e praticamente dentro da cidade.

Já nos últimos anos da centúria alguns fazendeiros tinham que optar pelo *pedra-e-cal,* barragem própria para formar terras de plantio e prender a água a montante no subsolo. Uma destas barragens, construída em 1897 no rio do Bico, na Fazenda Fortaleza, ainda se mantém intacta, resistindo às cheias torrenciais de águas muíto velozes (34).

De dezembro de 1831 para começos de 1832, era saçudido o Seridó por notícias de revolução nos Cariris Novos, tendo como chefe e antigo Coronel de Milícias Joaquim Pinto Madeira. O movimento rebelde, político, contra o governo da Regência, espalhou-se pelo sul do Ceará e fronteiras de Paraíba e Rio Grande, e difundiu o terror, em conseqüência de má interpretação de chefetes ávidos de cometer crueldades. No Crato se constituiu a República do Cariri.

Os rebeldes de Pinto Madeira penetraram até o Caicó e praticaram violências contra Tomás Cazumbá, visando indiretamente Tomás de Araújo, ex-presidente da Província, amigo da ordem legal.

No território de sua influência, Tomás de Araújo organizou batalhões patrióticos para combater os insurretos lá nos campos de luta deles. Convocou os jovens solteiros. Quando procurou Teresa Maria José (35), nora do Capitão-mor Galvão, então viúva, na Fazenda São Bento, ouviu a seguinte resposta, já bem conhecida:

— Tenho nove filhos varões. A todos criei com desvelo; para defesa da pátria, podem seguir os que quiserem.

---

(34) *Barragens de pedra-e-cal.* Havia outras barragens de pedra-e-cal. Ao poente de Acari uma destas construções no riacho da Pingágua deu nome a um sítio.

(35) *Teresa Maria José.* Enviuvou em 1809, bem jovem ainda, com nove filhos menores para criar, tendo o mais novo deles nascido no instante em que morria o pai. Ela ficou com a Fazenda São Bento e terras de plantio na serra de Santana, mas com serviços desorganizados e dificuldades financeiras pela frente. Passou a trabalhar numa condição de infortúnio, precisamente num ano de seca, tendo sido o anterior também sem chuvas. Tinha que

Foram à luta armada três filhos, Joaquim, João e Cipriano, o mais moço, de 22 anos, e um genro, Joaquim. Foram e voltaram. Muitas vezes, o cronista desta história esteve com o pesado bacamarte boca de sino de Cipriano Bezerra, do Ingá, nas mãos: era guardado como relíquia pelo seu filho Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa.

O município de Acari foi criado pelo Presidente da Província em conselho por ato de 11 de abril de 1833. Esta criação foi aprovada pela Lei Provincial n.º 16, de 18 de março de 1835. A sede do município ficou sendo a vila do Acari. De 1833 a 1858 ficaram no Seridó dois municípios: o de Caicó e o de Acari. A Freguesia foi estabelecida pela Lei Provincial n.º 15, de 13 de março de 1835, sob a invocação de Nossa Senhora da Guia.

Eclesiasticamente, o Rio Grande pertenceu à Diocese de Olinda, desde a instituição dela em 1676 até 1892, quando passou a fazer parte do Bispado da Paraíba. Somente em 29 de dezembro de 1909, o Papa Pio X criou a Diocese de Natal, que compreendia todo o Estado. Empossou-se o primeiro bispo em 15 de junho de 1911. Em 25 de novembro de 1939 foi criado o Bispado de Caicó, o primeiro na zona seridoense.

A partir da criação do município e da vila em 1833, e do estabelecimento da freguesia em 1835, movimentou-se a ação dos homens do Acari dotados de espírito público. Esta verificação resulta do exame de livros de atas, de ofícios, de documentos vários, antigos, na Prefeitura Municipal, graças à permissão concedida ao autor pelo Prefeito Dr. Silvino Bezerra Filho e à colaboração do funcionário Neônio Manuel dos Santos (nos dias 5 e 6 de outubro de 1972).

No consistório da Igreja Matriz de N. S. da Guia (atualmente do Rosário) como que ainda se entrevêm as reuniões dos colégios eleitorais para eleição de Deputados Provinciais, as assembléias das Juntas de Qualificação para organizar a Lista Geral de Votantes, os atos de jura-

---

enfrentar a situação sem fraquejar, contando só com os filhos para os serviços rurais. Revelou-se excelente administradora na adversidade. Educou os filhos no trabalho pesado, nas primeiras letras, nos bons costumes; e também no civismo, já que sua família acumulava uma experiência de quase três séculos de lutas no Nordeste pela pátria brasileira. Seu filho mais novo, com os anos, tornou-se o organizado, diligente e progressista Cipriano do Ingá.

mento e posse de nomeados, as sessões plenárias para discutir os assuntos da comunidade, sob a presidência e com a participação de homens convictos, plenos de energia, seguros dos seus pontos de vista.

Como que ali se vislumbram ainda aqueles homens na maioria altos, corpulentos, de sobrecasacas de lã uns, de roupas de brim outros, conversando em rodas, discutindo, olhando para as nuvens, falando de chuvas, recorrendo ao gracejo, gesticulando, rindo, para depois, sisudos, se assentarem em pesadas cadeiras de espaldar alto em volta de uma mesa comprida coberta de baeta.

Ali, naquelas partes laterais da velha matriz, utilizadas para tratar dos assuntos graves da política e da administração pública, pontificaram os irmãos Cipriano Lopes Galvão e Cipriano Bezerra Galvão, do Ingá; os cunhados padre Tomás Pereira de Araújo e João Damasceno Pereira ,e o sogro Antônio Pereira de Araújo, do Serrote (genro de Tomás de Araújo, o ex-Presidente da Província); Manuel e Joaquim Bezerra Galvão; Manuel de Medeiros Rocha, do Remédio; Antônio e Manuel Dantas Correia; o escrivão Manuel Jorge de Medeiros e tantos outros. Quando um membro não podia comparecer, o motivo geralmente registrado na ata era: "Impedimento físico".

A vila do Acari era Cabeça de Distrito Eleitoral e fazia parte da Comarca do Açu. Na reunião de 17 de janeiro de 1847 a Junta de Qualificação da Freguesia alistou 1 063 votantes; na reunião de 20 de fevereiro de 1848, o número de cidadãos votantes qualificados passara a 1 178; na reunião de 21 de janeiro de 1849, os votantes já eram 1 274.

Para se ter idéia da instrução pública na época, assinalem-se os juramentos e posses dos professores: em 1843, do padre Crispiniano Ferreira Lima; em 19-4-1847, de João Gualberto Soares da Câmara; em 3-4-1850, de Raimundo Cândido Ribeiro; em 3-12-1852, de Joaquim José de Carvalho Pinto, de Natal.

Atos de juramento e posse de outros ocupantes de cargos públicos: em 1841, Cipriano Bezerra Galvão; em 13-1-1845, o mesmo Cipriano Bezerra Galvão, como Promotor Interino; em 14-4-1845, Manuel de Medeiros Rocha, como Juiz de Paz; em 11-1-1849, Cipriano Lopes Galvão,

como Comissário Vacinador (nomeado por Sua Majestade).

Na reunião de 17 de janeiro de 1847, os membros da Junta que se qualificaram deram suas idades: Cipriano Lopes Galvão, 48 anos; Cipriano Bezerra Galvão, 37 anos; João Damasceno Pereira, 21 anos; Manuel Jorge de Medeiros, 27 anos; Manuel Lopes Pequeno Júnior, 29 anos; padre Tomás Pereira de Araújo, 28 anos; Antônio Pereira de Araújo, 65 anos; Antônio Pires de Albuquerque Galvão Júnior, 24 anos; João Gomes da Silva, 50 anos; Joaquim Bezerra Galvão, 43 anos.

Em 1836 foi estabelecido um serviço de correio regular de Natal à vila de Acari (36). Em 1865 havia uma linha postal do Açu para Acari e desta vila para Jardim do Seridó e Príncipe (Caicó), que funcionava duas vezes por mês.

No Seridó nunca houve propriamente cangaceiros. Conta-se, é verdade, o caso de um correio de Tomás de Araújo, o Magalhães, franzino e pacato, que numa fazenda do Jaguaribe foi levado pelas circunstâncias a prender um malfeitor valentão; tomou gosto, despediu-se do emprego e entrou no cangaço.

---

(36) *Correio de Natal ao Acari*. Aqui se encontra a cópia do documento oficial em que o Presidente da Província comunica o estabelecimento do serviço postal:

"Sendo estabelecido hum correio ordinario que deve partir desta Capital nos dias 22 de cada mez a conduzir as malas athe essa Villa, passando por Curraes Novos, assim o communico a V. S.as ordenando-lhes de fazerem publico por Editaes em todo o Termo, prevenindo que as correspondencias tanto officiaes como particulares devem achar-se na Agencia da Villa do Acary athe o ultimo de cada mez; afim de que as malas possão partir no 1.º do mez seguinte. O que muito lhes recomendo e espero que o cumprirão; communicando-me todavia os obstaculos que ocorrerem e propondo-me os meios de removerem.

Ds. Guarde a V. S.as ms. ans. Casa do Governo na Cidade do Natal 18 de Janeiro de 1836.

(A) Bazilio Quaresma

Ilmos. Snres. Preside. Membros do Corpo Municipal da Villa de Acary"

Bazilio Quaresma Torreão, sexto Presidente, foi nomeado em 11 de maio de 1833 e tomou posse em 31 de julho do mesmo ano. Governou até 1 de maio de 1836.

No domínio de escaramuças, de desordens com estrupido de cavalos, de brigas pessoais, nas alturas de 1840 e anos seguintes, muito sobressalto causou o grupo de Tomás Francês e do mano Joaquim, filhos de boa família. O primeiro deles, de nome Tomás Lopes de Araújo, fora com o irmão Manuel mandado à França para estudar num bom colégio.

Depois de praticar tropelias, de entrar em tumultos ("aperfeiçoando-se", como disseram depois), foi recambiado ao Brasil. No Seridó redobrou nas aventuras. Mas, coragem mesmo... não tinha. Ganhou, em todo caso, o apelido.

Sua irmã Teresa casou com Damasceno, figura quase rocambolesca. Era o potentado do Bulhão. Corpulento, trigueiro, exímio conversador, bem-humorado, político, astucioso, gostava imensamente do que chamava *brincadeiras pesadas*. Às vezes, os gracejos eram tão chocantes que ele encarregava o seu cunhado Chandinho, jocoso, baixinho, sem compostura, de promovê-las.

Em 15 de junho de 1847, Manuel Antônio Dantas Corrêa concluiu um manuscrito que dá "notícia das secas mais notáveis e suas conseqüências", o qual foi publicado como anexo ao livro "Sécas contra as Secas", de Felipe Guerra e Teófilo Guerra, Rio de Janeiro. 1909. É um documento precioso com dados e observações interessantes, a que recorrem historiadores da vida regional.

Para os estudiosos da economia, vão a seguir alguns preços de mercadorias, tirados de um dos livros de notas de Tomás de Araújo (em réis):

Ferramentas

Hum machado grande	$640
Hua enxo de fusil	640
2 enchadas	60
1 formao pequeno	240
1 suvelao	120

23 Nov. 1840

1 alavanca de patacoroa	$960
1 machado chapiado	800
1 foice grande	800

1 machado calsado	560
1 olho de hum machado	480
1 ferro de cova	480
1 picareta	640

23 Jul. 1841

Gêneros alimentícios

1 alqueire de farinha	2$000
hua carga de queijos	3$960
hua quarta de chá	400
hua butelha de vinho (37)	600
hum alqueire de feijão	2$400

18 Nov. 1841

Materiais diversos

4 libras e meia de polva	5$760
hua libra de polva	920
hum milheiro de telhas	6$000

26 Nov. 1840

Os preços de bois variavam de 16$000 a 20$000 naquela época.

(As notas foram ditadas por T. de A. e escritas provavelmente pelo seu neto e secretário Manuel Lopes de Araújo Cananéia).

Todo o território do Acari viveu a primeira metade do século XIX (até 1847) sob a inspiração e a guia de Tomás de Araújo Pereira.

Ele cuidou da instrução de letras e de prendas domésticas de suas únicas filhas Maria José e Ana (não houve filhos) e de suas netas. Custeou as despesas de

(37) *Botelha de vinho*. Botelha (pronúncia *butêlha*) era há longo tempo vocábulo de uso corrente em Portugal. De lá veio para o Brasil. *Botêlha* é como Eduardo de Faria consigna no seu "Novo Diccionario da Lingua Portugueza", Lisboa, 1849. Significa botija, garrafa. Ainda hoje se emprega este vocábulo em zonas tradicionais de Minas Gerais.

estudos do neto padre Tomás Pereira, em Olinda e Bahia, e dos netos Tomás e Manuel Lopes, na França, que voltaram logo.

Combateu os erros dos seus netos transviados, o que lhe constituía dura provação; assegurou quanto pôde o bem coletivo e a justiça social; ajudou os necessitados nas secas; criou as Obrigações do Vaqueiro, um código de ética e de deveres; apoiou moral e materialmente a fundação de *O Natalense,* o primeiro periódico a nascer na Província; promoveu reuniões para difusão dos ensinamentos da doutrina cristã e dos princípios de civismo; e, acima de tudo, transformou o trabalho numa devoção constante.

Pelo seu exemplo de probidade, pela sua atuação de promover harmonia e o bem público, deixou uma lembrança imperecível. O povo acha que ele foi o fundador: não pode dissociar de Acari o nome de Tomás de Araújo.

Faleceu ele em 19 de maio de 1847 com 82 anos de idade. Na igreja nova da cidade encontra-se uma lápide com esta inscrição (redigida por dom José Adelino Dantas, acariense de cultura clássica e boas letras): "Aqui repousam os restos mortais do grande e inolvidável patriarca Tomás de Araújo Pereira, honra das gerações acarienses que ele enobreceu e Deus multiplicou como as estrelas do céu. 1765-1847".

CAPÍTULO X

A PROSPERIDADE GERAL

CONFORME foi dito, Acari era em grande parte uma sociedade de fazendeiros e de seus colaboradores e agregados.

O criador de gado, o homem de fazenda, o vaqueiro — como assinalou Capistrano de Abreu — exerciam seu trabalho como se desempenhassem funções honoríficas, ou como se estivessem sendo agraciados pelo destino. Igualmente nos E. U. A., o fazendeiro dos tempos da colonização se considerava o mais nobre e independente dos homens na sociedade.

Mas continuemos a história.

Um filho de Manuel Antônio, de nome João Valentino Dantas Pinagé, que nasceu em 1807 na Fazenda Cajueiro [38], foi o primeiro acariense e seridoense a conquistar um diploma de Bacharel em Direito na Faculdade do Recife, em 1835. Exerceu cargos na Magistratura e governou a Província como vice-presidente, em 1838. Elegeu-se para seis legislaturas. Como redator de *O Brado Natalense,* defendia suas idéias com franqueza e lealdade.

Foi Pinagé quem recomendou em 1853 se aplicassem na construção de novo templo, amplo e majestoso, os bens constituídos por duas fazendas de gado que duas irmandades religiosas do Acari possuíam no município. Se não tivessem esse ou outro emprego, seriam eles mais tarde recolhidos aos cofres públicos como bens de confrarias.

---

(38) *Fazenda Cajueiro*. No município do Acari pelo menos havia duas fazendas antigas com o nome de Cajueiro: uma perto de Picos de Cima, no vale do rio Acauã; a outra, à margem do rio do Bico, no curso superior, perto da serra da Mutuca. Na primeira provavelmente nasceu Dantas Pinagé.

Em 1856 contratava-se a construção da igreja. Houve inúmeras dificuldades a vencer, interrupções nas obras, mas ajuda financeira da parte de todos. Pessoas humildes e meninos das famílias abastadas colaboravam com prestação de serviços braçais. Considerou-se concluído o templo em 1865. De 5 a 15 de agosto desse ano, por motivo da inauguração houve ruidosas comemorações. Para abrigar os forasteiros construíram-se de modo desordenado centenas de ranchos. Calcularam-se em 8 000 as pessoas presentes.

Muita festa, alegria derramando-se de todos os lados! Fogos de vista, serenatas com violões, danças nas camadas populares (sobretudo Polka e Schottish) com orquestras de violas, flautas e pífanos! Visitas, confusão, burburinho! Nas ruas estreitas, escassamente alumiadas pelas candeias de azeite de carrapato, mesas de jogo ao lado de mesas de comedorias e bebidas! Numa noite, contaram 60 távolas de jogos de azar.

Na parte religiosa, na amplitude do novo templo, seguiam-se com a maior pompa as cerimônias da liturgia, sob a responsabilidade de 18 padres, inclusive o vigário de Natal. Em grande parte, o arquiteto dessas solenidades foi o Padre Tomás Pereira de Araújo, o vigário de Acari. Nessa festa trasladou-se a imagem de Nossa Senhora da Guia da antiga capela para a igreja nova.

A velha casa de culto religioso foi consagrada como a igreja do Rosário.

Nela se realizavam, no tempo certo, os festejos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em que escravos, vestidos a caráter e com certo luxo, desempenhavam os papéis de rei, rainha e outras personagens, tanto em solenidades na própria igreja em que as figuras régias se assentavam em tronos, como em passeata pelas ruas da vila com guardas reais, munidos de espontões (39), que dançavam, e músicos com tambores *surdos* e pífanos, que davam o ritmo.

No que respeita à saúde pública, a situação geral era boa. Em virtude do clima muito seco e das peculiaridades regionais, não havia opilação, nem impaludismo.

---

(39) *Espontão, na festa do Rosário*. Espécie de lança de mais de dois metros de comprimento. Representava ao mesmo tempo uma arma para guarda das figuras reais e um objeto integrante de passos e danças.

Em 1856 verificou-se no Nordeste, chegando ao Acari, um surto de cólera-morbo. Anotaram-se dezenas de mortes pelo mal, que causava terror, ainda mais porque alguns corpos, considerados sem vida, levados em redes para o campo santo, na hora do descanso pelo caminho se levantavam surpresos. No cemitério da vila, à esquerda de quem nele entrava, ficou uma quadra reservada aos coléricos. No Bico, à margem da estrada real, estabeleceu-se um cemitério especial.

A 1 de setembro de 1858 era criado o município de Jardim do Seridó, desmembrando-se terras do de Acari.

A Guerra da Secessão nos Estados Unidos da América, que explodiu em 1861 e terminou em 1865, destruiu a economia dos Estados sulinos baseada no algodão. Os mercados consumidores da Inglaterra e outros países, então, voltaram-se para o Brasil. Chegou a vez do Nordeste e, particularmente, do Seridó, com o seu algodão de fibra longa.

Reforçava-se deste modo a economia do Acari. Passou-se a plantar a malvácea para atender à exportação. O fazendeiro juntou à função de criador a de lavrador.

A cultura do algodoeiro para o mercado externo acarretou a necessidade do descaroçamento. Antes, esta operação efetuava-se à mão e era relativamente fácil executá-la, pois se retiravam os caroços num só movimento: eles estavam unidos, formando uma só peça.

Agora, a espécie do algodão era outra, o algodão Mocó, de sementes separadas; além disso, o grande volume não permitia trabalho manual. Tinha que ser à máquina (o descaroçador) e a força motriz tinha que ser mais poderosa (de boi).

O estabelecimento em que se realizava a operação de descaroçar chamava-se bolandeira. Instalaram-se bolandeiras em vários pontos: em Cauaçu, Navio, Cacimba do Meio, Imburanas, proximidades da Rajada, Bico da Arara, Zangarelhas, Boa Vista (perto do Bulhão), etc.

Juntas de bois, circulando numa arena, como a do engenho bangüê, movimentavam o descaroçador. Os bois tinham nomes expressivos: Bargado e Cirigado, Alvação e Raposo, Azulão e Faceiro, Parece e Parecido (esta junta era de Magro, do Bico). Prensava-se o algodão em pluma (que chamavam *lã*) em fardos de 65 kg (4 arrobas de 16 kg e 1 kg de quebra). A princípio os fardos eram amar-

rados com cipó buji. Rareando os cipós, veio a corda de caroá; em seguida, o arame.

O ano de 1865 trouxe grande alento à prosperidade. Acabava-se de construir a igreja, obra majestosa (45 metros de comprimento, 19 metros de largura e 9 metros de altura do piso às biqueiras, e 21 metros de torres) — valioso estímulo psicológico. Entrava dinheiro de mais uma fonte — apreciado estímulo material.

Construíram-se melhores e maiores casas. Foi quando se levantaram as grandes residências da rua dos Pereiras; da rua de Silvino Bezerra, dos Cananéias e de Manuelzinho do Navio; e da rua da Matriz. Ao lado da igreja nova o padre Pinto construiu uma casa, que mais tarde foi vendida a José Bezerra, da Aba da Serra.

Foi quando se ergueram os dois sobrados, o menor e o mais antigo construído pelo padre José Modesto Pereira de Brito (40), certamente bem antes de 1888, pois faleceu em 21-1-1888, com 70 anos de idade, doado a seu parente Joaquim Servita Pereira de Brito; o outro, numa esquina, por Antônio Bezerra de Albuquerque que, ao se transferir para sua Fazenda Carnaúba, em Parelhas, o vendeu a Joaquim Paulino de Medeiros, Quincó da Rajada.

O programa de remodelação continuou. Realizaram-se demolições. No largo em frente da igreja velha, prolongando-se para o poente, havia várias construções de pouco valor venal, inclusive a casinha do fundador Manuel Esteves (onde Félix, da Pendanga, edificou sua casa) e a velha cadeia pública (onde Antônio Bezerra de Albuquerque assentou um prédio para sua casa comercial, Loja de Antônio Bezerra, que depois, por muitos anos, foi a Loja de Neto, Manuel Ubaldo da Silva Neto, avô do Cardeal Eugênio de Araújo Sales).

No terreno desimpedido levantaram-se o mercado e, à sua frente, constituindo duas alas, formando uma praça, dois correres de lojas, armazéns e uma residência (de Félix, da Pendanga). À esquerda do mercado cons-

(40) *Os irmãos Pereira de Brito.* O padre José Modesto era irmão do padre Francisco Justino, de Jardim do Seridó, e de Joaquim Apolinar, professor de latinidade (a língua e literatura latinas e os escritores latinos) em Caicó.

truíram-se uma loja (de Augusto, Galvão & Cia. [41], depois "A Favorita", de Luís de França Dantas), e uma residência (de Silvino Bezerra); à direita do mercado, uma residência (que foi de Manuel Adelino) e, já na esquina, uma casa comercial de ferragens e comestíveis, ocupada durante anos por Manuel Adelino e na qual trabalhavam seus sobrinhos Tomás Rosendo e Antônio Basílio. Nesta praça existia também uma loja ampla, na qual mais tarde Francisco Bezerra desenvolveu um comércio progressista.

Atrás do mercado, ao lado do poente, abriu-se a estreita Rua do Comércio.

A nova cadeia pública e a intendência municipal ficaram associadas num grande prédio de dois pavimentos, de arquitetura característica do Segundo Reinado, hoje monumento histórico, fincado no extremo oeste da vila. O edifício começou a ser construído em 1878 e concluiu-se em 1887, levando-se nove anos para completá-lo. Valia na época mais de 15 contos de réis.

No alto do telhado deste edifício colocaram uma estátua de mármore, que representava a justiça ou outra

---

(41) *Augusto, Galvão & Cia.* Sociedade constituída por Manuel Augusto Bezerra de Araújo e Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa para a exploração comercial de uma loja de fazendas, ferragens e miudezas. O negócio foi transferido depois a Luís de França Dantas, primeiro caixeiro do estabelecimento, o qual acrescentou novos ramos, como secos e molhados. França tornou-se abastado comerciante e trabalhou pelo progresso local.

Manuel Augusto, pai de José Augusto e Silvino Neto, faleceu ainda moço.

Cipriano Santa Rosa estabeleceu-se com negócio de compra, em Acari e municípios vizinhos, de algodão, peles de carneiro e bode, e borracha de maniçoba, que se exportavam para o estrangeiro por intermédio da conhecida firma Boris Frères, com escritórios na cidade de Paraíba. Permaneceu no negócio vários anos, indo frequentemente à capital paraibana, viajando a cavalo até Guarabira, onde tomava o trem. Estava sempre visitando fazendas e sítios nos municípios, onde operava, para estimular a produção das mercadorias, sobretudo borracha de maniçoba, que na época constituía matéria-prima de bastante procura na Europa.

A maniçoba, planta típica do Nordeste, chegou a ser plantada em apreciável escala em Alagoas e Bahia, bem como por alemães na África. (Ver a propósito o trabalho do autor "Plantas xerófilas do Nordeste e o aproveitamento industrial de seus produtos", publicado em folheto pela Confederação Nacional da Indústria, 1959, e pelo Banco do Nordeste do Brasil; divulgado também pela *Revista de Química Industrial*, nov. e dez. de 1960.

entidade. O povo chamava a essa figura São Soubera. Mas perguntava: quem foi São Soubera? Ninguém sabia. Parece que o fato se originou de um equívoco. Quando alguém inquiriu um letrado da terra a respeito, a resposta deve ter sido:

— Se eu soubera!...

Do lado esquerdo do grande prédio, a seguir, estendeu-se a Rua da Intendência, por alguns chamada também Rua da Cadeia. Atrás dele, à margem direita de um córrego, Abdias Lopes Pequeno construiu uma casa alpendrada, onde, na posse de novo dono, nasceu o futuro Cardeal.

O mercado público foi construído na mesma época. Há na Prefeitura Municipal um documento que o descreve assim: "... o melhor do Seridó com 7 portas em arco para o largo providas de grades de ferro e no maior aceio possível, onde se realizão as feiras semanaes, muito bem providas de tudo". Na época dava-se ao prédio acabado o valor de mais de cinco contos de réis.

Em 15 de agosto de 1864, segundo Luís da Câmara Cascudo (Acta diurna, *A República,* 9 de junho de 1940), o Padre Mestre Ibiapina fundou uma Casa de Caridade no Acari. O padre Ibiapina (José Antônio Pereira Ibiapina), da ilustre família dos três irmãos Alencar que chefiaram no Ceará as revoluções de 1817 e 1824, abandonou em 1836, aos 30 anos, suas posições e comodidades de juiz de direito, professor na Academia de Olinda e deputado do Império, para ordenar-se padre (1853).

Procurando tornar-se ainda mais humilde, renunciou à cátedra de Eloqüência Sagrada no Seminário de Olinda, a títulos, honrarias, tratamentos dignificantes, para consagrar-se integralmente à caridade nos sertões de quatro Províncias, levando esperança aos aflitos, fé aos desamparados. Com esmolas, sacrifícios e vontade, construiu capelas, cemitérios, casas de caridade, recolhimentos.

No Rio Grande do Norte, fundou casas de caridade em Moçoró, Açu e Acari. O estabelecimento desta vila, dirigido e operado por freiras, acolhia moças desamparadas, dava-lhes educação em regime de internato e atuava como escola de letras e trabalhos manuais para o elemento feminino local. Deu cursos a várias moças da nata social e senhoras casadas da vila. Uma destas, então na

flor da idade, bonita, de olhos bem azuis, que freqüentou o curso em 1872, era Maria Emília Mamede (Mariquinha, filha de Manuel Lopes Cananéia, a qual faleceu em 1941).

Funcionou o estabelecimento ao lado e a leste da atual igreja do Rosário. Sua frente era virada para o norte, havendo alto e largo portão de entrada. No seu pátio interno, defendido por muralhas de pedra, que ainda se encontram no lugar, havia grande cisterna, que recebia a água de chuva dos telhados da igreja e do educandário assistencial. Manteve-se aberta a instituição até fins do século passado ou primeiros anos do atual, sendo demolida, pouco depois do abandono, para ser construída a residência de Francisco Bezerra no estilo *chalet*.

O padre Ibiapina (42) exerceu um apostolado de alto merecimento espiritual. Seu nome é digno de nossa lembrança, que se pode exprimir num monumento de pedra, simples, forte e humilde, como foi o poder de seu espírito devotado ao bem. Este monumento deve ser o muro de pedra da Casa da Caridade, mantido como era no princípio, acrescentando-se, todavia, uma placa de bronze, explicativa, para as novas gerações.

A mais antiga referência ao carnaval no Acari, colhida pelo autor, alude ao ano de 1871, e guardou-se a data na tradição oral porque o fato esteve associado a grande escândalo social.

Foi o caso de haver saído à rua um bloco de papangus (mascarados de longas barbas, roupas estranhas e figuras exóticas, como os pais-joões cariocas) amedrontando meninos, correndo, dançando e fazendo graças. Chegando à Rua dos Pereiras, nas calçadas encontrou rapazes e moças que esperavam. Uma delas era a jovem de 15 anos Antônia Bertina, filha do poderoso João Damasceno, do Bulhão, e noiva de José Bezerra, do Ingá.

Um papangu afoito, certamente de fora do Acari, chegou-se a ela e pediu um beijo. O mundo quase veio abaixo. Que falta de respeito! Formou-se logo tremenda confusão: tapas, empurrões, quedas. A sorte é que o mascarado, durante a briga, pôde fugir e ninguém lhe descobriu a identidade. E fugiu pelo caminho aparentemente

(42) *Sobrenomes brasílicos*. Alguns chefes revolucionários cearenses da Confederação do Equador adotaram sobrenomes brasílicos, em sinal de protesto, como Araripe, Ibiapina, Jucá, Mororó.

menos indicado: por dentro de casa e embarafustando-se pelo buraco da comua.

Antônia Bertina casou a 9 de janeiro de 1872 com José Bezerra, que seria depois o famoso Comandante da Aba da Serra.

O movimento geral nordestino do quebra-quilo também atingiu o Seridó, inclusive o Acari. Pura incompreensão, era um protesto contra o sistema métrico decimal introduzido em toda a nação pela Lei Imperial n.º 1 157, de 26 de junho de 1862, desenvolvida no Regulamento de 11 de dezembro de 1872, a qual entraria em vigor a partir de 1 de julho de 1873.

É que a população, tradicionalista, estava habituada com as medidas e os pesos antigos de polegada, palmo, côvado, vara, braça, légua, libra, arroba, alqueire, canada, etc., e não queria mudar. O movimento, de distúrbios e alaridos, verificou-se no Acari de fins de 1874 a meados de 1875.

Na segunda metade do século, o ano de 1877 ficou assinalado como o de uma grande seca, do poder destruidor que tiveram as secas de 25 e 45. A situação no Acari foi amenizada pela existência de poços [43] de águas permanentes no rio Acauã, desde o poço do Barbosa, na Volta do Rio, até os que ficavam abaixo da vila. Em derredor deles efetuavam-se pequenas culturas de jerimum, batata e feijão, o que dava alimento para pessoas e forragem para os animais extremamente enfraquecidos.

Quando foi assinada pela Princesa Imperial Dona Isabel a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, Acari já era uma *vila livre,* isto é, nela não havia mais escravos. Tinham sido todos libertados antes, em virtude dos movimentos abolicionistas em vários pontos da Província. Aliás, em Acari, como no Seridó, consideravam-se os es-

(43) *Poços do rio Acauã.* Estes poços existentes no leito do rio Acauã, quando não mais corria água na superfície, e não secavam no estio mesmo prolongado, eram: do Barbosa, na Volta do Rio, uns 5 km acima do apertado da Gargalheira; do Saturno, uns 200 m abaixo; da Acauã, aproximadamente 1 km abaixo; do Padre, uns 1 200 m abaixo; da Carrapateira, uns 2 200 m abaixo; do Felipe, em Acari; do Goso (pequeno), uns 500 m abaixo do poço do Felipe; do Celestino, uns 2 200 m abaixo do poço do Felipe. Atualmente, construído o açude Marechal Dutra, ou Gargalheira, não há poços: o leito foi escavado, e a água é corrente todo o ano.

cravos de ambos os sexos como um prolongamento da família, uma espécie de agregados.

Os homens trabalhavam, com outros serviçais, na agricultura de subsistência; como auxiliares de construção e conservação; em apanhar lenha no mato e botar água em casa, geralmente empregando animais de carga; na debulha à mão de milho e feijão; em pisar milho em pilão em maiores quantidades; em cortar e distribuir forragem para os animais; em abrir e conservar cacimbas; em tratar das criações miúdas, etc.

As mulheres escravas, com outras pessoas, ocupavam-se de serviços domésticos, como apanhar, descaroçar e fiar algodão; extrair em água quente azeite de carrapato, para iluminação e curativos no gado; preparar cinza e dela retirar decoada (44) para manufaturar sabão da terra; fazer queijo de coalho; lavar e engomar roupa; limpar a casa e os terreiros, e cozinhar, etc.

Eram uns e outras bem tratados na convivência com todos, recebiam a alimentação comum e possuíam famílias organizadas; e ainda realizavam à noite suas danças fora de casa. Abolida a escravatura, no Seridó a grande maioria dos libertados continuou nas fazendas dos antigos senhores. Não foram os escravos, nem poderiam ser, preparados para a sociedade da época, sem condições de dar empregos como são entendidos no conceito atual.

No plano regional, como no nacional, o sistema de empregos diretos para os que trabalhassem não seria solução, nem para os alforriados, nem para os fazendeiros. A administração pública dava empregos remunerados, a seco. Pouquíssimos. O particular concedia empregos, mas

(44) *Sabão da terra*. É também chamado *sabão de decoada*. Obtém-se a decoada ou lixívia fazendo-se passar água através de cinza de madeira colocada num barril grande (na Fortaleza utilizava-se uma velha forma de açúcar). Recolhe-se em baixo uma solução fraca. Pode-se concentrar esta lixívia, evaporando até maior concentração. Mas não é imprescindível. Coloca-se a lixívia num tacho com a gordura (sebo e substâncias gordurosas de aproveitamento). Ferve-se em fogo brando, mexendo com pá de madeira algumas horas até o ponto. A cor depende das gorduras usadas. Quanto mais resíduos de carnes, mais escuro fica o sabão e de cheiro menos agradável. Deve-se utilizar gordura fresca. Denomina-se sabão da terra para diferençar do outro que era importado do Reino.

com casa e comida, às vezes com vestuário, rede e roupa lavada; por isso, o salário em dinheiro era muito baixo.

Antes de 1888, no Seridó a estrutura social assentava na posse da terra, na criação de gado e na mão-de-obra. A terra dava o sustento, o gado dava o dinheiro (45) e a mão-de-obra dava as realizações.

Da terra vinha o de-comer, diretamente (vegetais) e indiretamente (animais); dela procedia o vestuário para grande parte das pessoas (fiava-se e tecia-se algodão); dela dependia o transporte, feito em animais; dela derivava a prosperidade, garantida pela pecuária. Daí, o interesse pela posse da terra.

Com a aplicação sobretudo da mão-de-obra se construíram casas, currais, açudes, caminhos e cercas. A vida se escoava principalmente nas fazendas, onde havia o necessário. Nas vilas e cidades, de existência monótona, puritana, não se ofereciam distrações, passatempos, futilidades, divertimentos, confortos, novidades. Pouco ou quase nada para comprar! Daí, o desinteresse relativo pelo dinheiro.

Para que o homem recém-alforriado tivesse amparo econômico, seria imprescindível que recebesse, então, terra e gado. Mão-de-obra ele tinha. Assim entendeu Janúncio Salustiano da Nóbrega, da Fazenda Pedreira, no Caicó: antes da Lei Áurea, a seus colaboradores escravos distribuiu cartas de alforria, terra com casa nos Ourives, de papel passado, e *semente* de gado, para não ficarem à margem da estrada da vida. Com ele, Janúncio, ficaram os que quiseram.

Entre estes ficou *mãe* Isabel, para quem ele construiu, bem perto da sua, uma casinha branca. Lá, ela recebia alimento e mais o que fosse preciso. Toda manhã, depois do café e quando se dirigiam ao sítio de fruteiras, os netos do fazendeiro — moças, meninas e garotinhos — iam visitar *mãe* Isabel e tomar a bênção. Um dia, por

---

(45) *Gado e dinheiro*. Gado é vocábulo que vem do gótico *ganan*. Pecuária é o próprio latim *pecuaria*. A expressão "o gado dá o dinheiro" tem um sentido de séculos. O vocábulo *pecuária*, a criação de gado, origina-se de *pecus*, que tem o significado de gado, rebanho; *pecúnia*, cujo sentido primitivo era riqueza em gado, e passou a ter o de dinheiro, deriva-se também de *pecus*. Vê-se pela etimologia como estão ligados os sentidos de criação de gado e riqueza em dinheiro.

volta de 1910, foi na comitiva um pirralho de cabelo espeta-caju. Ela examinou-o e, informada de quem se tratava, disse com autoridade:

— Olhe aqui, *senhor moço,* dei muito de mamar à sua mãe quando era novinha. Você é dos meus. Seja um homem de bem, como seu avô.

No Acari tornou-se conhecida, nas duas primeiras décadas deste século, uma criatura singular, nascida no regime da escravatura, remanescente da casa do Ingá. Seu nome: Damásia. Passava temporadas na Fazenda Fortaleza, do amigo que ela chamava *senhor moço.*

Curvada ao peso dos anos, de cabelos brancos, era exímia artesã, extremamente trabalhadora e responsável, com o senso da ordem e do aproveitamento de desperdícios e resíduos. Acordava às três horas da madrugada, descaroçava algodão, batia-o com vara de macambira, e fiava-o em fuso manual. Acendia o fogo.

Ia às plantações recuperar os capulhos de algodão, levados pelo vento, pelos ratos e preás, colher as tamboeiras de milho e frutas, para as galinhas. Depois do almoço, aproveitava com pena de galinha as gorduras sobrenadantes de águas de lavagem, para a feitura de sabão, cosia e remendava suas roupas; fazia coberta de taco (de retalho de pano).

À tardinha, ia ao campo juntar madeira seca para queimar e ter cinza, da qual extraía decoada. Em certo dia, num grande tacho, fazia *sabão da terra.*

Nos aceiros dos roçados, catava sementes de carrapateira espalhadas pelo chão. Delas, em casa, extraía óleo de carrapato, de uso no tratamento de bicheiras nos bezerros novos.

Tudo isso ela fazia de modo espontâneo, harmoniosamente, e o dinheiro que recebesse pelo trabalho, pela venda de fios (procurados para coser sacos de juta), destinava aos netos.

O autor descreve estes fatos ainda temeroso de sua repreensão amistosa:

— Cuida que eu não sei qual é a minha obrigação? Não tem que falar disso, que agora quero paz!

Numa grande seca do século XVIII, Antônio Pais de Bulhões, do Acari, viajou com imenso sacrifício até Camaratuba, no litoral, para comprar farinha, alimento básico. Mas não encontrou quem vendesse. Um escravo.

todavia, sabedor do fato, cedeu-lhe a sua produção consentida, e não quis receber pagamento.

Passada a seca, Pais de Bulhões tornou a Camaratuba, pagou a carta de alforria para seu amigo, levou-o para o sertão e deu-lhe, no rio São José, terra, casa e semente de gado. Este ex-escravo chamava-se Feliciano José da Rocha, e veio a ser próspero fazendeiro, o *capitão* Feliciano.

Em outro ano de seca, esforçava-se ele para salvar seu rebanho, e o do seu amigo, da fome e da sede. Começou a cavar cacimbas no leito seco do rio: se não encontrasse água, seria uma calamidade; se encontrasse, teria o remédio. Encontrou. Daí, a origem do nome Fazenda Remédio. Aquelas areias secas, tão escavadas com esperança, estão hoje permanentemente molhadas pela água do açude público Cruzeta e, nas terras da fazenda, está assentada hoje uma cidade sob a invocação de N. S. dos Remédios.

No Seridó a propaganda republicana teve início em Caicó, no ano de 1886, com Janúncio da Nóbrega Filho, jovem estudante de Direito, eloqüente, impetuoso, ferino, vibrante. Lá se fundou *O Povo,* o primeiro jornal republicano na Província.

Esse movimento empolgou políticos liberais do Acari, que participaram dos *meetings* e arrancadas de Janúncio Filho, mas se esquivavam de tomar posições extremadas, em virtude de suas convicções ordeiras, de essência pacífica, compreendendo que o progresso social e político é obra de sedimentação paulatina.

No fim do século, os homens do Acari que se ocupavam de política — a arte de governar e dela tirar proveito para o bem público — eram os irmãos Silvino, José e Cipriano Bezerra, tranqüilos, bem-humorados, fortes de corpo e espírito, altos e decididos, e Manuel Augusto, professor, temperamento conciliatório, filho do primeiro. Eles, com exceção de José, foram deputados provinciais na Monarquia e presidentes da Intendência do Acari na República.

José Bezerra, da Aba da Serra, passou a dedicar atenção à vida pública de Currais Novos. Figura excepcional de orientador, dotado de senso prático, de equilíbrio, de incomum força moral conseqüente de sua capacidade de pressentir e julgar com justiça, o Comandante da Aba

da Serra desfrutou nos sertões nordestinos de um renome sem par.

Não obstante sua ação dirigida num só rumo, contam-se dele as mais disparatadas histórias. Contam-se também fatos verdadeiros. Cascudo, na sua "História da República no Rio Grande do Norte", cita uma frase característica do Comandante: "A política tem mais mudanças do que a viola de Preto Limão".

Silvino Bezerra, chefe político desde 1865 (com 29 anos de idade) até sua morte em 1921, nunca perdeu eleição. Lutador infatigável, enérgico, paciente, exímio conversador e dono do argumento pronto, como os irmãos, foi um benfeitor de sua gente e de sua terra. Como Tomás de Araújo, que por mais de meio século foi ativo chefe sertanejo com repercussões em todo o Rio Grande, Silvino, seu bisneto, deputado provincial em 1878-79 e 1884-85, vice-governador do Estado no período ocupado por Pedro Velho, atuou por mais de cinqüenta anos.

Cipriano Bezerra Santa Rosa, deputado provincial, presidente da Intendência e juiz distrital por alguns triênios, em verdade não tinha gosto pela política: não se adaptava à convivência com pessoas de caracteres tão instáveis e contraditórios, como os do cenário das lides públicas.

Por discordar da orientação do Partido Republicano no Seridó, desligou-se dele e tornou-se oposicionista, mas apenas por cerca de cinco anos. Empenhou-se na campanha de eleger José da Penha, substituído por Leônidas Hermes da Fonseca, para o governo do Estado; depois, afastou-se definitivamente da política.

Dele disse *O Jornal*, de Natal, em 20-2-1947: "Abolicionista dos mais ardorosos, lutando ao lado dos irmãos Silvino e José Bezerra, e dos cunhados, Dr. Manuel José Fernandes (que foi juiz de direito em Caicó e Jardim) e coronel Ezequiel Fernandes, desempenhou relevante papel na memorável campanha política e ideológica entre os Partidos Liberal e Conservador, e na vigência da propaganda republicana. Proclamado o novo regime, ocupava Santa Rosa uma cadeira de deputado provincial, pelo Partido Liberal".

"Santa Rosa, um dos últimos abencerragens da fidalguia rural seridoense, colaborador esclarecido, incansável, experientíssimo, de historiadores folcloristas..."

Como seu bisavô Tomás de Araújo, seu avô Cipriano Júnior, de São Bento, e seu pai Cipriano, do Ingá, Santa Rosa foi ser negociante de mercadorias do Seridó, com o objeto de exportá-las, e dedicar-se à atividade de fazendeiro, transformando as terras do Felipe na Fazenda Fortaleza, sua verdadeira inclinação, "aprazível oásis", "verdejante retiro", como a classificou *O Jornal*.

Já no regime republicano, reforçou-se a ação de Silvino com a chegada de novos lutadores: Joaquim Servita Pereira de Brito, seu genro, presidente da Intendência e deputado estadual; Dr. Juvenal Lamartine de Faria, seu genro, juiz de direito de Acari, vice-governador do Estado, deputado federal, senador da República, governador do Estado; Dr. Manuel Gomes de Medeiros Dantas, seu genro, promotor público de Acari, depois advogado, jornalista, diretor da Imprensa Oficial, homem de cultura polimorfa; e José Augusto Bezerra de Medeiros, seu neto, juiz de direito, professor, jornalista, escritor, deputado federal, parlamentar de atuação nacional, vice-presidente da Câmara dos Deputados, governador do Estado.

Em 1890 ocorreram novos desmembramentos de terras do município de Acari: criaram-se os municípios de Currais Novos, em 15 de outubro, e de Flores, cinco dias depois.

Segundo o recenseamento de 1890, havia no município de Acari mais de 9 000 habitantes e na vila 10 ruas com 198 prédios, inclusive dois sobrados particulares.

Por essa época ou um pouco depois, achava-se incorporada uma sociedade anônima — Leiterias do Norte S. A. — "cujas machinas vindas da Europa já se achão no porto do Recife e em breve serão montadas nesta Villa sob a exclusiva direcção do illustre medico Dr. José Manuel Pr.ª Pacheco, que, como se sabe, tem estudos especiaes sobre a materia", conforme um documento que se encontra arquivado na Prefeitura. Não vingou o plano, nem poderia lograr bom êxito, visto como na época não havia condições favoráveis. A idéia, se fosse apresentada hoje, seria viável, e o empreendimento daria lucro.

A indústria depende da abundância de leite. Para servir de base a um rebanho de vacas leiteiras, pode-se cultivar capim com outras forrageiras à margem do rio Acauã, agora de correnteza permanente, graças ao açude da Gargalheira. O alimento protéico está disponível na

torta de caroço de algodão e nas vagens de algaroba, na torta de semente de mamona, desintoxicada e desalergenizada, e, ainda, na farinha de peixe sem cheiro e gosto, possível dentro de pouco tempo.

Completam-se as boas perspectivas com a disponibilidade de energia elétrica e de um mercado consumidor regional com grande poder absorvente. Os produtos seriam manteiga, queijo do tipo Minas com leite desnatado, queijos de tipos especiais e iogurte. A designação social já não seria a mesma, mas outra, talvez Laticínios do Vale do Acauã S. A.

Em conseqüência de projeto que o deputado Manuel Augusto Bezerra de Araújo apresentou à Assembléia Legislativa, foi assinada pelo Governo Estadual, em 15 de agosto de 1898 a Lei n.º 119, que elevou a vila do Acari, sede do município, à categoria de cidade.

CAPÍTULO XI

OS FOROS DE CIDADE

COMO vimos no final do Capítulo anterior, Acari foi elevada à categoria de cidade em 15 de agosto de 1898.

Sopro de prosperidade

Pela ação de seus políticos, que dando o exemplo procuravam a paz entre todos, pelo esforço dos fazendeiros de progredir em suas atividades, o município foi adquirindo expressão econômica. Do começo do século até 1918 mais se acentuou, como um vento de bonança, o sopro da prosperidade.

A criação de gado, a lavoura do algodão de fibra longa e as culturas de subsistência deram ao proprietário rural uma confiante base econômica. Trataram os fazendeiros de melhorar as instalações de suas fazendas e seus sítios (46), de cuidar de obras de prevenção contra as secas, de construir cercados para o gado, de aprimorar o gosto e os hábitos, de providenciar mais elevada instrução para os filhos.

Viviam principalmente no campo, mas nos domingos e dias de festas transferiam-se para suas casas na cidade,

---

(46) *Sítio e fazenda*. Além dos sentidos comuns de lugar, chão, terreno, assedio, cerco de praça, *sítio* significava, há alguns séculos, casa de campo do rei nas vizinhanças da capital. Por extensão, na península ibérica e em Pernambuco (por influência dos colonizadores), possuía o significado de quinta, casa de campo com granjearia. Hoje, em geral tem o sentido de habitação rústica com pequena granja, de moradia rural, de estabelecimento menor que fazendola. Emprega-se no Seridó a palavra *sítio* com o significado

onde cultivavam as normas de uma sociedade mais fina, onde vestiam boas roupas e exerciam práticas de pessoas que procuravam seguir as modas levadas do Recife.

A Festa de Agosto

A ansiosamente esperada Festa de Agosto — nove dias de movimentação, alegria, divertimento, exibicionismo e férias — constituía o clímax da vida municipal e, diga-se a verdade, também da vida seridoense.

Neste Capítulo devemos falar primeiramente do grande sucesso que era a comemoração ruidosa, de 6 a 15 de agosto, da novena de Nossa Senhora da Guia, a padroeira, e que se transformou num acontecimento de marcante intensidade social.

A bem dizer, quase todo o Capítulo se consagra à descrição dos fatos relacionados com a Festa, num período de 10 anos, a terminar em 1918. Julgamos conveniente registrar com toda a verdade o que sucedia, como um documento de história social. Havia uma preparação de todos para a Festa de Agosto, como há no Rio de Janeiro para o Carnaval por apreciável parte da população.

Exerceu a Festa de Agosto acentuada importância no comportamento humano. Durante o seu reinado, refaziam-se entendimentos, criavam-se amizades, efetuavam-se negócios, iniciava-se namoro e contratava-se casamento. Uma inclinação passageira, uma leve afeição, um simples *flirt,* já se considerava começo de responsabilidade, uma *animação*. Dizia-se, por exemplo:

— Você viu como José Avelino estava *animado* com Maria Emília, no baile da Intendência?

Não faltavam moças bonitas, nem rapazes elegantes, que deixavam impressões. Entre as jovens destacavam-

---

histórico, vindo de Pernambuco, de casa de campo com granjearia, a saber, com lavoura e criação de animais domésticos, mesmo de certo vulto, não raro com pequena indústria rural.

Fazenda, na língua portuguesa antiga, era o mesmo que lida, ação de laborar, labutação, coisa feita ou a fazer, obra, serviço. Passou a significar bens, terras; mercadoria; tecido de algodão ou de linho; propriedade rural. Hoje utiliza-se o vocábulo *fazenda* no sentido de grande estabelecimento rural, de agricultura ou criação de gado, ou misto.

se Iluminata Bezerra da Nóbrega, tipo clássico de beleza mediterrânica-européia, extremamente vivaz, e sua irmã Marieta, tranqüila, ponderada, ambas de cabelos e olhos negros.

Outras moças bonitas eram Lídia Belisa e Mônica da Nóbrega Galvão, altas, esbeltas, louras e de olhos azuis, características herdadas dos avoengos portugueses do Entre Minho e Douro. Verônica Araújo apresentava outro tipo de beleza: suave, de fala mansa, de olhos sombreados por longos cílios.

Observando o desenrolar desses nove dias intensos e acompanhando as pessoas que neles se agitavam, pode-se ter nítida idéia de o que era o Acari nas Festas de Agosto do começo do século, que culminaram em 1909-1913.

As casas e os móveis

O que caracterizava o tipo comum de habitação era ser bem construído, com paredes resistentes de tijolo, madeiramento de lei, telhas coloniais longas e certa amplitude de acomodações. Algumas paredes têm 50 cm de largura.

Cuidava-se especialmente de mobiliar a sala de visita. Em geral, para as melhores residências compravam-se móveis no Recife, que por sua vez os recebia da Europa. Havia uma ou outra cama, visto como todos dormiam em redes.

Roupas, perfumes, jóias e objetos de uso guardavam-se em arcas, baús e malas de couro envernizado e pregueadas de tachas com cabeças douradas.

A água de abastecimento era fornecida em cargas de quatro barris: a comum, para os gastos gerais, apanhava-se em cacimbas do rio Acauã; a de beber, considerada de boa qualidade, buscava-se na Fazenda Fortaleza, colhida em bem tratadas cacimbas do rio do Bico.

Para cozinhar, o combustível era lenha, fornecida também em cargas.

Todo ano, no mês dos fins d'água, as casas da cidade eram consertadas, caiadas e pintadas, providenciando-se para que, na Festa de Agosto, tivessem boa apresentação as fachadas e calçadas.

A iluminação

A iluminação nas residências era a querosene. Usavam-se lampiões, candeeiros com mangas de vidro e lamparinas. Casas de bom gosto tinham fotomobílio com pé, tudo de cristal trabalhado, e larga chaminé também de cristal, para proteger a vela de espermacete. A vela ficava escondida no interior do pé (de 20 cm de altura) e à medida que queimava era impelida por uma mola. Fotomobílio significa *luz que se pode mover,* isto é, candeeiro com manga, transportável.

Obtinha-se a melhor iluminação, para o lugar e a época, com o funcionamento de candeeiros portáteis de acetileno, formado à custa de carboneto de cálcio e água, que se colocavam em repartições no interior do próprio utensílio. Estes candeeiros, cilíndricos, eram feitos de folha de zinco.

Chegou-se a fazer instalação fixa para produzir o gás acetileno e levá-lo encanado em tubos de chumbo para cômodos da casa, onde se colocavam bicos para acender. Uma destas instalações existiu no Hotel de Tetê, na atual rua Tomás de Araújo (47).

Outra, em muito maiores proporções, funcionou por vários anos na igreja nova. Para acender, abria-se o bico de gás e chegava-se perto uma chama. Para apagar, era suficiente fechar a torneira geral na saída do gaseificador.

As comidas e as bebidas

Com a necessária antecedência, nos sítios e fazendas, sendo a preocupação maior a Festa de Agosto, tra-

(47) *Tetê Garcia* (Teresa Brasileira de Jesus, da família Garcia). De estatura regular, animada, extrovertida, de olhos azuis (característica dos Garcia), Tetê foi moça de beleza fora do comum. Em casa era guardada avaramente por seu pai, sobretudo quando ficou viúva aos 22 anos de idade. Para casar segunda vez, foi preciso entrar em ação a diplomacia de Silvino Bezerra, do Ingá. Aos 50-80 anos, continuava espigada, andando depressa e falando alto (sinal dos Garcia). No trabalho com suas auxiliares, falava sempre. As expressões mais empregadas: "Avie, ande depressa, deixe de remanchar". Diziam: é avexada (apressada).

Dos dois matrimônios, houve 24 filhos, criando-se 14. Possuía extraordinária capacidade de ação. Sem dinheiro, mas com sua poderosa vontade e com suas filhas laboriosas, abriu um hotel,

tava-se de carneiros e porcos, engordava-se frango com milho em caroço, aferventado previamente e posto de bico a dentro.

Mais nas proximidades da Festa, preparava-se lingüiça e caprichava-se no chouriço doce.

Este acepipe, chamado no Seridó apenas *chouriço*, com muitos apreciadores, obtinha-se de sangue de porco longamento cozinhado, com agitação constante, e depois passado em urupemba, a que se juntava mel fraco de rapadura. A esta garapa adicionava-se uma coleção de temperos, como erva doce, pimenta do Reino, canela, gengibre, leite de coco, e por fim castanha assada de caju, moída, encorpando-se a mistura com farinha fina de mandioca. Devidamente cozida e preparada a massa, de cor parda escura, despejava-se em pratos, latas ou compoteiras; na superfície, para enfeitar, punham-se castanhas de caju assadas e sem película.

Elaboravam-se doces de goiaba e caju em calda, e faziam-se biscoitos, sequilho, broa, raiva, pão-de-ló torrado e outras delicadezas de forno, consagradas pela arte alimentar, um tanto complexa, luso-sertaneja.

O sequilho, branco, seco e quebradiço, com formato de biscoito, compõe-se de polvilho de mandioca, mel de açúcar, leite de coco e sal amoníaco (carbonato de amônio, que produz os gases responsáveis pelo crescimento e afofamento do sequilho).

A broa tradicional do Seridó não se faz de milho. É um biscoito que se obtém de farinha de trigo, gema de ovo batida e açúcar, em volumes iguais. Pequeno disco,

---

fazia bolachas, biscoitos, iscas e doces, para servir num café aos domingos, dias de feira, com almoços leves. Montou uma padaria, a primeira do Acari, e começava a trabalhar às duas da madrugada. Comprou casas, tinha suas vacas e ela própria tirava leite. Prestava serviços de assistência e caridade com uma boa-vontade sem limites. Era enfermeira de quem não podia pagar, e parteira das necessitadas. Atendia a doentes da terra, a retirantes às vezes com doenças infecto-contagiosas, que estavam de passagem e não podiam continuar viagem imediata. Lidava com eles, arranjava-lhes roupas, conforto e comida. Alguns fazendeiros e comerciantes, conhecendo-lhe o esforço bem empregado, não lhe negavam os pedidos e justificavam-se: "É a rainha do Acari quem ordena". Ela morreu com idade avançada (aos 82 anos, em 1932), e nunca foi atingida por qualquer contágio. Trabalhou duramente até à véspera da morte.

a broa tem assim a forma circular, com o diâmetro de três a quatro centímetros.

A propósito: é uma idéia estapafúrdia pretender substituir o vocábulo *broa,* dos mais antigos da língua portuguesa, cuja origem remonta ao gótico *brauth,* por uma palavra inexpressiva como *tareco,* somente porque pensam que o último vocábulo é nome civilizado. O falar correto e a tradição recomendam *broa.*

Raiva, biscoito delicado, desmanchando-se facilmente, prepara-se a partir de polvilho de mandioca, ovos batidos, açúcar e leite de coco. Pão-de-ló torrado resulta de pão-de-ló comum, cortado em pedaços e aquecido em forno.

Guardavam-se em jiraus os melhores queijos de manteiga; providenciava-se a feitura de queijos de coalho para servir, assados, com café e bolacha "Regalia", mandada vir de Macaíba.

Todos estes preparativos se realizavam para que a hospedagem na cidade aos parentes, amigos e conhecidos de outros municípios fosse de mão-aberta, generosa.

O seridoense de então era pouco dado a bebidas alcoólicas. Tinha em casa, é verdade, uma garrafa de aguardente fina (entre outras, a "Serra Grande") para um golé a uma pessoa que chegasse molhada de chuva.

Em festas de casamento, batizado ou apartação, tomava-se vinho, sobretudo vinho do Porto. Na cidade havia ~~regular~~ consumo do vinho de mesa "Chianti", naquela garrafinha empalhada, de fundo convexo. Em festas políticas, nos dias de eleição, bebia-se cerveja, cujas garrafas se envolviam em panos absorventes e se colocavam debaixo de potes nas cantareiras, para esfriar.

Nas bodegas, bebiam-se aguardente e genebra Focking (que chamavam *zinebra*) em copinhos de vidro grosso. Serviam-se também vinho português de barril e refresco de capilé (xarope em garrafa). Nas estradas, quando o calor apertava ou a cruviana era mais fria, o comboieiro sorvia um trago de cana ou genebra.

Naquele tempo, apareceu uma bebida de nome *Bilz,* muito agradável, precursora do refrigerante, espumando em excesso quando despejada num copo. É que, não havendo gelo, nem geladeira, era tomada apenas fria. Espumava tanto que o vaqueiro Janúncio Carapina se entusiasmou:

— Eta bebidinha que tem mais escuma que uma cuia de leite bem tirado! Mas é boazona de verdade!

A moda feminina

Havia, então, exagerada preocupação com a moda. Paris criara a *Belle Époque,* que de lá se irradiou por toda a parte, indo também para o Seridó nas páginas dos figurinos franceses, de ampla difusão.

E não eram somente as roupas femininas arrastando no chão, a moça de "cintura de vespa" apertada em espartilho, e os chapéus imensos com plumas, fitas, passarinhos artificiais e imitações de frutinhos — tudo isso com guarda-sol de cabo longo, jóias por toda a parte e um leque de madrepérola e seda. Eram igualmente as atitudes de bom-tom, as normas de proceder, o comportamento em sociedade.

Em Paris surgiu o escândalo da moda *jupe-culotte* (uma saia bem comprida, mas deixando aparecer de leve, por uma abertura, a boca de umas calças brancas enfeitada de fitas). Pois bem, *jupe-culotte* apareceu em Acari. Mas levada por uma moça de Caicó.

Quem a levou foi Maria do Patrocínio, que fazia parte do animado grupo das moças da Pedreira, entre as quais figuravam as irmãs Santinha, Glorinha, Tudinha e Safira, as primas Olga, Alba, Marieta e Iluminata. As jovens, com figurinos franceses nas mãos, discutiam: achava a maioria que aquela roupa era um escândalo. Uma delas, entretanto, corajosa e decidida, que precisava impressionar, dizia:

— Ah! c'est la mode. Le dernier cri!

E apresentou o vestido.

Em Acari, os responsáveis pela moda, tanto feminina, como masculina, eram os comerciantes Francisco Bezerra, Manuel Ubaldo Neto e Luís de França. Levavam mercadorias do Recife, que as recebia diretamente da França. Não havia, então, a menor dificuldade para importar fosse o que fosse. Importou-se até pedra comum (as pedras do quebramar do porto do Recife vieram da Suécia. Foi mais barato importar de lá que levar de Jaboatão, ali na vizinhança).

Francisco Bezerra, um precursor

Francisco Bezerra foi um precursor do progresso local. Comprou casas velhas e remodelou-as, modernizando-as; construiu uma rua em declive (entre a Casa de Caridade e o rio); inaugurou o revestimento com azulejo português de uma frente de casa (hoje de José Braz); construiu um *chalet* para sua residência; levantou uma vila modernizada num subúrbio, a Valparaíso, a qual tinha um mirante ao lado; fez a mais bonita loja da cidade, tendo mandado buscar na Paraíba o marceneiro Figueiredo para construir balcões, divisões, forro e assoalho de madeira.

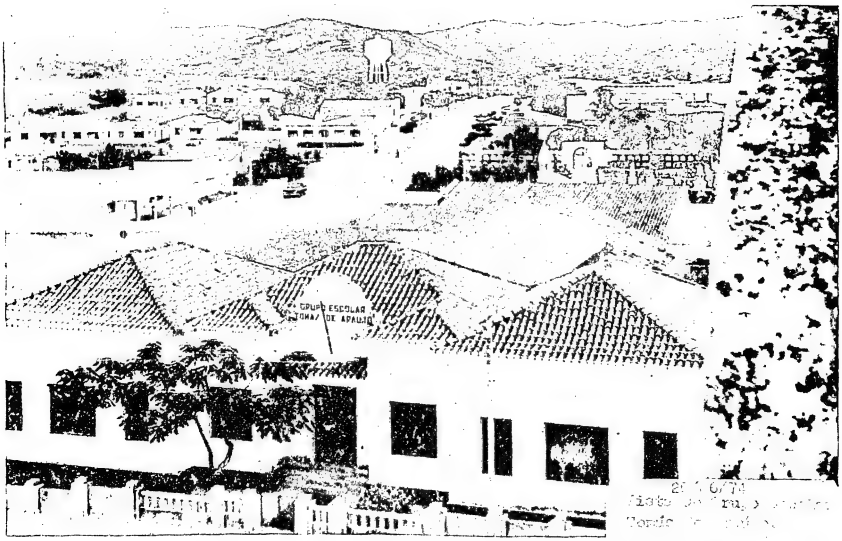
Moço pobre, cedo Francisco Bezerra de Araújo Galvão iniciou a vida lecionando no Bico da Arara. Depois, conseguiu associar-se a Joaquim da Virgem Pereira; mais tarde, com a colaboração de seu irmão Manuel Bezerra (Coquinho) e de seu primo Antônio Bezerra de Albuquerque, constituiu a firma F. Bezerra & Cia., proprietária da moderna loja da Praça do Mercado.

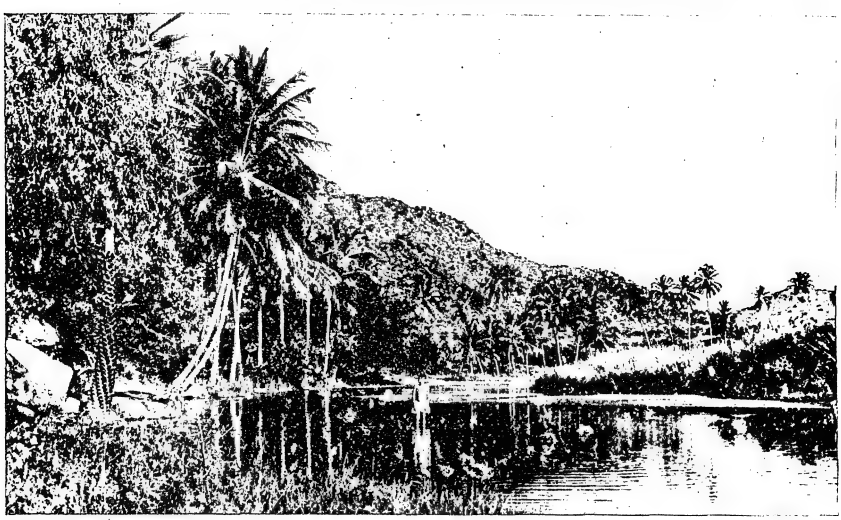
Um dos tecidos de algodão vendidos nessa casa tinha a marca de "Acary", e era manufaturado por encomenda na Fábrica de Tecidos de Juvino Barreto, em Natal. No estabelecimento se vendiam tecidos e todos os aviamentos, bem como chapéus, luvas, meias, *écharpes,* lenços, leques e tudo o mais necessário ao vestuário *dernier cri,* como então se dizia, ou seja, da última moda.

Tecidos e roupas da moda

Usava-se muito cambraia de linho: o esguião era um pano de lençaria fina de linho para camisas, roupas brancas, e vinha de Schiedam, Holanda. Empregavam-se para vestidos *laize* de seda, *surat* de seda leve com fios enviesados, *crêpe de Chine,* gurgurão de seda.

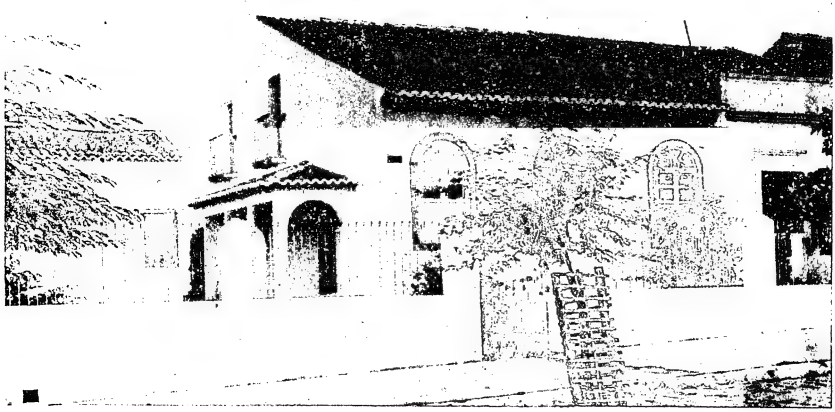
Havia uma vestimenta feminina, própria para montar a cavalo, chamada montaria. Compunha-se de saia muito comprida de lã fina, de cor cinza ou azul, e de uma jaqueta também de lã, para usar com blusa *Jabot* (tendo peitilho com babados em cascata). O chapéu era de feltro com pluma e véu. Montava-se de lado, em silhão. Para





1. Vista da parte nova da cidade, ao norte, vendo-se no primeiro plano o Grupo Escolar Tomás de Araújo. (Foto Luciano).

2. Poço no rio do Bico pouco antes da cachoeira da Fazenda Fortaleza. Vêem-se coqueiros e uma carnaúba. (Foto do autor, em 4-1964).



3. Neste local, na Rua da Matriz, havia um casarão. Foi demolido para, em substituição, ser construida uma residência moderna. (Foto Luciano).

4. Residência ainda em fase de reforma, guardando as linhas do estilo colonial brasileiro, situada na Rua da Matriz. (Foto Luciano).

completar, havia o chapéu de sol, cheio de rendas, de cabo longo. Luvas.

Também se usava montaria de linho: saia de cor parda e jaqueta à moda francesa, de mangas compridas. Combinava com esta vestimenta um chapéu de palhinha flexível, com listas de cores, fita e véu. Era imprescindível o chapéu de sol acompanhado de luvas. A senhora, ou a moça, não deveria queimar-se ao sol. Pele bonita era a branca, bem alva, rosada ou não.

Passavam de mão em mão, com sutis comentários, figurinos como *La Mode Chic* e *Au Bom Marché*. Deste modo, umas pessoas escolhiam os modelos e ordenavam a execução, e outras realizavam o corte e a costura.

A fim de atender à freguesia de confecções femininas, ao mesmo tempo incentivando o bom gosto, Francisco Bezerra recorreu a Natal e de lá trouxe modistas de escol, como a famosa dona Dondon, cuja filha Adélia casou com o musicista Enéas Hipólito.

A moda masculina

Com a finalidade de proporcionar elegância ao homem, Francisco Bezerra atraiu de Natal os seus melhores alfaiates, como Pelino Matos e Joca Lira. Conseguiu também levar para o Acari os mestres do corte Marciano e Paixão.

De Macaíba levou Marçal, que definitivamente ficou na cidade adotiva. Além de excelente alfaiate, Marçal, de gênio comunicativo, cantava modas e tocava violão; estava sempre disposto e presente nas poéticas serenatas das noites brancas de luar.

Usava-se muito o terno branco: calça, colete e paletó. Também se vestia terno de linho pardo. Mas todo cavalheiro deveria possuir ternos de casimira inglesa, o símbolo da distinção.

Por essa época passaram a vestir uns paletós muito leves, praticamente sem forro, de alpaca, tecido feito de lã fina de um camelídeo. Em seguida apareceram as calças de flanela de cor creme, de um tecido macio de lã.

Já se notava a tendência para a leveza e o conforto do vestuário masculino. Ficavam nos baús e guarda-roupas as pesadonas peças de paletó-saco, *frac, croisé* e sobre-

fixador de origem animal, prende-se bem à pele humana, mantendo íntegro e agradável o *bouquet*.

Em Acari usavam-se águas de Colônia, água de Flórida e desde os mais despretensiosos extratos "Floramye" e "Pompeïa", de Piver, até os mais luxuosos "Quelques Fleurs", de Houbigant, "L'Origan" e "Chypre", de Coty, e "Après l'Ondée", de Guerlain (depois de 1915).

Num terreno menos sofisticado, usavam-se Tônico Iracema, Tricófero de Barry, sabonete Caboclo, sabonete de Reuter, sabão Aristolino.

No lapso que vai do começo do século até cerca de 1914, terminava na França o período conhecido como *La Belle Époque*, ornado de uma auréola de refinamento dos hábitos pessoais, das roupas, da alimentação, do comportamento em sociedade.

O grande criador no reino da perfumaria, Jean-Jacques Guerlain, disse mais tarde, conforme registrou *La France et ses Parfums*, que o começo do século XX foi a "idade de ouro da perfumaria". Todo o mundo, que tinha a França como o centro da civilização, e Paris como a cidade-luz, recebia os influxos de uma e de outra.

A música

Na época considerava-se que em Acari havia a melhor música de banda, do Seridó, e essa situação se devia à cultura musical vigente em Carnaúba. O pessoal de Caicó dizia que o progresso geral, na região, estava na sua cidade, mas reconhecia: música boa é a de Acari.

Quem organizou a nova banda, por volta de 1912, foi Pedro Arbués, que conseguiu com paciência atrair para o conjunto não só os músicos existentes, mas também novos elementos, entre os quais jovens da fina-flor da sociedade, como Silvino Adonias, Ernesto Galvão, Manuelzinho Bezerra, Quinininho Medeiros e Leovigildo Araújo.

Não faltava interesse, desde muito manifestado. Pelas eras de 1880, Manuel Bezerra de Araújo Galvão, do Ingá, mantinha sem visar lucro pequena orquestra de 10 e, em algumas ocasiões, de 20 figuras. Seu instrumento preferido era rabeca. Estava sempre dando lições de solfejo e harmonia, em vilas e fazendas onde encontrasse

completar, havia o chapéu de sol, cheio de rendas, de cabo longo. Luvas.

Também se usava montaria de linho: saia de cor parda e jaqueta à moda francesa, de mangas compridas. Combinava com esta vestimenta um chapéu de palhinha flexível, com listas de cores, fita e véu. Era imprescindível o chapéu de sol acompanhado de luvas. A senhora, ou a moça, não deveria queimar-se ao sol. Pele bonita era a branca, bem alva, rosada ou não.

Passavam de mão em mão, com sutis comentários, figurinos como *La Mode Chic* e *Au Bom Marché*. Deste modo, umas pessoas escolhiam os modelos e ordenavam a execução, e outras realizavam o corte e a costura.

A fim de atender à freguesia de confecções femininas, ao mesmo tempo incentivando o bom gosto, Francisco Bezerra recorreu a Natal e de lá trouxe modistas de escol, como a famosa dona Dondon, cuja filha Adélia casou com o musicista Enéas Hipólito.

A moda masculina

Com a finalidade de proporcionar elegância ao homem, Francisco Bezerra atraiu de Natal os seus melhores alfaiates, como Pelino Matos e Joca Lira. Conseguiu também levar para o Acari os mestres do corte Marciano e Paixão.

De Macaíba levou Marçal, que definitivamente ficou na cidade adotiva. Além de excelente alfaiate, Marçal, de gênio comunicativo, cantava modas e tocava violão; estava sempre disposto e presente nas poéticas serenatas das noites brancas de luar.

Usava-se muito o terno branco: calça, colete e paletó. Também se vestia terno de linho pardo. Mas todo cavalheiro deveria possuir ternos de casimira inglesa, o símbolo da distinção.

Por essa época passaram a vestir uns paletós muito leves, praticamente sem forro, de alpaca, tecido feito de lã fina de um camelídeo. Em seguida apareceram as calças de flanela de cor creme, de um tecido macio de lã.

Já se notava a tendência para a leveza e o conforto do vestuário masculino. Ficavam nos baús e guarda-roupas as pesadonas peças de paletó-saco, *frac, croisé* e sobre-

casaca, tão usados, ainda nas duas primeiras décadas do século, no Recife.

O autor viu, guardadas como recordação em algumas residências, todas estas peças referidas. Também em fotografias do fim do século passado e começo do atual elas aparecem nítidas compondo a respeitabilidade dos seridoenses de Acari.

Calçado clássico era a botina (bota de cano curto). Algumas delas, compradas no Chapim da Moda, no Recife, procediam da Inglaterra. O sapato, mais cômodo, fazia a sua aparição, para a alegria dos jovens.

Complementos indispensáveis eram o chapéu e a bengala.

Transporte de modistas e alfaiates

Não era fácil ir uma modista ou um alfaiate de Natal ao Acari. Tornava-se imprescindível tomar, no Passo da Pátria, a lancha de mestre Antônio, seguir pelo rio Potengi acima (invadido pela água do mar), assustar-se na passagem do Periquito, de correntes revoltas, e desembarcar em Macaíba, cinco léguas bem sentidas.

Em Macaíba tinha que apanhar a condução de burros. Normalmente as 40 léguas para o Acari eram vencidas em quatro dias. Mas tratando-se de pracianos, desajeitados para andar a cavalo, sentindo dores por todo o corpo, o tempo para a viagem não se podia prever. E as comidas e dormidas da estrada... como eram diferentes!

Meios de transporte

Então, o único meio de transporte existente era o animal.

O primeiro veículo motorizado que chegou ao Acari foi o *Big-Four* da firma Sabóia Albuquerque & Cia., que contratou a construção do açude da Gargalheira. Em certo dia de 1913 alguns habitantes da cidade foram à obra esperá-lo. Os que ficaram puderam ouvir (a 4 km de distância) o barulho tremendo que ele fazia, ao movimentar-se, as grandes rodas de ferro de encontro ao pedregulho do caminho.

À chegada, houve acidente, quase morrendo Joaquim Pequeno debaixo dele. Tratava-se de um monstro mecânico, que infundia terror na estrada de animais e se destinava a comprimir ar nas obras.

O automóvel Ford de bigode chegou, mesmo sem haver estrada de rodagem, logo no começo da década de 1920.

Jóias e joalheiros

A mulher nordestina sempre usou excesso de jóias: anéis, brincos, broches, voltas, pulseiras, cordões, *châtelainnes*, relógios. O homem de posses não dispensava relógio de bolso com corrente e berloque, anel de brilhante ou de fantasia, abotoaduras de ouro ou pedra preciosa, e pregador de gravata. Algumas vezes, carteira de cigarro, piteira e alfinete de gravata, como jóias.

De hábito, durante a Festa, encontravam-se em Acari joalheiros de Natal, Paraíba e Recife, com suas enormes malas reforçadas cheias de prateleiras com mercadorias atraentes. Na sociedade local ficaram conhecidos Mororó, de Paraíba, e Belízio, de Caicó.

Os perfumes

O elemento feminino apreciava imensamente perfumes. Já no século passado, uma jovem e bela senhora que veio de longe, e causava ciúme às donas da sociedade local, porque usava perfumes franceses das mais finas notas, recebeu o apelido irônico de Maritacaca.

Tecnicamente falando, o líquido de defesa que a maritacaca lança sobre o inimigo só é nauseante, e chega a provocar vômitos, porque se encontra em forma concentrada. Convenientemente diluído num solvente próprio, é agradável, e já foi empregado em São Paulo e Fortaleza em perfumaria como fixador.

O líquido do animal africano civete, concentrado, é muito mais desagradável e mal-cheiroso que o da nossa simpática e amistosa maritacaca. Entretanto, o soluto de civete, adequadamente diluído, é em grande parte responsável pela alta classe da perfumaria francesa. Como

fixador de origem animal, prende-se bem à pele humana, mantendo íntegro e agradável o *bouquet*.

Em Acari usavam-se águas de Colônia, água de Flórida e desde os mais despretensiosos extratos "Floramye" e "Pompeïa", de Piver, até os mais luxuosos "Quelques Fleurs", de Houbigant, "L'Origan" e "Chypre", de Coty, e "Après l'Ondée", de Guerlain (depois de 1915).

Num terreno menos sofisticado, usavam-se Tônico Iracema, Tricófero de Barry, sabonete Caboclo, sabonete de Reuter, sabão Aristolino.

No lapso que vai do começo do século até cerca de 1914, terminava na França o período conhecido como *La Belle Époque*, ornado de uma auréola de refinamento dos hábitos pessoais, das roupas, da alimentação, do comportamento em sociedade.

O grande criador no reino da perfumaria, Jean-Jacques Guerlain, disse mais tarde, conforme registrou *La France et ses Parfums*, que o começo do século XIX foi a "idade de ouro da perfumaria". Todo o mundo, que tinha a França como o centro da civilização, e Paris como a cidade-luz, recebia os influxos de uma e de outra.

A música

Na época considerava-se que em Acari havia a melhor música de banda, do Seridó, e essa situação se devia à cultura musical vigente em Carnaúba. O pessoal de Caicó dizia que o progresso geral, na região, estava na sua cidade, mas reconhecia: música boa é a de Acari.

Quem organizou a nova banda, por volta de 1912, foi Pedro Arbués, que conseguiu com paciência atrair para o conjunto não só os músicos existentes, mas também novos elementos, entre os quais jovens da fina-flor da sociedade, como Silvino Adonias, Ernesto Galvão, Manuelzinho Bezerra, Quinininho Medeiros e Leovigildo Araújo.

Não faltava interesse, desde muito manifestado. Pelas eras de 1880, Manuel Bezerra de Araújo Galvão, do Ingá, mantinha sem visar lucro pequena orquestra de 10 e, em algumas ocasiões, de 20 figuras. Seu instrumento preferido era rabeca. Estava sempre dando lições de solfejo e harmonia, em vilas e fazendas onde encontrasse

interessados. Ensinou música instrumental a seu filho Francisco, que tocava violão e flauta.

Pedro Arbués Dantas era o mestre da banda; o orientador geral, o maestro da orquestra que tocava no coro da igreja, era José Venâncio Dantas, simpática figura então de cabelos brancos. Sua belíssima voz de baixo profundo, nos cânticos, era um dos pontos altos.

Outras várias pessoas da família Dantas, da Carnaúba, dedicaram-se à música, como Tonheca, Enéas Hipólito, Manuel Hipólito (Fumaça), Pedro Venâncio, Felinto Lúcio, Pedro Lúcio e José Venâncio Neto. Algumas delas assumiram posições de relevo nesta arte.

Fotografias e fotógrafos

Toda casa de bom-tom tinha seu álbum de fotografias, tiradas por fotógrafos de alta categoria.

As melhores casas do Recife mandavam às festas do Seridó seus melhores artistas para documentar efígies e grupos familiares. Tornaram-se assíduos os artistas fotógrafos da Photographie Chic, de Frederico Ramos, da Photographia Allemã, de C. Barza, sucessor de Alberto Henschel & Co. e da Photographia Elite.

Afigurava-se o negócio tão auspicioso que em 1912 o acariense Luís Lopes Pequeno, residente no Rio de Janeiro, levou à Festa de Agosto um fotógrafo profissional carioca que no final, feitas as contas, teve lucro.

Carroussel e circo

Antes de começarem os festejos, armavam-se o *carroussel* (geralmente no terreiro da igreja do Rosário), de parelhas de cavalinhos e cadeiras amplas, e o circo (em geral no largo ao poente da rua do Comércio).

Quando não existia cinema falado e em cores, quando nem ao menos se pensava em televisão, os espetáculos que mais agradavam o público em toda parte eram teatro e circo. Neste a diversão se apresentava de várias formas: cultuando a habilidade e a beleza físicas (homens atletas e mulheres esculturais), a comicidade e a alegria

(os palhaços), a elegância e a inteligência dos melhores amigos do homem (cavalos de fina classe em exibições de requinte e cachorros amestrados) e o drama ou a pantomima do final.

Apareceram no Acari, com efeito, circos de primeira ordem. Sabiam os empresários que naqueles dias a afluência de pessoas era compensadora. Excelentes circos de italianos, como o Stringhini e o Sansoni, deram espetáculos inesquecíveis.

Cosmorama

Quando havia cosmorama, instalava-se ora na então rua Cel. Silvino, ao lado do bilhar de Pedro Etelvino, ora numa loja da praça do Mercado.

Cosmorama, que se apresentava então por todo o mundo, era composto de uma empanada (parede de lona grossa) com aberturas circulares de vidro especial (diâmetro de uns 15 centímetros) pelas quais se observavam vistas de cidades estrangeiras, paisagens, figuras, tudo colorido e realçado por instrumentos óticos, espelhos e iluminação.

Cinema

Outra diversão que se conseguia ter naquele período excepcional era cinema, que costumava funcionar no salão nobre da Intendência Municipal. As fitas eram cômicas (de Max Linder), de fantasmas, de paisagens do norte da Europa, etc. Havia uns cinco intervalos.

Quatro a seis figuras da banda de música tocavam em instrumentos de sopro valsas de Strauss, como a Viúva Alegre, Valsa do Imperador, e valsas como Royal Cinema, dos compositores de Carnaúba.

Em determinado ano, o cinema funcionou num circo, armado ao poente da Rua do Comércio. Uma chuva torrencial, todavia, fora de qualquer espectativa, interrompeu a função, saindo os assistentes às pressas, no escuro e na lama.

Os bailes

Os bailes constituíam o que de melhor esperavam os jovens. Efetuavam-se geralmente no salão nobre da Intendência Municipal. Algumas vezes, no Hotel de Tetê.

Dançavam-se a polca, dança extremamente viva, originária da Boêmia, a dois tempos; o *Schottish* (que chamavam chótes); a valsa, dança em compasso ternário, elegante, ora lenta, ora moderada, ora rápida; e a quadrilha, dança dos grandes salões, de várias duplas de cavalheiro e dama, de número sempre par, complexa pela variedade de temas, elegante quando cumprida a rigor, mas divertida quando os dançarinos se atrapalhavam confusos.

A quadrilha é uma dança difícil. Precisa ser dirigida por um conhecedor que dá as ordens dos movimentos em voz alta. Em Acari, como em quase todo o Brasil, o normal era marcar a quadrilha em francês. Sátiro Bezerra, entre outros que dirigiam, era o mais assíduo, animado e lépido.

Fogos de vista

Cada noite da Festa era dedicada a um grupo de habitantes do município. Havia as noites da beira do rio, do vale do São José, do Bico, da Carnaúba, da Acauã, etc., de Painel e dos solteiros.

Todas as noites procedia-se à exibição de fogos-do-ar, girândola de foguetes, foguetões, fogos de vista e balões. Vinham fogueteiros de longe, de outros Estados, a fim de apresentar suas peças pirotécnicas, que, com variedade de motivos e muito movimentadas, proporcionavam um espetáculo de surpreendente efeito artístico e de alto interesse popular. Eram contratados pelos noiteiros.

Os mestres da pirotécnica, de que se guarda memória, freqüentadores do Acari, eram Manuel Antônio, de Jardim do Seridó, homem elegante, forte, bem vestido, de olhos esverdeados, e um fogueteiro da Guarabira, fabricante de fogos de artifício de primeira qualidade.

Do outro lado da classificação, havia o Chimbé, nome que ficou na tradição popular. Assim, quando uma peça falhava por qualquer motivo, logo se espalhava a gritaria: Chimbé, Chimbé!

Os arranjos pirotécnicos apresentados, que permanecem na lembrança, são os seguintes: camaleões, rodas, negros-no-pilão, fogo-de-Bengala, telegrama, chuva de estrelas, batalha de Canudos e painel de Nossa Senhora da Guia.

O telegrama era um foguete que seguia estrepitosamente por um arame e dava voltas na praça, defronte da igreja do Rosário. Agradava à multidão pela velocidade e pelo efeito luminoso.

Painel era o nome pelo qual era conhecido o fazendeiro José Joaquim da Silva Painel, de Riacho do Meio, casado com Aninha, de cabelos brancos bem penteados e olhos profundamente azuis. Ele só, apenas ele, se responsabilizava por uma noite, a penúltima, quando se apresentava o maior e melhor programa de fogos de vista.

Mas a sua especialidade era encomendar centenas de dúzias de foguetes e foguetões, que mandava soltar em frente à igreja de N. S. da Guia, em girândolas, isto é, em travessões de madeira com orifícios. Os fogos-do-ar, ligados por estopim, elevavam-se uns em seguida aos outros em segundos e estouravam em profusão iluminando o céu. Durante minutos sem conta era aquele estrondear incessante, com lampejos que se refletiam nas paredes brancas da igreja e do casario próximo.

E Painel, embevecido, calmo, sereno, girando sua bengala entre os dedos, sentado à calçada da casa de seus amigos Cipriano Santa Rosa e Dr. Vicente Veras e familiares, no centro de uma roda de admiradores!

Danças e festas populares

A manifestação de *folk-lore* mais expressiva que brotou no município foi certamente a da festa dos pretos do Rosário (ver Capítulo X), que se realizou até aproximadamente 1912.

Bumba-meu-boi, na forma de representação popular, exibiu-se em Acari, por volta de 1913, no largo ao poente do sobrado do Cel. Quincó. Os artistas eram de fora.

Havia o boi (arcabouço de tábuas leves revestidas de pano pintado para dar o aspecto do animal, com ca-

beça, chifres e rabo, e um homem agachado no interior); o capitão, montado num cavalo de brinquedo com uma boneca na garupa, a Zabelinha; o vaqueiro Mateus, também montado; Gregório, guarda-costas, a pé, encarregado de espancar (com uma bexiga cheia de ar); o urubu (armação com um menino no interior), à espera que o boi virasse carniça; o doutor, para curar o boi; o Arrelequinho, conquistador sentimental; a marmota, alta de uns dois metros e meio, velha e feia, com a função de fazer medo aos assistentes; as pastorinhas e os cantores-dançarinos.

Quase no fim da representação, o boi adoecia; o médico receitava uma *ajuda;* os meninos, com receio de servirem de *ajuda,* corriam. Aparecia uma preta valentona que malhava o boi. Aí, o capitão cantava: "O meu boi morreu. Que será de mim!?" Depois apareciam outras figuras: um fazendeiro local, para pagar o valor da rês, soldados, fiscais e uma ema de imitação (com um menino no interior).

Este espetáculo ao ar livre, à noite, quase no escuro, verdadeiramente uma farsa, com críticas burlescas a fazendeiros, autoridades e pessoas no cimo da sociedade, agradava a todos, tanto mais que era acompanhado de músicas de viola e realejo-de-mão, de dança e canto por pastorinhas.

Compunha-se este grupo ambulante de artistas populares da Paraíba. Deu espetáculos, também à noite, em fazendas da Acauã e possivelmente em várias outras.

Uma variedade familiar do pastoril foi apresentada em Acari, na residência do casal Antônio Eduardo-Olindina, mais ou menos na mesma época. As moças e meninas da sociedade local é que representavam, formando duas alas, a do cordão azul e a do cordão encarnado. Dançavam ritmicamente e cantavam músicas do Natal. Ao fundo do salão em que se representava, havia a lapinha ou presépio.

Foi Senhorinha, de Natal, estimulada por Olindina, Antônio Eduardo Filho, Sátiro Bezerra e Alfredo Sóter, quem introduziu esta representação. Passada a exibição, ficou entre as jovens a rivalidade: umas adotavam o cordão azul, outras o cordão encarnado.

Carnaval

Por volta de 1910 continuavam a sair os pagangus (ver Capítulo X) e brincava-se de laranjinha (havia no sul do país o similar limão-de-cheiro). A laranjinha, do tamanho de uma tangerina pequena, era constituída de uma casca delgada de cera de abelha, de cor azul, cheia de água perfumada. Jogada de encontro a uma pessoa, arrebentava, derramando a água, que molhava a roupa. Era uma modalidade de entrudo.

Contam que no começo do século XIX, no Rio de Janeiro, a atriz Stella Sezefredo, que depois casou com o ator João Caetano, jogou de brincadeira um limão-de-cheiro em pleno rosto de Dom Pedro I. Foi presa, recolhida à cadeia, mas logo o Imperador, que não guardava ressentimento, mandou soltá-la.

No Acari, ninguém chegou à prisão por causa de laranjinha. Mas esta brincadeira do carnaval provocou algumas reclamações.

Inauguração do telégrafo

Inaugurou-se a estação telegráfica a 15 de novembro de 1915, tendo ao ato comparecido autoridades e alguns convidados. Terminada a inauguração, dois dos convidados, ao passarem pela Rua dos Alpendres, viram uma senhora à janela, muito atenta. Um deles disse:

— Estamos de parabéns. Foi inaugurado o telégrafo.

Ao que ela observou:

— Pois eu estou aqui desde manhã cedo olhando p'r'o fio e não vi passar nenhum telegrama.

Descaroçador de algodão a vapor

O primeiro estabelecimento industrial a montar-se na cidade foi um descaroçador de algodão a vapor. Pertencia ao negociante de algodão Tomás Rosendo e instalou-se no Alto, no caminho do Remédio, em 1913.

A instrução pública

Nos sertões do Seridó, sobretudo em Caicó e Acari, sempre houve bons professores, entre eles alguns padres. Daí, a instrução de certo relevo adquirida por tantos sertanejos.

Os padres viviam, naquele ambiente de relativo puritanismo, uma vida natural, independente do ponto de vista econômico. Eram fazendeiros, participavam dos desportos e jogos da época (alguns eram bons jogadores de solo e bisca) e cuidavam com discreção das obrigações de seu ministério.

Ensinar era uma de suas ocupações. Davam cursos particulares a jovens interessados, sem visar remuneração. Proporcionavam, de acordo com seus deveres, instrução religiosa, com base na palavra dos Apóstolos da doutrina cristã. Por isso, tantos homens de mérito social e econômico apresentavam uma orientação espiritual sem superstições, encarando com naturalidade e paciência os fatos da existência.

Na primeira década do século já atuavam Tomás Sebastião e Esperidião de Medeiros, Chiquinha Cortês e Olindina Galvão no professorado municipal.

Em princípios de 1908, Francisco Bezerra de Araújo Galvão, um elemento da família local interessado no progresso da cidade, aquele mesmo comerciante que melhorou residências e estimulou as modas, dirigiu um movimento para construir moderno grupo escolar.

Sua primeira providência concreta foi efetuar um empréstimo para desapropriar dois prédios, sendo um deles a antiga Casa dos Padres, já muito deteriorada, cujo local, à esquerda da igreja do Rosário, pudesse abrigar a nova construção. O documento que consigna o empréstimo no valor de 1:000$000 (um conto de réis), arquivado na Prefeitura Municipal, tem a data de 30 de agosto de 1908.

Em seguida às demolições, Francisco Bezerra procurou pessoas que contribuíssem para as despesas de levantamento do grupo escolar. Conseguiu regular quantia, conforme a sua prestação de contas, hoje documento de arquivo:

Silvino Bezerra de Araújo Galvão	500$000
Dr. Vicente de Paula Veras	500$000
Joaquim Paulino de Medeiros	500$000
Dr. Juvenal Lamartine de Faria	500$000
Cypriano Bezerra Galvão Santa Rosa ..	500$000
Joaquim da Virgem Pereira	500$000
Antônio Pires de Albuquerque Galvão ..	500$000
Félix Pereira de Araújo	500$000
Joaquim Servita Pereira de Brito	500$000
Francisco Janúncio da Nobrega	300$000
Luiz de França Dantas	300$000
Francisco Bezerra de Araújo Galvão ..	629$770
Apenso pág. 2 (Apuros: materiais e pequenas contribuições)	286$840
	6:016$610

Para reparos do prédio, Francisco Bezerra efetuou em 1909 outro empréstimo, este no valor de 138$110.

Ainda em 1908 estava pronto o edifício (atualmente ocupado pela Prefeitura Municipal). Para que funcionassem os cursos, nesse mesmo ano mandaram buscar em Aracaju duas professoras. Chegaram ao Acari: dona Celsa, para o Curso Elementar, conduzindo a mãe e um irmão; e dona Cecília, levando a mãe e um irmão, que serviu como porteiro.

Permaneceram em Acari até julho de 1909. Amedrontados com acontecimentos políticos, não quiseram continuar.

Pelo Decreto n.º 193, de 13 de março de 1909, foi criado oficialmente o Grupo Escolar Tomás de Araújo. Foi o quarto do Estado, tendo sido o segundo do Seridó (o Grupo Escolar Senador Guerra, do Caicó, foi criado em 16 de fevereiro de 1909).

Em fins de janeiro de 1912, chegava ao Acari o jovem casal de professores Eliseu de Oliveira Viana e Celina Guimarães Viana, nomeados em 18 de dezembro de 1911 para reger, respectivamente, a Cadeira Elementar Masculina e a Cadeira Mista Infantil. Diplomaram-se em Natal em 15 de novembro de 1911 e casaram também na capital em 20 de dezembro do mesmo ano.

A Cadeira Elementar Feminina era regida por Olindina Galvão.

O casal Eliseu-Celina lecionou no Grupo Escolar Tomás de Araújo nos anos de 1912 e 1913. Em fins de 1913 foi transferido para o Grupo Escolar 30 de Setembro, em Mossoró.

Ciclo do cavalo

Terminando por volta de 1918 a história do Acari, contada neste livro, devemos falar do cavalo, animal de ativa influência na vida do homem, no Seridó, no Nordeste, no Brasil, no mundo. Há cinco mil anos no mínimo ele está associado à história da humanidade.

Esta influência, todavia, está diminuindo. E desaparecerá. É pena; o cavalo é um dos mais belos animais da criação e um dos bons amigos do homem.

Os povos que utilizavam o corcel, das antigas civilizações aos tempos modernos, triunfaram e impuseram o seu modo de vida. Basta dizer que o estribo se conta entre as grandes invenções do passado, porque permitiu maior capacidade ao indivíduo montado, para a guerra e para a paz.

Considere-se que o matuto do Nordeste semi-árido — do Acari, portanto — foi por excelência criador de gado. A atividade pastoril deu-lhe, com o cavalo, ânimo resoluto, disposição para a luta e coragem íntima. O homem que cavalga sistematicamente, como o vaqueiro encourado, tem o domínio de si próprio e sente confiança em suas forças.

Não há certamente desporto que exija mais equilíbrio, intrepidez e decisão do que *derrubar,* nas maiores velocidades que os cavalos podem dar. Sente-se, de outra parte, o entrosamento do conjunto. Eram famosas as derrubadas festivas nos pátios de fazendas da Acauã, do Saco e da Rajada.

Passagem cheia de movimento, com ressonâncias de tropel, colorida, era, nos primeiros anos do século, uma família de posses, com aderentes e pajens, *ir para a rua,* isto é, transportar-se da fazenda para a cidade em cavalos marchadores. Que animação! Que ritmo! Que beleza de compasso! E as crinas agitadas! A impressão causada seria mais atuante se todos os animais fossem ~~russos~~ russos, isto é,

brancos, ajaezados com capricho, de cabeças levantadas, como os do fazendeiro Janúncio da Pedreira.

Cultivava-se um hábito que requeria do cavalo e do cavaleiro, ao mesmo tempo, elegância e harmonia; e do cavalo, um misto grandioso de velocidade e marcha espetacular: era *esquipar em parelha*. Esta prática era usual em cidades planas, como Caicó, ao entardecer, quando já soprava a brisa do lusco-fusco. O nome da cidade de Parelhas deriva deste exercício. Esquipar é sem dúvida a mais bela marcha de um cavalo ensinado.

O *encontro do noivo*, como se usava nos sertões, era, no entanto, a mais movimentada, a mais vistosa e a mais vibrante cena de que podem participar bons cavaleiros e cavalos esquipadores. Consistia em recepcionar espalhafatosamente o noivo num ponto da estrada, a meia légua mais ou menos da casa da noiva, onde os preparativos da festa corriam intensos.

Nestas condições, um grupo de convidados da família da noiva — 40, 50 ou mais — ia esperar a comitiva do noivo que se locomovia a toda a velocidade. Aqueles convidados chegavam primeiro ao lugar previamente escolhido: colocavam-se de um lado e do outro da estrada, e aguardavam o sinal da poeira que o séquito do noivo levantasse quando estivesse próximo.

No momento exato, saía o grupo de convidados da noiva ao encontro do noivo e comitiva. Encontravam-se. Juntavam-se todos, *riscando* os cavalos, em grande alarido, aos gritos, aos vivas, de chapéus para o alto, com excessos de alegria. Confraternizavam todos e num só cortejo endireitavam-se para a sede da fazenda da noiva, esquipando na estrada recentemente preparada, rindo e pilheriando.

Em todas estas práticas da cavalaria sertaneja, o autor, quando muito jovem, tomou parte, ora no cavalo Esperança, da cor de mel, ora no cavalo Gavião, castanho, árdego, soprador, aquele um animal para a estrada, este um animal de campo. Com uma ressalva: nunca derrubou gado em pátio de fazenda, mas em beira de cerca, sem vaqueiro que fizesse esteira.

Há ainda que mencionar um hábito, já em desuso, por desnecessário, vigente no Acari do passado, com interveniência do cavalo: o *furto de moças*, na calada da noite, para casar. Um dos grandes da terra no século XVIII, Antônio Garcia de Sá Barroso, teve que furtar a gentil

Ana, com quem casou. Mais tarde, o casal veio a tornar-se sogro de Tomás de Araújo, o ex-Presidente da Província; é, desta forma, ascendente de milhares de acarienses.

O autor fala de cavalos, não por um sentimento de saudosismo, mas como um narrador de histórias, que tem de contar o essencial na crônica do Acari.

O ciclo do cavalo está para findar. É pena. Não esqueçamos os imensuráveis méritos de que se ornou este nobre animal. Não tiremos da memória a longa influência que exerceu no comportamento do ser humano, dando-lhe intrepidez e firme disposição para os embates, para as ações do trabalho e para as conquistas na luta. Não olvidemos a coragem que concedeu ao homem nas arremetidas frenéticas, ou nas fugas providenciais de salvação.

O seu reinado foi longo. E proveitoso.

CAPÍTULO XII

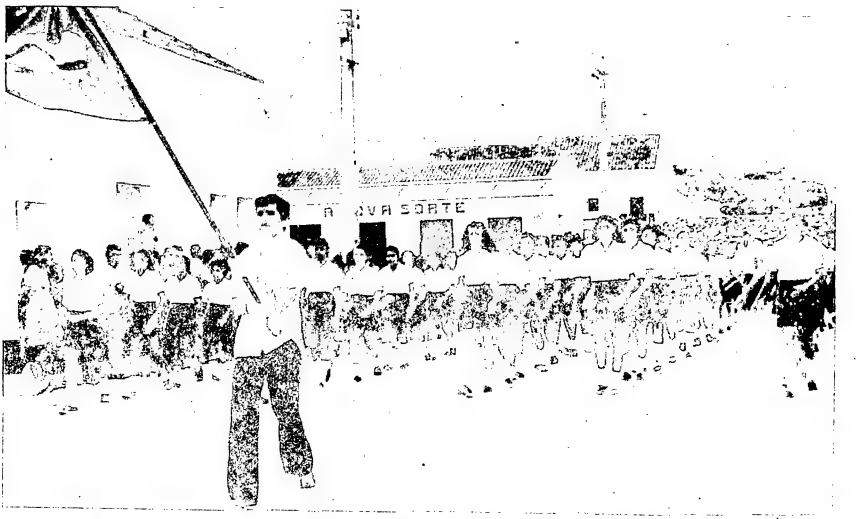
O ACARI ATUAL

DEIXAMOS, neste livro, de acompanhar o desenvolvimento do Acari por volta de 1918. De então até agora ocorreram modificações que obedeceram às conjunturas mais da vida nordestina que da local. Verificaram-se revoluções políticas de âmbito nacional e transformações profundas na estrutura econômica do Nordeste.

Em volta do Acari, criaram-se municípios, com diminuição da área do município-núcleo, surgindo, nada obstante, progressos sensíveis na cidade *mater*. Viremos as páginas hipotéticas da história, que vimos contando, relativas a pouco mais de meio século e procuremos surpreender o Acari atual.

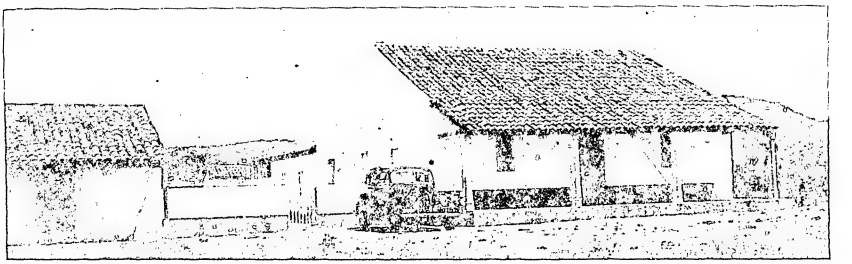
A cidade cresceu, nela concentrando-se a vida municipal, em conseqüência de terem aparecido empregos proporcionados pelas pequenas indústrias instaladas — de descaroçamento de algodão, de óleo glicerídico, de alimentos — por algumas oficinas e por serviços públicos, como os de energia, águas e telefones.

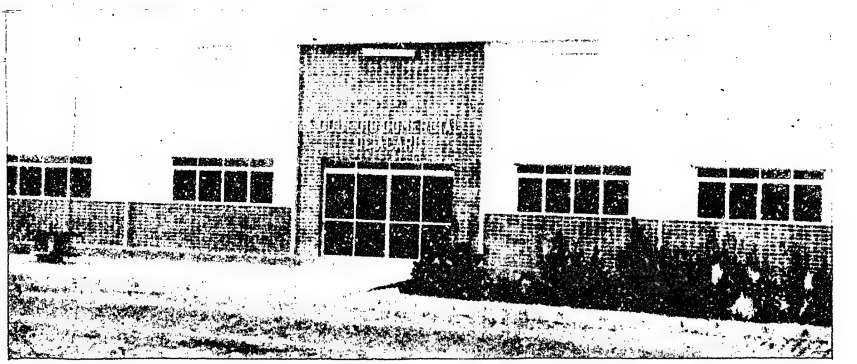
O comércio é limitadíssimo. O de âmbito local não atende sequer ao consumo habitual da cidade, sendo preciso fazer compras em Currais Novos e Campina Grande. Por isso mesmo, não funciona nenhuma agência bancária, prática que enfraquece as já reduzidas possibilidades dos comerciantes e as rendas públicas. Mas — justiça seja feita! — os administradores da comunidade têm-se esforçado, com a melhor disposição, por tirar proveito das condições existentes e dar à cidade um toque de arrumação, limpeza e atrativo, providência merecedora de ser louvada.



5. Desfile escolar, num dia de comemoração, ao atingir a Praça Coronel Silvino Bezerra. (Foto Luciano).

6. Um aspecto da procissão com a imagem de Nossa Senhora da Guia em 15 de agosto de 1973. (Foto Luciano).





7. Casa de fazendola construída no estilo da arquitetura tradicional seridoense. Característica: telhado de duas águas e alpendre.

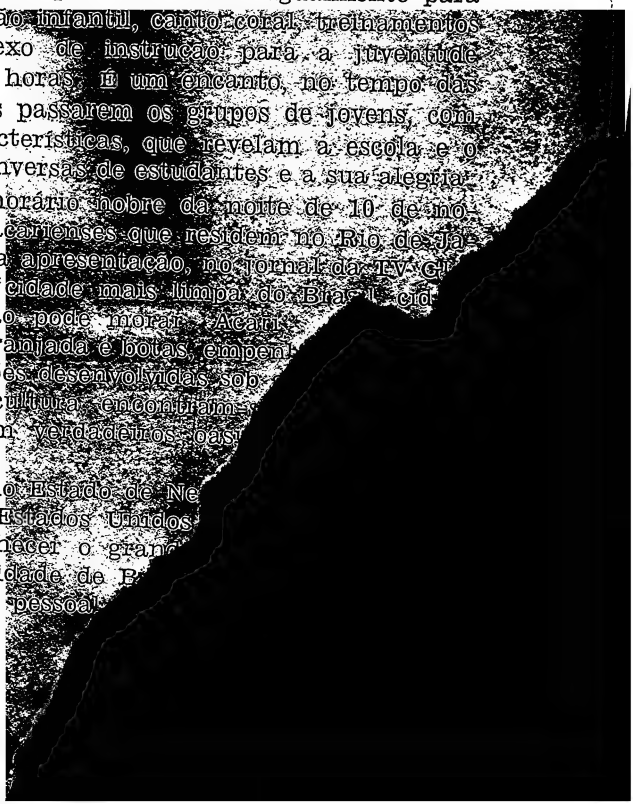
8. Edifício em que funciona o Colégio Comercial. (Foto Luciano).

9. Local em frente à Maternidade, arborizado com algarobas, que deveria denominar-se Praça dos Janduís.

Trata-se, com efeito, de uma comunidade agradável logo à primeira vista, de ruas geralmente largas, de calçamento de paralelepípedos, de casas bem apresentadas, de clima quente e seco, mas amenizado por uma brisa providencial, sobretudo à noite. É abastecida por água tratada (floculada e clorada), e dispõe de luz elétrica gerada em Paulo Afonso e de telefones automáticos. A iluminação pública é quase toda a mercúrio, à noite toda. Funciona um serviço de guardas-noturnos.

De pequena população (pouco mais de 10 000 habitantes), conta a cidade, todavia, com um centro de escolas primárias, secundárias e de ensino comercial, num conjunto que é talvez, relativamente ao número de habitantes citadinos, o mais importante do Estado, atendendo às necessidades de instrução pública também de cidades vizinhas, que mandam seus estudantes em *omnibus* escolares.

Além de pequenas bibliotecas em escolas, há uma biblioteca pública, ginásio para esportes e, em organização, um centro cultural. Junto ao agrupamento de escolas, funciona o Clube Municipal, para reuniões e festas da sociedade local, grêmio que tem servido igualmente para exercícios de educação infantil, canto coral, treinamentos escolares. O complexo de instrução para a juventude funciona de 7 às 22 horas. É um encanto, no tempo das aulas, ver pelas ruas passarem os grupos de jovens, com as suas roupas características, que revelam a escola e o grau, com as suas conversas de estudantes e a sua alegria.



No chamado horário nobre da noite de 10 de novembro de 1973, os acarienses que residem no Rio de Janeiro vibraram com a apresentação, no jornal da TV Gl[illegible] bo, de aspectos da "cidade mais limpa do Bra[illegible] cid[illegible] onde Sujismundo não pode morar. Acari[illegible] os garis de roupa alaranjada e botas, empen[illegible] da limpeza. Em nações desenvolvidas sob [illegible] nômico, social e de cultura, encontram-[illegible] dades que constituem verdadeiros oás[illegible] beleza panorâmica.

Quem viaja pelo Estado de Ne[illegible] tes do Arizona, nos Estados Unidos [illegible] no deserto para conhecer o gran[illegible] tará sem dúvida a cidade de B[illegible] truída para abrigar o pessoal [illegible]

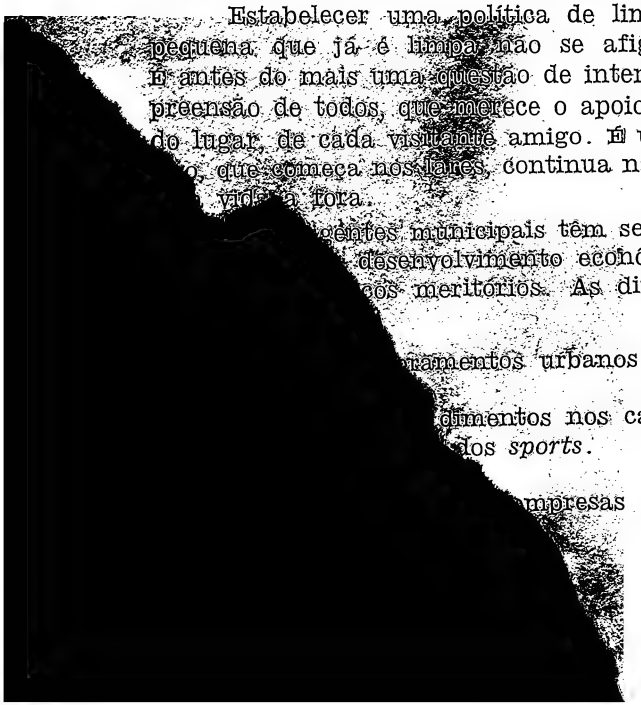
mas que ficou como modelo e cresceu dentro de um parque artificial mantido à custa de irrigação. Esta cidade é muito freqüentada, ainda mais por ficar pertinho de Las Vegas, afamado centro de turismo, jogo de azar e divórcio. Quando o visitante vai chegando a Boulder, depara um aviso: "Você está entrando na cidade mais verde do mundo".

Outra cidade de Nevada, a de Reno, que demora para os lados do norte da Califórnia, também possui seu dístico que apresenta aos visitantes num letreiro: "Esta é a maior cidade pequena do mundo" (This is the largest small city of the world).

Acari poderá ostentar sua divisa, um pouco mais modesta: "Esta é uma das cidades mais limpas do Nordeste". A limpeza deverá ser total: nas ruas, nas casas, nos subúrbios, no ar atmosférico, no chão, nas águas, nas pessoas. Absolutamente total: na ambiência, em suma.

Certamente deverá imperar uma consciência coletiva da pureza material, e já será muita coisa se este *desideratum* for alcançado. As posturas municipais que proíbem a criação de animais soltos na cidade terão que abranger também cachorros e pombos, fatores conhecidos de poluição. Pelo menos uma cidade no mundo, de nosso conhecimento, já proíbe de modo perentório a criação de cachorros: é a cidade de Reykjavik, capital da Islândia.

Estabelecer uma política de limpeza numa cidade pequena que já é limpa não se afigura tarefa difícil. É antes do mais uma questão de interesse geral, de compreensão de todos, que merece o apoio de cada habitante do lugar, de cada visitante amigo. É um trabalho educativo, que começa nos lares, continua nas escolas e persiste vida afora.



...gentes municipais têm sentido a necessidade ... desenvolvimento econômico e social, e já ...cos meritórios. As diretrizes têm objeti-

...amentos urbanos.

...dimentos nos campos da instrução, ...dos *sports*.

...mpresas industriais.

Trata-se, com efeito, de uma comunidade agradável logo à primeira vista, de ruas geralmente largas, de calçamento de paralelepípedos, de casas bem apresentadas, de clima quente e seco, mas amenizado por uma brisa providencial, sobretudo à noite. É abastecida por água tratada (floculada e clorada), e dispõe de luz elétrica gerada em Paulo Afonso e de telefones automáticos. A iluminação pública é quase toda a mercúrio, à noite toda. Funciona um serviço de guardas-noturnos.

De pequena população (pouco mais de 10 000 habitantes), conta a cidade, todavia, com um centro de escolas primárias, secundárias e de ensino comercial, num conjunto que é talvez, relativamente ao número de habitantes citadinos, o mais importante do Estado, atendendo às necessidades de instrução pública também de cidades vizinhas, que mandam seus estudantes em *omnibus* escolares.

Além de pequenas bibliotecas em escolas, há uma biblioteca pública, ginásio para esportes e, em organização, um centro cultural. Junto ao agrupamento de escolas, funciona o Clube Municipal, para reuniões e festas da sociedade local, grêmio que tem servido igualmente para exercícios de educação infantil, canto coral, treinamentos escolares. O complexo de instrução para a juventude funciona de 7 às 22 horas. É um encanto, no tempo das aulas, ver pelas ruas passarem os grupos de jovens, com as suas roupas características, que revelam a escola e o grau, com as suas conversas de estudantes e a sua alegria.

No chamado horário nobre da noite de 10 de novembro de 1973, os acarienses que residem no Rio de Janeiro vibraram com a apresentação, no jornal da TV Globo, de aspectos da "cidade mais limpa do Brasil, cidade onde Sujismundo não pode morar: Acari". Apareceram os garis de roupa alaranjada e botas, empenhados na faina da limpeza. Em nações desenvolvidas sob os aspectos econômico, social e de cultura, encontram-se minúsculas cidades que constituem verdadeiros oásis de bem-estar e beleza panorâmica.

Quem viaja pelo Estado de Nevada, quase nos limites do Arizona, nos Estados Unidos da América, e entra no deserto para conhecer o grande açude Boulder, visitará sem dúvida a cidade de Boulder, planejada e construída para abrigar o pessoal da construção da barragem,

mas que ficou como modelo e cresceu dentro de um parque artificial mantido à custa de irrigação. Esta cidade é muito freqüentada, ainda mais por ficar pertinho de Las Vegas, afamado centro de turismo, jogo de azar e divórcio. Quando o visitante vai chegando a Boulder, depara um aviso: "Você está entrando na cidade mais verde do mundo".

Outra cidade de Nevada, a de Reno, que demora para os lados do norte da Califórnia, também possui seu dístico que apresenta aos visitantes num letreiro: "Esta é a maior cidade pequena do mundo" (This is the largest small city of the world).

Acari poderá ostentar sua divisa, um pouco mais modesta: "Esta é uma das cidades mais limpas do Nordeste". A limpeza deverá ser total: nas ruas, nas casas, nos subúrbios, no ar atmosférico, no chão, nas águas, nas pessoas. Absolutamente total: na ambiência, em suma.

Certamente deverá imperar uma consciência coletiva da pureza material, e já será muita coisa se este *desideratum* for alcançado. As posturas municipais que proíbem a criação de animais soltos na cidade terão que abranger também cachorros e pombos, fatores conhecidos de poluição. Pelo menos uma cidade no mundo, de nosso conhecimento, já proíbe de modo perentório a criação de cachorros: é a cidade de Reykjavik, capital da Islândia.

Estabelecer uma política de limpeza numa cidade pequena que já é limpa não se afigura tarefa difícil. É antes do mais uma questão de interesse geral, de compreensão de todos, que merece o apoio de cada habitante do lugar, de cada visitante amigo. É um trabalho educativo, que começa nos lares, continua nas escolas e persiste pela vida a fora.

Os dirigentes municipais têm sentido a necessidade de promover o desenvolvimento econômico e social, e já realizaram serviços meritórios. As diretrizes têm objetivado:

1. Os melhoramentos urbanos.

2. Os empreendimentos nos campos da instrução, da cultura e dos *sports*.

3. A instalação de empresas industriais.

A execução deste programa de três pontos observará, ou observaria, com toda a probabilidade, o seguinte desenvolvimento.

1. Dentre os últimos melhoramentos urbanos programados salienta-se a construção do novo prédio da Prefeitura Municipal. Outras obras em perspectiva compreendem a construção do novo mercado, do novo cemitério, de uma lavanderia pública, de um centro cultural. O conjunto de instalações para lavadeiras será de certo construído de forma que as águas servidas não sejam lançadas no leito do rio, a fim de não causar poluição.

O edifício enorme do mercado velho (um monumento do Segundo Reinado), cuja construção foi levada a efeito há quase cem anos, tendo inicialmente sete portões em arco, de grades de ferro, do lado do nascente, e mutilado não há muito, sendo dividido em duas partes, poderia ser reconstruído, surgindo novo edifício, de bom gosto arquitetônico, com majestade, de dois pavimentos, num estilo colonial de largas proporções.

Na parte térrea, manter-se-ia a atual abertura para ventilação da Rua Dr. Juvenal Lamartine (antiga do Comércio), e seriam abertas pequenas lojas nas duas ombreiras. No segundo pavimento, que cobriria toda a área antiga (havendo, portanto, um passadiço sobre a rua), haveria salas com instalações sanitárias próprias, para consultórios médicos, dentários, e escritórios comerciais.

Para maior destaque do edifício, bem como para novas frentes e iluminação natural, seriam desapropriadas as casas vizinhas nas ombreiras, e as áreas seriam transformadas em vias públicas. A ventilação aumentaria, e seriam valorizadas as duas casas de esquina e sobretudo a praça em frente. O prédio poderia receber o nome de Edifício Capitães-mores (48).

---

(48) *Casas dos Capitães-mores*. O autor conheceu duas casas dos Capitães-mores do Seridó: a casa de fazenda do Remédio, de Manuel de Medeiros Rocha, e a casa de vaqueiro, à margem direita do rio São Bento, de Cipriano Lopes Galvão. Com nove anos de idade, esteve com seu pai na primeira, onde tomou parte num banquete e assistiu ao casamento de Benevides Pires com uma filha de José Jorge e Quina, o casal de fazendeiros então proprietário. Com onze anos de idade, voltava a cavalo do colégio de

Este prédio teria uma entrada na feição de túnel para a Rua Dr. Juvenal Lamartine, como a que existe no belo edifício de escritórios Arco do Teles, de fachada tipicamente colonial, no Rio de Janeiro (Praça Quinze de Novembro, 32), e que dá passagem para a Travessa do Comércio. Neste local havia uma construção antiga tombada pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O industrial Dr. Raimundo de Castro Maya conseguiu permissão para levantar neste ponto, há cerca de 15 anos, um edifício de 12 pavimentos, mantendo e restaurando as linhas e características do imóvel, inclusive as paredes grossas.

Hoje, na frente do conjunto encontra-se um edifício de três pavimentos, de muito bom gosto (a casa colonial restaurada): no térreo, além da entrada espaçosa central, há quatro portas no estilo; cada um dos pavimentos superiores tem seis janelas de sacada com varandas de ferro batido e portais de pedra; e o telhado é de telha-canal com beiral. Por trás do conjunto colonial, ligada a ele, mas recuada uns quatro metros da fachada, eleva-se a nova construção de escritórios com mais nove pavimentos.

No Acari, como em qualquer cidade do Brasil, há desacertos na nomenclatura das vias públicas. Uma orientação começa a observar-se: cultuar a tradição e lembrar as figuras relevantes do passado, sobretudo as da terra, que sobressaíram pelas suas atuações em benefício da comunidade; que deixaram grandes provas de amor à pátria ou ao ser humano; e, ainda que muito humildes, dignificaram sua existência útil. O critério a respeitar consiste em reconhecer os bons serviços e as altas qualidades morais e espirituais das pessoas.

Na nossa cidade, o primeiro nome a lembrar é o do fundador: Sargento-mor Manuel Esteves de Andrade.

Natal com seu pai, seu tio Gorgônio Nobrega e vários estudantes do Seridó; todos dormiram à entrada da cidade de Currais Novos na latada de um casarão de taipa, então um rancho de comboieiros. Muitos anos depois, em 1964, este pouso foi identificado, com auxílio de José Brás, como sendo a antiga casa que o Capitão-mor Galvão mandou construir junto da aguada e dos currais de apartação de gado, em princípios do século XIX, a primeira casa da cidade de Currais Novos, levantada antes de qualquer outra edificação ali.

Uma rua inexpressiva, irregular e curtinha, na parte nova, tem o seu nome. Como a casa dele, na primeira metade do século XVIII, demorava no largo que tinha então por limite a igreja, a cadeia e o cemitério (hoje a principal praça, ajardinada), este logradouro é evidentemente o que deve receber o seu nome: Praça Sargento-mor. A designação de Dr. José Augusto passará para uma rua importante.

A maior figura do Acari de todos os tempos é a de Tomás de Araújo, o ex-Presidente. Ele já está homenageado na rua certa. Outras esforçadas figuras do passado merecem ter seus nomes em placas (49). Conservem-se os nomes tradicionais, como rua da Matriz, rua da Intendência e rua do Rio.

2. No terreno da instrução e da cultura, os dirigentes municipais estão procurando estimular a criação de escolas oficiais para atender à formação profissional e, num grau mais avançado, o estabelecimento de colégios particulares, já que se está formando um núcleo de pro-

---

(49) *Nomes para logradouros públicos de Acari.* O autor sugere uma lista de personalidades de relevo, já falecidas, certamente ainda incompleta, em condições de dar denominações a logradouros públicos: 1. Antônio Basílio — 2. Antônio Pereira (do Serrote) — 3. Caetano Dantas (século 18) — 4. Capitão-mor Galvão — 5. Capitão-mor Medeiros — 6. Cipriano Bezerra (do Ingá) — 7. Cipriano Lopes (do Ingá) — 8. Cipriano Santa Rosa — 9. Dantas Pinagé — 10. Feliciano José (do Remédio) — 11. Francisco Bezerra — 12. Joaquim Servita — 13. José Augusto — 14. José de Azevedo (cronista) — 15. Juvenal Lamartine — 16. Major Hortêncio — 17. Manuel Antônio (cronista) — 18. Manuel Augusto — 19. Manuel Ubaldo — 20. Otávio Lamartine — 21. Padre Ibiapina — 22. Padre Tomás — 23. Pais de Bulhões (século 18) — 24. Sá Barroso (século 18) — 25. Sargento-mor (Praça) — 26. Silvino Bezerra (do Ingá) — 27. Silvino Neto — 28. Teresa Maria José — 29. Tetê Garcia — 30. Tomás de Araújo — 31. Tomás Rosendo — 32. Tomás Sebastião.

Nomes tradicionais de ruas: de Baixo, do Comércio, da Intendência, da Matriz, dos Pereiras, do Rio. O nome de Rua da Matriz, com 110 anos de vigência no consenso do povo, não deve mudar. Poderiam ser reintegrados os nomes de Rua da Intendência e Rua do Rio, bem antigos e expressivos. Mantém-se a sugestão de dar o nome de Praça dos Janduís ao logradouro onde com toda a evidência começou a edificar-se o aglomerado que é hoje o Acari. Representa homenagem aos nossos intrépidos antepassados da selva nativa.

fessores habilitados, que o clima é benéfico, os alimentos agora não escasseiam, e as condições gerais favorecem. Por certo, nas escolas profissionais, não serão esquecidas as disciplinas de artesanato. Atualmente, artefatos de uso doméstico e decorativos feitos por artesãos cada vez mais se tornam procurados e valorizados.

Acari é uma cidade que tem história, que tem prédios de tombo, que tem tradição, para onde vieram no século XVIII povoadores com situação social responsável, de cujo município se escolheram os Capitães-mores do Seridó. Deve, assim, programar sua vida no rumo da instrução, da aprendizagem técnica e da cultura intelectual mediana, com naturalidade, sem maiores ambições.

O exercício da cultura levará sem dúvida à organização de conferências e seminários para ventilação dos assuntos de maior interesse de toda a região. Conduzirá ao respeito e à defesa da tradição, ao aprimoramento dos costumes, ao gosto da boa moradia, à simplicidade e valorização espiritual da vida.

3. No que respeita à instalação, no município, de estabelecimentos industriais, naturalmente as administrações municipais se preocupam em seguir uma política de atração de entidades fabris. Na indústria costuma-se ver a boa renda, o emprego bem remunerado, o lucro certo. É necessário, no entanto, discernir, ponderar os benefícios e malefícios que ela pode dar, e saber que, fora do seu domínio, existe muita atividade lucrativa.

Nestas condições, torna-se imprescindível determinar quais os tipos de fábricas que devem ser aceitos e desde logo distinguir as classes de estabelecimentos que não se coadunam com a situação local.

No primeiro caso, seriam de interesse e bem vindas as indústrias de alimentos, sobretudo as de laticínios, de fiação de algodão de fibra longa, de óleos glicerídicos, de artefatos de couro, de cerâmica especializada, bem como todas as que, de pequeno porte, se apresentem rendáveis e não produzam gases, vapores ou partículas voláteis deletérias, nem dêem subprodutos ou rejeitos prejudiciais.

Atenção especial se concederia às obras de artesanato que compreendam rendas de almofada, labirintos, bonecas de pano, lenços, cintos, bolsas, sandálias finas,

chapéus, artigos da moda, objetos decorativos, brinquedos. Esta atividade não seria entregue à própria sorte.

Criar-se-ia uma associação ou cooperativa, devidamente fiscalizada, que oriente e defenda este tipo de indústria, se interesse pelo abastecimento das matérias-primas e pelas vendas dos manufaturados, de modo a proporcionar justa remuneração ao associado pelo trabalho que executar. Esta cooperativa de produção exerceria o controle de qualidade das peças e envidaria esforços para conseguir as melhores condições de venda.

A finalidade da indústria transformadora e do artesanato é proporcionar meios de renda aos habitantes e aos serviços públicos, isso evidentemente sem prejudicar as atividades da pecuária e agricultura, bases do progresso coletivo.

Por derradeiro, algumas palavras de atenção!

Pelas circunstâncias, Acari, aglomerado urbano com mais de dois séculos e meio de vida, recebeu uma herança de fatos históricos, de tradições, de apego à instrução, a zelar. A ação desenvolvida para o amparo do bem cultural é no presente uma preocupação de muitos brasileiros esclarecidos.

Paulo Carneiro (50), embaixador do Brasil na UNESCO, órgão das Nações Unidas, vem-se batendo, desde 1948, pela proteção dos bens culturais de qualquer país que possam ser considerados patrimônios da humanidade, e muito já conseguiu. Na UNESCO, por sua proposta, foi constituída uma comissão permanente de historiadores, arqueólogos, engenheiros, arquitetos e restauradores para estudar e planejar meios de salvar as obras de valor artístico ou histórico ameaçadas.

---

(50) *Paulo Estêvão Berredo Carneiro*. Começou a trabalhar no Instituto Nacional de Tecnologia como Químico em 1931, dedicando-se à pesquisa tecnológica e científica. Foi Secretário da Agricultura em Pernambuco e ocupou outros cargos na administração pública. Representou o Brasil na UNESCO como delegado, atingindo o posto de embaixador. Em Paris dedicou-se às questões de alta cultura. É conferencista de forte poder de expressão. Se a perfeita oratória tem por finalidade convencer e comover, Paulo Carneiro é verdadeiro orador. É também escritor de estilo puro, límpido. Há pouco foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e nela empossado.

No tocante ao Brasil, a atuação da UNESCO se faz sentir em vários pontos, como Ouro Preto, Parati, Salvador, São Luiz e Alcântara. Em nosso país, está-se consolidando a mentalidade de conservar, em muitos casos de restaurar, os monumentos históricos. Em Salvador trabalha-se desde algum tempo na restauração meticulosa do belíssimo conjunto do Largo do Pelourinho e de várias casas de estilo colonial.

No Rio de Janeiro, não somente se ergueram majestosos edifícios que lembram a arquitetura colonial, entre eles o Instituto de Educação, como se estão restaurando prédios públicos e particulares para que mantenham o estilo colonial em toda a plenitude de sua beleza, como o prédio monumental do Instituto Benjamin Constant, do Ministério da Educação e Cultura, na Praia Vermelha, e o casarão da Rua do Catete, primitiva residência de barão, local onde funcionou o Hotel Londres. Merece também destaque o grandioso conjunto em colonial estilizado da Universidade Rural, no km 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo.

Hoje, não apenas se levantam casas no puro estilo brasileiro, mas se reformam residências antigas em acordo com essa feição arquitetônica. Em volta de São Paulo, na cidade do Rio e no Estado do Rio de Janeiro, estão surgindo com freqüência essas jóias do estilo colonial. Atualmente se constroem casas de campo, clubes, hotéis e até edifícios de apartamentos com as características peculiares à nossa arquitetura tradicional.

O estilo colonial brasileiro, que o americano Robert C. Smith, grande autoridade em história da arquitetura, professor na Universidade de Pennsylvania, tanto exalta, é uma demonstração prática de que o Brasil tem história, tradição e cultura, elementos que aglutinam e dão características uniformes à nacionalidade.

Cultivando a arquitetura colonial brasileira, as tradições que recebemos dos nossos maiores, a língua plástica que herdamos, e tantos outros fatores de união, estaremos contribuindo para a fraternidade e compreensão de todos quantos se acham integrados na Terra de Santa Cruz.

Cabe ao Acari a tarefa, modesta embora, de trabalhar também neste programa da vida nacional.

FIM

RECONHECIMENTO A HISTORIADORES REGIONAIS

Para escrever este livro, o autor leu e examinou com espírito de análise e crítica inúmeros livros de história, artigos de jornal e manuscritos, que estão citados no seu trabalho "Fazendas e Fazendeiros do Seridó".

Consultou, também com o mesmo critério analítico, sem número de informações prestadas indireta e diretamente por historiadores regionais.

Informações fornecidas indiretamente por: Manuel Antônio Dantas Corrêa, Manuel Maria do Nascimento Silva, João Praxedes, Joaquim Theotonio de Araújo Galvão, Phelippe Guerra e Theophilo Guerra.

Informações prestadas diretamente por: Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa, Daniel Diniz, José Augusto Bezerra de Medeiros, José de Azevedo Dantas e José Braz de Albuquerque Galvão.

Daniel Diniz possuía um fichário de fichas de cartolina com anotações. José Braz efetuava em cadernos os seus registros. O autor do presente livro usa cadernos e folhas soltas para anotar as informações.

O autor enaltece o trabalho dos historiadores regionais de guardar com fidelidade os fatos de maior significação que ocorreram em suas terras e presta homenagem de reconhecimento a esses cultores da tradição.

AGRADECIMENTO A COLABORADORES HONORÍFICOS

Reconhecido, o autor agradece aos Prefeitos Dr. Silvino Bezerra Filho e Sr. José Braz Filho a permissão para a consulta de documentos e livros de atas arquivados na Prefeitura Municipal.

De modo particular, é grato ao funcionário Neônio Manuel dos Santos, que foi incansável na procura de papéis velhos e na apresentação de dados referentes à história local.

O autor é muito grato à sua irmã Maria Amália, agora residente em São Paulo, e à sua prima Gilberta Galvão, há tempos moradora no Rio de Janeiro, boas conhecedoras da vida acariense: a primeira muito o auxiliou em reconstituir os fatos apresentados no Capítulo XI e referentes à Festa de Agosto em geral, sobretudo a modas, tecidos, perfumes, jóias, diversões e fogos de vista; a segunda, sempre solícita, foi de grande valia nas informações concernentes à Festa de Agosto e de modo particular a bolos e doces, a figuras atuantes na vida social, ao professorado do início do século e ao episódio do *Big Four*.

Sátiro Bezerra, sobrinho de Francisco Bezerra, de quem foi auxiliar, prestou em Natal preciosas informações ao autor a respeito do inolvidável pioneiro e a propósito da sua atuação na vida social, inclusive quanto a modas, alfaiates e modistas.

A todos estes colaboradores, que o distinguiram e honraram com as informações, o autor cordialmente agradece.

TRABALHOS DO AUTOR CONCERNENTES AO NORDESTE DAS SECAS E AO SERIDÓ, JÁ PUBLICADOS

Óleo de favela, nova riqueza da região das secas. Folheto do Instituto Nacional de Tecnologia, 54 páginas, 1 mapa e fotografias fora do texto, Rio de Janeiro, 1943.

Possibilidades de indústrias químicas no Nordeste com energia de Paulo Afonso. Contribuição ao 3.º Congresso Brasileiro de Química, realizado no Rio de Janeiro em 17 — 22 de janeiro de 1944. Publicada na *Revista de Química Industrial*, do Rio de Janeiro, julho de 1944, e *Química e Indústria* de São Paulo, fevereiro de 1944. (A Cia. Hidro Elétrica do São Francisco constituiu-se em 1948).

Wild plants of the semi-arid region of Brazil and their industrial utilization. Contribuição apresentada à Conferência Científica das Nações Unidas sobre a Conservação e Utilização de Recursos, realizada em Lake Success, New York, 17 de agosto — 6 de setembro de 1949. Publicada nos *Proceedings* da UNSCCUR. 100 Separatas ao autor.

The perciro, wild plant of the drough region of Brazil, and its wax. Contribuição apresentada à Conferência Científica das Nações Unidas sobre a Conservação e Utilização de Recursos, realizada em Lake Success, New York, 17 de agosto — 6 de setembro de 1949. Publicada nos *Proceedings* da UNSCCUR. 100 Separatas ao autor.

A química no combate às secas do Nordeste. Conferência realizada na Escola de Agronomia, de Fortaleza, em abril de 1952. Publicada em folheto.

Energia solar para a indústria da região semi-árida. Contribuição ao 10.º Congresso Brasileiro de Química, realizado no Rio de Janeiro, de 6 a 12 de julho de 1952. Publicada na *Revista de Química Industrial*, julho de 1973.

Energia do vento para fins industriais no Nordeste. Contribuição ao 10.º Congresso Brasileiro de Química, realizado no Rio de Janeiro, de 6 a 12 de julho de 1952. Publicada em folheto mimeografado.

A raspa de juazeiro como detergente (em colaboração com o Tecnologista Químico A. Iachan). Folheto do Instituto Nacional de Tecnologia, 38 páginas, e fotografias fora do texto, Rio de Janeiro, 1953.

O amido de pau-pedra, alimento bárbaro do Nordeste semi-árido (em colaboração com a Química M. da Conceição P. B. Cavalcanti). Folheto do Instituto Nacional de Tecnologia, 22 páginas, e fotografias fora do texto, Rio de Janeiro, 1953.

Realizou-se no Seridó o 2.º Congresso Nacional do Algodão. Reportagem ilustrada com 17 fotografias. *Revista de Química Industrial*, setembro de 1955.

Utilização imediata de óleo de favela e de outros óleos de plantas xerófilas. Contribuição ao 11.º Congresso Brasileiro de Química, realizado em São Paulo de 4 a 10 de julho de 1954. Publicada na *Revista de Química Industrial*, fevereiro e março de 1959.

Plantas xerófilas do Nordeste e o aproveitamento industrial de seus produtos. Conferência realizada no Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste, em Garanhuns, de 26 de abril a 3 de maio de 1959. Publicada em folheto de 23 páginas pela Confederação Nacional da Indústria e Banco do Nordeste do Brasil. Publicada na *Revista de Química Industrial*, novembro e dezembro de 1960.

Carnaúba, fonte de utilidades e matérias-primas. Conferência. Publicada na *Revista de Química Industrial*, janeiro e fevereiro de 1970.

TRABALHOS DO AUTOR RELACIONADOS COM HISTÓRIA, JÁ PUBLICADOS

A indústria de soda cáustica no Brasil. Conferência realizada no Instituto Nacional de Tecnologia. Publicada em folheto, 33 páginas e 4 fotografias fora do texto, Rio de Janeiro, 1937.

A indústria química no Brasil, 19 Capítulos. Trabalho publicado em *Estudos Econômicos,* da Confederação Nacional da Indústria. Rio de Janeiro, 286 páginas, 1951, 1952 e 1954.

O desenvolvimento da indústria química brasileira. Conferência na Escola Técnica Pandiá Calógeras, Volta Redonda, em 26 de abril de 1957. Publicada em folheto pela Secção Regional da Associação Brasileira de Química em Volta Redonda.

Fundamentos geográficos da indústria química brasileira. Conferência realizada na Associação dos Geógrafos Brasileiros, em 31 de maio de 1957. Publicada no *Boletim Carioca de Geografia,* páginas 51-63, 1957, e em outras revistas técnicas.

Histórico e statu quo da indústria química nacional. Conferência pronunciada no Palácio Mauá, em São Paulo, em 18 de setembro de 1956, na Primeira Semana de Estudos da Indústria Química Nacional, Associação de Engenharia Química. Publicada em folheto pela Associação, na EPUC *Engenharia Arquitetura,* março de 1958, Rio de Janeiro, e na *Revista de Química Industrial,* maio de 1958.

A Indústria Química no Estado de São Paulo. Livro, com 182 páginas, Editor Borsoi, Rio de Janeiro, 1958.

A formação de um mestre da pesquisa tecnológica (E. L. da Fonseca Costa). Trabalho publicado no *Informativo do INT,* novembro e dezembro de 1973, e na *Revista de Química Industrial,* janeiro de 1974.

E inúmeros artigos publicados na *Revista de Química Industrial,* que tratam de assuntos históricos diferentes, como a indústria de gás de iluminação no Rio de Janeiro, a indústria de ácido sulfúrico no Brasil, a guerra química nos tempos coloniais, e um inventor brasileiro (o padre Azevedo, da Paraíba).

ÍNDICE DE ASSUNTOS

A

Abolicionismo, 81
Acari (peixe), 21, 23
Acauã, 14-15, 20-21, 25, 31, 33, 109
Acauã Velha, 31, 34
Acetileno, 92
Açude Boulder, 113-114
Açude da Comissão, 66-67
Açude Cruzeta, 64, 85
Açude da Gargalheira, 81, 87, 98
Açude Mabanga, 66
Açude do Sítio, 66
Açudes, 66
Aguardente, 28, 94
Águas, 9, 11, 22, 47, 62, 80, 81, 91, 113, 114, 115
Alfaiates, 97-98
Alforriados por Janúncio, da Pedreira, 83
Algodão, 28, 46, 60, 76-77
Alimentos seridoenses, 26-28, 46, 47, 92-95, 118
Animais Silvestres, 12
Árabes, 17, 18
Arquitetura colonial brasileira, 115-116, 120
Artesanato, 12, 28, 43, 46, 118-119
Artifício (isqueiro), 29-30
Auto de Vereação, 55, 58
Automóvel Ford, pioneiro, 99

B

Bacamarte, 68
Bailes, 103
Bananeira, 11
Banda de música, 100-101
Barragens, 11, 67
Batalha da Acauã, 14-15
Bebidas, 28, 46, 94-95
Belle époque, 95, 100
Bem com bem se paga, 85
Benemérito de Camaratuba, 84-85
Bibliotecas, 113
Bico da Arara, 31, 33, 34, 76, 96
Big-Four, 98-99
Bilz, bebida gasosa, 94-95
Bispado de Caicó, 68
Bolandeiras, 76
Boqueirão da Serrota, 23, 33
Borracha de Maniçoba, 78
Brado Natalense (*O*), periódico, 74
Broa, 93-94
Bumba-meu-boi, 104-105

C

Caças, 24, 26, 48
Cachorros, 114
Cacimbas, 47, 91
Cadeia pública, 77, 117
Cajueiro (planta), 11-12
Caminhos, cruzamento de, 23
Camisa-e-ceroula, 47
Cangaceiros, 70
Capitães-mores de Ordenanças, 63, 118
Cariris (indígenas), 13-15
Carnaúba dos Dantas, 31
Carnaval, 80, 106

Carne do Ceará, 20
Carne do sol, 20, 47, 62
Carroussel, 101
Casa de Caridade, 79-80, 96
Casa do Fundador, 43, 77, 117
Casa dos padres, 40, 43, 107
Casa-de-pedra, da Caridade, 57
Casa-da-rua, 41, 43, 89-90
Casas, 26, 29, 41, 77, 91, 115-116
Casas alpendradas, 45, 48, 79
Casamentos, 35-36, 49, 110
Cavalos, 22, 62, 109-111
Celtas (povo de raça caucásia), 16, 20
Cemitérios, 45, 76, 79, 115, 117
Cenário nos fins d'água, 62-63
Cerveja, 94
Chouriço, 93
Cidade mais limpa do Brasil, 113
Cidade sem cachorros, 114
Cidades pequenas, 113-114
Cinema, 102
Circo, 101-102
Civete, fixador de perfume, 99-100
Clube Municipal, 113
Colégios particulares, 117-118
Cólera-morbo, 76
Colonização, 13, 18
Comércio atual, 112
Comidas — Ver Alimentos seridoenses
"Comissão de tanto melindre", 54
Comissário Vacinador, 70
Como se constroem as nações, 59
Conceição do Azevedo, 33, 56, 57, 65
Confederação dos Cariris — Ver Revolta dos Indígenas
Confederação do Equador, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 79, 80
Consistório da Igreja Matriz (hoje igreja do Rosário), 68-69
Correio, 70
Cosmorama, 102
Cultura, 41, 53-54, 55-56, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120
Currais em Acari, 43
Currais Novos, 63, 112, 116
Cuscuz, 27

D

Danças, 75,
Defesa apresentada pelo primeiro Presidente, 55, 59, 61
Derrubar gado, 42, 109
Descaroçador de algodão, 76, 106
Descaroçamento de algodão, 76
Dístico de Acari, 114

E

Edifício Capitães-mores, 115
Edifícios históricos, 116
Eleições em Acari, 68
Emetina, 11
Encontro do noivo, 110
Encouramento de vaqueiro, 62
Entrudo, 106
Escolha do lugar: Acauã, Saco dos Pereiras ou Acari, 21, 43
Escravatura, 81-85
Esportes, 113, 114
Esquipar em parelha, 110
Estado de inquietação da Província, 51-52
Estrutura social seridoense, 83

F

Facheiro, 29, 57
Farinha de mandioca, 26-27, 28, 84-85
Faveleira, 8, 9, 10
Fazenda Aba da Serra, 81, 85-86
Fazenda Água Doce, 66
Fazenda Boa Vista, 76
Fazenda Bulhão, 71, 80
Fazenda Cacimba do Meio, 76
Fazenda Cajueiro, 74
Fazenda Cauaçu, 76
Fazenda Conceição do Azevedo, 65
Fazenda Fortaleza, 8, 11, 66, 67, 84, 87, 91
Fazenda dos Garrotes, 53, 65, 66
Fazenda Imburanas, 76
Fazenda Ingá, 53, 84
Fazenda Mulungu, 52, 61
Fazenda do Navio, 66, 76
Fazenda Pedreira, 83, 95, 110
Fazenda Picos de Baixo, 31, 34, 35, 36

Fazenda Picos de Cima, 31, 36, 45
Fazenda da Rajada, 66, 109
Fazenda Remédio, 33, 57, 63, 64, 85, 115
Fazenda do Saco dos Pereiras, 38, 42, 63, 109
Fazenda São Bento, 49, 67, 87
Fazenda do Serrote, 32, 34-35, 48, 53
Fazenda Totoró, 49, 63
Fazenda Zangarelhas, 76
Feiras, 26, 28, 45-46, 53, 65
Ferramentas, 71-72
Festa de Agosto, 90-104
Festa de inauguração do novo templo, 75
Festa do Rosário, 75, 104
Fidalguia rural seridoense, 86
Figurinos, 95, 97
Fixador de perfume, 99-100
Flor de cera, 8, 12
Florânia, 33
Fogo (fazer), 29-30
Fogos de vista, 103-104
Fotografias e fotógrafos, 101
Fotomobílio, 92
Folk-lore, 104-105
Freguesia do Acari, 68
Fubá, 27-28
Fundação do aglomerado, 20-24
Fundador de Acari, 37, 41, 42-43, 116
Furto de moça — Ver Moça furtada

G

Gado, 19-20, 48, 65, 83
Galegos, 18
Garrotes no Piauí, 53, 65
Genebra (bebida), 94
Godos (povo germânico), 17, 18, 20
Governo da Capitania, 23
Governo Temporário da Capitania, 51
Grito da Independência, 50
Grupo Escolar Tomás de Araújo, 40, 107-109
Guardas-noturnos, 113
Guerra dos Bárbaros — Ver Revolta dos Indígenas
Guerra Civil evitada, 57-58, 59, 61
Guerra da Independência, 58
Guerra de Secessão, 76

H

Holandeses no Nordeste, 13, 19
Homem de uma só palavra, 60
Hotel de Tetê, 92, 103

I

Igreja nova, 74-75, 77
Igreja velha, 37, 38-44, 47, 48, 68, 69, 75, 77, 80, 101, 107, 117
Iluminação, 46, 92, 113
Incêndios, 14, 22
Indústrias, 87-88, 112, 114, 118
Indústrias rurais, 12
Instrução pública, 69, 79, 107-109, 113, 114, 117-118
Intendência Municipal, 78-79, 85, 86, 87, 102, 103
Ipecacuanha, 11
Ir para a rua a cavalo, 109-110
Isqueiro — Ver Artifício

J

Jacaracica (lugar), 49
Janduís (indígenas), 13-15, 19, 25-26, 29, 45-46
Jóias e joalheiros, 99
Jornal (O), periódico, 86, 87
Junta Constitucional Provisória, 50, 51, 64
Junta da Fazenda, 51
Junta de Governo Provisório, 51, 52
Juntas de Qualificação, 68, 69

L

Lã de carneiro, 12
Lápide de Tomás de Araújo, 73
Laranjinha, 106
Laticínios, 87-88
Latim, 18
Lavanderia, 115
Lei Áurea, 81, 83

Lenda da Moça da Serra da Formiga, 26
Lenha, 91
Limpeza urbana, 113, 114
Língua portuguesa, 18
Louça e artesanato de barro, 42-43

M

Macaxeira, 26
Mãe Isabel, 83-84
Mancunzá, 27, 47
Mandato maior do primeiro Presidente, 61
Mandioca, 26-27, 60
Maniçoba, 8, 78
Maritacaca (animal), 99-100
Melhoramentos urbanos, 114, 115
Menino de cabelo-espeta-caju, 83-84
Mercado Público, 77, 79, 115-116
Milho, 27-28, 60
Milícias ou Ordenanças, 63
Missas, 35, 40, 48
Moça furtada, 35, 110-111
Moças bonitas, 90-91
Moda feminina, 95, 96-97
Moda masculina, 97-98
Modistas, 97
Montaria (vestuário), 96-97
Móveis, 41, 91
Município de Acari, 68, 76, 87, 88
Município de Caicó, 68
Município de Currais Novos, 63, 87
Município de Flores, 87
Município de Jardim do Seridó, 65, 76
Música, 75, 100

N

Namoro no século XVIII, 34-36
Natalense (O), periódico, 73
Nomeação de Tomás de Araújo por D. Pedro I, 52
Nova Luzitânia, 16-18
Novas construções, 41, 45, 47-48, 77, 115-116

O

Obrigações do Vaqueiro, 73
Origens próximas do seridoense, 31-37
Origens remotas do seridoense, 18

P

Padaria, 93
Padres no sertão, 40-41
Papangu, 80-81, 106
Partido Conservador, 86
Partido Liberal, 86
Pastoril familiar, 105
Pau-pedra, 8
Pedra-e-cal — Ver Barragens
Pequenas cidades americanas, 113-114
Pereiro, 8
Perfumes, 99-100
Pesos e medidas (sistema métrico), 81
Pinhão bravo, 8, 9
Pipoca, 27
Plantas xerófilas, 8, 9, 10, 11, 78
Poço dos acaris, 21, 23, 24
Poço de Felipe (ex-poço dos acaris), 66
Poços, 22-24, 81
Poesia pastoral, 62-63
Polca, 75, 103
Política de limpeza urbana, 114
Políticos acarienses, 69, 71, 85-86
Poluição, 114, 115
Pombos, 114
Portugueses da Colonização, 16-18
Portus Cale, 17,18
Povo (O), periódico, 85
Povoado em início, 26, 29, 45, 47-48
Povoadores, 20-21, 23-24, 25-26, 31-37, 118
Praça dos Janduís, 45
Praça Japeri, 45, 117
Praça Sargento-mor, 117
Preços antigos de mercadorias, 71-72
Prefeitura Municipal, 40, 44, 68, 79, 87, 107, 108, 115

Primeira governança da Província, 50-61
Professores, 69, 107, 108-109, 117-118
Propaganda republicana, 85-86
Prosperidade geral, 77, 89

Q

Quadrilha (dança), 103
Quebra-quilo, 81
Queijos, 64, 94
Química no combate às secas, 8

R

Ração para o gado, 87-88
Ranchos primitivos, 23, 24, 25-26
Rede de dormir, 23, 28-29
Refeições nas feiras, 28, 46
Reflorestamento, 9, 12
Reino de Portugal, 16-18
República (*A*), periódico, 79
República do Cariri, 67
Retirada de gado, 48-49
Revência de açude, 11, 66
Revolta dos Indígenas, 14-15, 20
Revolução de Pinto Madeira (1831-32), 67-68
Revolução Pernambucana (1817), 50,64,79
Riacho da Juliana, 45, 47, 66
Romanos, 16, 18
Roupas femininas — Ver Vestuário
Rua dos Alpendres, 45, 55, 106
Rua do Comércio, 78, 101, 102, 115
Rua da Intendência, 79, 117
Rua Dr. José Augusto, 117
Rua Dr. Juvenal Lamartine, 115, 116
Rua da Matriz, 77, 117
Rua do Rio, 117
Rua Cel. Silvino, 77, 102
Rua Tomás de Araújo, 45, 92, 117
Ruas (nomenclatura), 77, 116-117

S

Saco dos Pereiras, 31, 42-43, 77, 80, 109
São Bento, 31, 33, 34
São Soubera, 79
Saúde pública, 75-76
Schottisch, 75, 103
Secas, 7, 9, 48, 71, 81, 84-85
Sequilho, 93
Serra da Acauã, 14
Serra do Bico, 26
Serra da Formiga, 23, 26
Serra da Rajada, 23, 26
Sobrados, 77, 87, 104
Solos, 11, 22
Suevos (povo germânico), 17, 20

T

Tecidos, 96-97
Telefones, 113
Telégrafo, 106
Terço à noite, 29, 34
Terço dos Paulistas, 14
Terras de Criar, 31, 33
Torta de semente de faveleira, 9-10
Totoró, 31, 32, 33, 34
Tradição, 116, 118, 119, 120
Transporte, 98-99
Trasladação da imagem, 75
TV Globo, 113

U

UNESCO, 119-120

V

Valsas, 102, 103
Vândalos (povo guerreiro, destruidor), 17
Vestuário, 28, 46-47, 62, 96-98
Vazante de rio (tipo de cultura), 22, 65-66
Vinhos, 35-36, 72, 94

X

Xerém (de milho), 27

ÍNDICE DE NOMES DE PESSOAS

A

A. Tavares de Lyra, historiador, 51, 57
Abdias Lopes Pequeno, filho de Tetê Garcia, 79
Adélia, filha de Dondon, 97
Adenauer, político alemão, 56
Adriana, filha de Arnau de Holanda, 34
Adriana de Holanda de Vasconcelos, 32, 34
Adriano VI, Papa, 32
Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, 17
Agostinho César de Andrade, Capitão-mor da Capitania, 14-15
Agostinho Pereira, do Saco, 43
Alba, da Pedreira, 95
Alberto Henschel & Co. (Photografia Allemã), 101
Alexandre Rodrigues da Cruz, 31, 34, 35
Alfonso VI, Rei de Leão, 17
Alfredo Sóter, 105
Ana, filha de Alexandre Rodrigues da Cruz, 35, 110-111
Ana, filha de Antônio Pais de Bulhões, 37, 56
Ana, filha de Antônio Pereira e Maria José, 32, 37
Ana, filha de Tomás de Araújo, o português, 36
Ana, filha de Tomás de Araújo, o 3.º, 72
Aninha, esposa de Painel, 104
Antônia Bertina, filha de Damasceno, 80, 81
Antônio de Azevedo Maia, português, 33
Antônio de Azevedo Maia Júnior, de Conceição, 33, 37, 65
Antônio Basílio, comerciante, 78
Antônio Bezerra de Albuquerque, 77, 96
Antônio Dantas Corrêa, 69
Antônio Eduardo de Araújo Galvão, 105
Antônio Eduardo de Araújo Galvão Filho, 105
Antônio Garcia de Sá Barroso, 32, 35, 48, 110
Antônio Germano Cavalcanti, comandante de tropas, 51
Antônio Manuel dos Santos, da família de Chicão, 44
Antônio Pais de Bulhões, 32-33, 35, 36, 64, 84-85
Antônio Pereira de Araújo, 66
Antônio Pereira de Araújo, do Serrote, 32, 37, 69, 70
Antônio Pires de Albuquerque, patriota pernambucano, 37, 64
Antônio Pires de Albuquerque Galvão, 108
Antônio Pires de Albuquerque Galvão Filho, 70
Arnau de Holanda, tronco de família, 16, 32, 34
Augusto, Galvão & Cia., 78

B

Barleus, historiador neerlandês, 32
Bartolomeu da Costa Pereira, 56
Bazílio Quaresma Torreão, 70
Belísio, joalheiro, 99
Benevides Pires, 115
Bernardo Vieira de Melo, capitão-mor da Capitania, 25
Borges (irmãos Borges), 53
Borges da Fonseca, genealogista, 34
Boris Frères, 78
"Brigadeiro", 42
Brites, filha de Jerônimo de Albuquerque, 34
Brites Mendes de Vasconcelos, 34

C

C. Barza (Photografia Allemã), 101
Caetano Dantas Corrêa, 31, 36, 37, 45, 65
Camões, 54, 62
Capistrano de Abreu, historiador, 74
Capitão-mor Galvão — Ver Cipriano Lopes Galvão, o 2.º
Capitão-mor Medeiros — Ver Manuel de Medeiros Rocha
Castro Alves, poeta da abolição da escravatura, 56
Cecília, professora, 108
Celina Guimarães Viana, professora, 108-109
Celsa, professora, 108
Chandinho, o Chalaça de João Damasceno, 71
Chiang Kai-Shek, político chinês, 56
Chicão — Ver Francisco Pereira da Silva
Chimbé, fogueteiro, 103
Chiquinha Cortês, professora, 107
Chiquinha Viúva, do Saco, 43
Cipriano Bezerra Galvão, do Ingá, 30, 32, 37, 53, 66, 68, 69, 70, 87
Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa, 11, 30, 32, 53, 57, 68, 78, 85, 86-87, 104, 108
Cipriano Lopes Galvão, o 1.º, de Totoró, 32, 34
Cipriano Lopes Galvão, o 2.º, Capitão-mor, 42, 49, 63, 67, 115
Cipriano Lopes Galvão, o 3.º, de São Bento, 49, 87
Cipriano Lopes Galvão, o 4.º, do Ingá, 32, 37, 69, 70
Cosme de Abreu Maciel, do Passaribu, 33
Cosme Pereira da Costa, 37, 64
Cosme Soares de Brito, 34
Coty, perfumista francês, 100
Crispiniano Ferreira Lima, padre, professor, 69
Cristóvão Lins, 34

D

Damásia, da casa do Ingá, 84
Damião de Góis, cronista, 27
Degaule, político francês, 56
Diógenes da Nóbrega, advogado, 8
Domingos Jorge Velho, sertanista, 14, 15
Dondon, modista de Natal, 97
Doutor Neco — Ver Manuel José Fernandes
Doutor Pacheco — Ver José Manuel Pereira Pacheco
Duarte Coelho Pereira, Donatário da Capitania Nova Lusitânia, 16, 32

E

Edmundo Gomes da Silva, 42
Eduardo de Faria, dicionarista, 72
Eisenhower, político americano, 56
Eliseu de Oliveira Viana, professor, 108-109
Enéas Hipólito, musicista, 97, 101
Ernesto Galvão, 100
Esperidião Medeiros, professor, 107

Eugênio de Araújo Sales, Cardeal, 77, 79
Eurico, Rei godo, 17
Ezequiel Fernandes, político, 86

F

F. Bezerra & Cia., 96
Família Bezerra, 49
Família Lins de Vasconcelos, 34
Família Nóbrega, 26
Feliciano José da Rocha, do Remédio, 84-85
Felinto Lúcio, musicista, 101
Felipe Cavalcanti, tronco de família, 16
Felipe Guerra, cronista, 71
Félix Antônio Ferreira de Albuquerque, Presidente revolucionário da Paraíba, 56, 64
Félix de Araújo Pereira, dos Garrotes, 42, 53, 65
Félix Maranganha — Ver Félix Pereira de Araújo
Félix Pereira de Araújo, da Pendanga, 42, 43, 77, 108
Figueiredo, marceneiro da Paraíba, 96
Francisca Elita, do Saco, 42, 43
Francisco Bezerra de Araújo Galvão, comerciante, 78, 80, 95, 96, 97, 101, 107, 108
Francisco de Brito Guerra, padre e senador, 57
Francisco Cardoso dos Santos, do Bico da Arara, 31, 34
Francisco Fernandes de Souza, 33
Francisco Gomes da Silva, Capitão-mor de Ipojuca, 37, 42
Francisco Janúncio da Nóbrega, da Estrela do Norte, 108
Francisco Justino, padre, 77
Francisco Pereira da Silva (Chicão), 44
Francisco Raimundo, 42
Francisco Xavier Garcia, presidente do Governo Temporário, 51
Frederico Ramos, fotógrafo do Recife, 101
Frei Caneca, patriota da Confederação do Equador, 56, 64

G

Glorinha, da Pedreira, 95
Gorgônio Nóbrega, 116
Gorgônio Pais de Bulhões, da Timbaúba, 37
Guerlain, perfumista francês, 100
Guilhermina, filha do Capitão-mor Medeiros, 37, 64

H

Henrique de Borgonha, Conde, 17
Hostílio Dantas, escultor, 65
Houbigant, perfumista francês, 100

I

Iluminata Bezerra da Nóbrega, da Estrela do Norte, 91, 95
Inácia, filha de João Alves da Nóbrega, 37
Inácio do Rosário, construtor do Açude Mabanga, 66
Irmãos Alencar, 79
Irmãos Borges — Ver Borges
Isabel, filha de Antônio Pereira e Maria José, 32, 37, 53
Isabel (mãe Isabel), 83-84
Isabel, Princesa Imperial, 81

J

J. Guimarães Duque, agrônomo, 9
Janúncio Carapina, vaqueiro, 94-95
Janúncio da Nóbrega Filho, 85
Janúncio Salustiano da Nóbrega, 83, 110
Jerônimo de Albuquerque, 34
Joana Nunes, figura popular, 40
João Alves da Nóbrega, das Trincheiras, 37
João Bezerra Galvão, 68
João Caetano, ator brasileiro, 106
João Congo, acompanhante de Tomás de Araújo, 55
João Damasceno Pereira, do Bulhão, 69, 70, 71, 80
João Gomes da Silva, 70

João Gualberto Soares da Câmara, professor, 69
João Manuel da Silva, da família de Chicão, 44
João IV, Rei de Portugal, 32
João VI, Príncipe Regente, 50, 51
João Valentino Dantas Pinagé, magistrado, 74
Joaquim Apolinar, 77
Joaquim Bezerra Galvão, 68, 69, 70
Joaquim José de Carvalho Pinto, professor, 69
Joaquim José da Costa, Sargento-mor, 58
Joaquim Lopes, irmão de Tomás Francês, 71
Joaquim Paulino de Medeiros, da Rajada, 77, 104, 108
Joaquim Pequeno, 99
Joaquim Pinto Madeira, chefe revolucionário, 67
Joaquim Servita Pereira de Brito, 77, 87, 108
Joaquim Silvério Dantas, do Saco, 43
Joaquim da Virgem Pereira, 42, 96, 108
Joca Lira, alfaiate de Natal, 97
José Adelino Dantas, bispo, 40, 73
José Antônio Pereira Ibiapina, padre-mestre, 79-80
José Augusto Bezerra de Medeiros, político, ex-Governador, 78, 87
José Bezerra de Araújo Galvão, da Aba da Serra, 77, 80, 81, 85-86
José Bezerra de Menezes, de Jacaracica, 49
José Braz de Albuquerque Galvão, 96
José Clementino de Medeiros, 66
José da Costa Soares, padre, 49
José Fialho, bispo de Pernambuco, 38, 39
José Inácio Borges, chefe do governo da Capitania, 50
José Joaquim da Silva Painel, 103, 104
José Jorge, 115
José Leite de Vasconcelos, lingüista e etnólogo, 30
José Manuel Pereira Pacheco, médico, 87
José Modesto Pereira de Brito, padre, 42, 77
José Pedro Machado, etimologista, 21, 27
José da Penha, oficial do Exército, candidato a Governador, 86
José Sancho, do Saco, 42, 43
José Venâncio Dantas, musicista, 101
José Venâncio Dantas Neto, musicista, 101
Josefa, filha de Tomás de Araújo, o português, 36, 37
Josué de Castro, cientista, 10
Júlio Gomes de Araújo, do Saco, 42, 43
Juvenal Lamartine de Faria, político, ex-Governador, 87, 108
Juvino Barreto, industrial de tecidos, 96

K

Kyval da Cunha Medeiros, general, cronista, 64

L

Leônidas Hermes da Fonseca, candidato a Governador, 86
Leovigildo Araújo, 100
Lídia Belisa, 91
Luís Barbalho Bezerra, grande cabo de guerra dos tempos coloniais, 32
Luís da Câmara Cascudo, historiador, 59, 61, 79, 86
Luiz de França Dantas, comerciante, 78, 95, 108
Luiz Lopes Pequeno, 101
Luiz do Rego Barreto, chefe do Governo de Pernambuco, 64

M

Madalena de Castro, 34
Magalhães, correio de Tomás de Araújo, 52, 70

Magro, do Bico, 76
Manuel Adelino, comerciante, 78
Manuel Antônio, fogueteiro, 103
Manuel Antônio Dantas Corrêa, cronista, 48, 48-49, 62, 65, 71, 74
Manuel Augusto Bezerra de Araújo, professor, 78, 85, 88
Manuel Bezerra de Araújo Galvão (Coquinho), 96
Manuel Bezerra de Araújo Galvão, senior, 100
Manuel Bezerra Galvão, 69
Manuel Dantas Corrêa, 69
Manuel Esteves de Andrade, Sargento-mor, 31, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 63, 77, 116
Manuel Gomes de Medeiros Dantas, escritor, 55, 56, 87
Manuel Gomes da Silva, político, 43
Manuel Hipólito Dantas (Fumaça), musicista, 101
Manuel Jorge de Medeiros, escrivão, 69, 70
Manuel José Fernandes, juiz, 86
Manuel José Maria, 44
Manuel José de Morais, escrivão, 54
Manuel Lopes de Araújo Cananéia, 53, 71, 72, 73, 80
Manuel Lopes Galvão, Mestre de Campo, 32
Manuel Lopes Galvão, Secretário das Mercês, 32
Manuel Lopes Pequeno Júnior, 70
Manuel Maria do Nascimento Silva, 77
Manuel de Medeiros Rocha, Capitão-mor, 37, 50, 51, 56, 63, 64, 69, 115
Manuel Pereira da Cruz, do Saco, 44
Manuel Teixeira Barbosa, presidente do Senado da Câmara, 52, 54
Manuel Ubaldo da Silva Neto, comerciante, 77, 95
Manuelzinho Bezerra, 100
Manuelzinho do Navio — Ver Manuel Maria do Nascimento Silva
Mao Tse-Tung, político chinês, 56
Marçal, alfaiate e cantor de serenata, 97
Marciano, alfaiate de Natal, 97
Maria, filha de Caetano Dantas Corrêa, 37
Maria da Conceição Mendonça, da Bahia, 34
Maria Emília Mamede (Mariquinha), 80
Maria do Espírito Santo Arcoverde, indígena, 34
Maria Joaquina de Santana, 56
Maria José, filha de Tomás de Araújo, 32, 37, 72
Maria do Patrocínio, da Pedreira, 95
Marieta Bezerra da Nóbrega, da Estrela do Norte, 91, 95
Mariquinha — Ver Maria Emília Mamede
Maritacaca (apelido irônico; significa o oposto a Perfumada), 99
Mateus Ventura, cientista, 9
Matias Cardoso de Almeida, sertanista, 14, 15
Matias da Cunha, Governador Geral, 14
Max Linder, ator cômico de cinema, 102
Mestre Antônio, da lancha Natal — Macaíba, 98
Micaela, filha de Caetano Dantas Corrêa, 37
Miguel Álvares Lima, escrivão, 39
Miguel Ferreira Cabral, alferes, 58
Mônica da Nóbrega Galvão, 91
Mororó, joalheiro, 99

N

Napoleão Bonaparte, Imperador, 50
Neônio Manuel dos Santos, funcionário da Prefeitura, 44, 68
Nicolau Mendes da Cruz, 31
Nunes, oleiros e louceiros, do Saco, 42, 43, 44

Tomás de Araújo Pereira, o 1.º, o português, 31, 34, 35, 36, 37, 45
Tomás de Araújo Pereira, o 2.º, 45, 48
Tomás de Araújo Pereira, o 3.º, ex-Presidente, 32, 45, 48, 50-61, 65, 67, 69, 70, 71-73, 86, 87 111, 117
Tomás Cazumbá, 67
Tomás Francês — Ver Tomás Lopes de Araújo
Tomás Lopes de Araújo, 54, 71, 73
Tomás Pereira de Araújo, "padrinho-padre", 40, 69, 70, 73, 75
Tomás Rosendo, comerciante, 78, 106
Tomás Sebastião, professor e tabelião, 107
Tonheca Dantas, musicista, 101
Tudinha, da Pedreira, 95

V

Verônica Araújo, 91
Vicência Lins de Vasconcelos, 34, 35
Vicente Ferreira Nobre, capitão, 58
Vicente de Paula Veras, juiz de direito, 104, 108
Vicente Trevas Filho, químico tecnologista, 11

W

Walmir Carvalho, químico tecnologista, 10

O

Olga, da Pedreira, 95
Olindina Galvão, 105, 107, 108
Orestes Pereira, do Saco, 42
Osvaldo Lamartine, escritor, 36

P

Pacífico Gomes da Silva (Cicio), do Saco, 43
Padre Mestre Ibiapina — Ver José Antônio Pereira Ibiapina
Padre Modesto — Ver José Modesto Pereira de Brito
Padre Pinto, 77
Pai Benguela, 55
Painel — Ver José Joaquim da Silva Painel
Paixão, alfaiate de Natal, 97
Paula e Lourença, figuras populares, 40
Paulo Carneiro, Embaixador, 119
Pedro Arbués Dantas, musicista, 100, 101
Pedro Carrilho, cronista, 14, 20
Pedro Etelvino, dono de casa de bilhar, 102
Pedro Lúcio, musicista, 101
Pedro I, Imperador, 52, 54, 59, 61, 70, 106
Pedro Velho, político, 86
Pedro Venâncio, musicista, 101
Pelino Matos, alfaiate de Natal, 97
Pio X, Papa, 68
Piver, perfumista francês, 100
"Preto Limão", tocador de viola, 86

Q

Quina, 115
Quincó, da Rajada — Ver Joaquim Paulino de Medeiros
Quinininho Medeiros, 100

R

Raimundo Cândido Ribeiro, professor, 69
Raimundo de Castro Maya, industrial, 116
Robert C. Smith, professor de História da Arquitetura, 120
Roberto, Rei da França, 17
Rocha Pombo, historiador, 59
Rodolfo Garcia, historiador, 34
Rodrigo, Rei godo, 17

S

S. de Azevedo Bastos, 56
Sabóia Albuquerque & Cia., 98
Safira, da Pedreira, 95
Sansoni, dono de circo, 102
Santinha, da Pedreira, 95
Sátiro Bezerra, 103, 105
Sebastião Cassiano Pereira, do Saco, 43
Sebastião da Viúva, vaqueiro, do Saco, 43
Senador Guerra — Ver Francisco de Brito Guerra
Senhorinha, de Natal, 105
Sibaldo Lins, 34
Silvino Adonias, 100
Silvino Bezerra de Araújo Galvão, da Caiçarinha, 66, 78, 85, 86, 87, 92, 108
Silvino Bezerra Filho, prefeito, 68
Silvino Neto, 78
Stella Sezefredo, artista de teatro, 106
Straus, compositor musical, 102
Strighini, dono de circo, 102
Sylvio Fróes Abreu, químico tecnologista, 10

T

Tarik, chefe dos invasores árabes da Península Ibérica, 17
Teodoro Oniga, tecnologista, 10
Teófilo Guerra, cronista, 71
Teresa, irmã de Tomás Francês, 71
Teresa, mulher de Tomás de Araújo, 32
Teresa Lins de Vasconcelos, 34
Teresa Maria José, progenitora da família Bezerra, do Seridó, 49, 67-68
Tetê Garcia, 92

ÍNDICE DE NOTAS EM RODAPÉ

(1) A batalha da Acauã 14
(2) *Portus Cale* 17
(3) Acauã (e seu significado) 20
(4) Acari (nome de um peixe) 21
(5) Burro mulo 22
(6) Boqueirão da Serrota 23
(7) Piranhas (lugar) 23
(8) Mancunzá e cuscuz 27
(9) Imbu (nome correto) 28
(10) Apragatas, alpargatas 28
(11) Artifício (acendedor) 30
(12) Fazenda do Serrote (pedras grandes) 32
(13) Cumprimento nas estradas 33
(14) A família Lins de Vasconcelos 34
(15) Pichel (de vinho) 36
(16) Coco d'água 36
(17) *Pater família* 37
(18) Sargento-mor 38
(19) Petições e provisões (arquivo) 39
(20) Chapéu de massa 40
(21) Secreta ou comua 41
(22) José Sancho (fazendeiro) 42
(23) Azeite de carrapato (ricino) 46
(24) Urupemba (tradicional no Seridó) 46
(25) Manteiga do sertão (de garrafa) 46
(26) Rapadura rapada 47
(27) Cacimba (do quibundo) 47
(28) Correio de Tomás de Araújo 52
(29) Cultura de Tomás de Araújo 53
(30) Fuga num balaio 55

(31) A esposa do Capitão-mor Medeiros e a de Félix Antônio 56
(32) A casa de pedra da Caridade 57
(33) Expressão desrespeitosa 59
(34) Barragens de pedra-e-cal 67
(35) Teresa Maria José 67
(36) Correio de Natal ao Acari 70
(37) Botelha de vinho 72
(38) Fazenda Cajueiro 74
(39) Espontão, na Festa do Rosário 75
(40) Os irmãos Pereira de Brito 77
(41) Augusto, Galvão & Cia. 78
(42) Sobrenomes brasílicos 80
(43) Poços do rio Acauã 81
(44) Sabão da terra 82
(45) Gado e dinheiro 83
(46) Sítio e fazenda 89
(47) Tetê Garcia 92
(48) Casas dos Capitães-mores 115
(49) Nomes para logradouros públicos de Acari 117
(50) Paulo Estêvão Berredo Carneiro 119

A SAIR BREVEMENTE O LIVRO:

FAZENDAS E FAZENDEIROS DO SERIDÓ

A geografia, a história e a sociedade
A pecuária, a agricultura e os negócios
Açudes e obras da tecnologia regional
Luta para neutralizar os efeitos das secas
As casas, as ocupações e os divertimentos
Vaqueiros, padres, mestres e agregados
A família, a alimentação e o vestuário
Cenários, acontecimentos e narrativas

Índice geral
Prefácio

PARTE I: O AMBIENTE ORIGINAL

Capítulo 1. OS PRIMEIROS TEMPOS
1. Paisagem antiga
2. A guerra dos silvícolas
3. A batalha da Acauã
4. Terras para situar fazendas
5. Fatores que condicionaram o seridoense

Capítulo 2: O POVOAMENTO DA REGIÃO
1. Os primitivos fazendeiros do Acari
2. As primeiras igrejas seridoenses
3. Casamentos de outrora
4. O entrelaçamento de famílias
5. O revolucionário do Recife

Capítulo 3: O POVOADO DOS CAICÓS
1. As origens
2. Os limites do Seridó
3. As escolas de latinidade
4. Estradas e transportes
5. As duas bandas seridoenses

Capítulo 4: AS FAZENDAS PRIMITIVAS
1. As casas e os anexos
2. Os móveis e os utensílios
3. A iluminação das casas
4. Os alimentos usuais
5. As ocupações principais

PARTE II: OS FAZENDEIROS E A VIDA SOCIAL

Capítulo 5: "HUA COMMISSÃO DE TANTO MELINDRE"
1. Patriarcas e chefes políticos
2. Primeiros homens públicos do Acari
3. A palavra de um homem de bem
4. Nomeado Presidente da Província
5. De volta ao sertão seridoense

Capítulo 6: A ESTIRPE OPULENTA DAS TRINCHEIRAS
1. Um casamento romântico
2. A família Nóbrega nos sertões
3. A fazenda das Trincheiras
4. A fazenda, escola de trabalho
5. A opulência derivada do velho tronco

Capítulo 7: UM CASAMENTO REGENERADOR
1. Na Vila Nova do Príncipe
2. O grande falado
3. Alguns parentes de Cosme Pereira
4. A casa-da-fazenda do Umari
5. Personalidade que atravessa a história

Capítulo 8: TOTORÓ E SÃO BENTO
1. A Fazenda Totoró e seu senhor
2. De quem procede a família Galvão
3. Os currais novos do Capitão-mor
4. O sangue Bezerra veio pela Serra do Doutor
5. A senhora da Fazenda São Bento

Capítulo 9: UMA FAZENDA DO BICO D'ARARA
1. As terras de criar do Bico
2. A famosa casa de pedra no precipício
3. Situação da Fazenda Ingá
4. A seca de 1845 e como foi combatida
5. O filigranista de próspera fazenda

Capítulo 10: FAZENDEIROS DO VALE DO ACAUÃ
1. O vale do rio Acauã
2. Tradições, festas e política
3. Vaquejadas e derrubadas
4. O potentado do Bulhão
5. O comandante da Aba da Serra

PARTE III: OS FAZENDEIROS E AS SECAS

Capítulo 11: TIMBAÚBA DOS GORGÔNIOS
1. O chefe do clã
2. A fazenda e a casa-grande
3. A criação de gado e as secas
4. Compra de garrotes no Piauí
5. Os filhos de Gorgônio da Timbaúba

Capítulo 12: UM "MAR D'ÁGUA" NO SERTÃO
1. O famoso açude da Pedreira
2. A formação de terras de plantio
3. O engenho, o alambique e a casa-de-farinha
4. A pescaria e a irrigação
5. Animais utilitários e decorativos

Capítulo 13: O PODER DO AÇUDE DA PEDREIRA
1. A casa-grande e outras instalações
2. A vida na Fazenda Pedreira
3. Projeção social e política
4. A ação de um patriarca
5. Os filhos de Janúncio da Pedreira

Capítulo 14: A FAZENDA DOMINGA
1. Açude maior que o da Pedreira
2. Os recursos para a grande obra
3. "Seca de 15 debaixo de lucro"
4. A expansão dos negócios
5. Tragédia que durou uma semana

Capítulo 15: "FORTALEZA, DO FELIPE RESPEITADA"
1. A tapera de Felipe Martins
2. Um sítio para refrigério
3. Barragens, açudecos e tanques
4. Conservação de recursos naturais
5. A casa-grande da fazenda

Capítulo 16: A VIDA NA FAZENDA FORTALEZA
1. Duas secas arrasadoras
2. As culturas e as criações
3. As tecnologias seguidas
4. Estudos, festas e distrações
5. As plantas xerófilas

PARTE IV: OS RECURSOS NATURAIS E AS TECNOLOGIAS

Capítulo 17: OS ALIMENTOS BÁSICOS DA REGIÃO
1. Água potável, e água para fins gerais
2. Carne de sol e peixe seco
3. Queijo, e manteiga de garrafa
4. Produtos de mandioca e de cana
5. Outros alimentos

Capítulo 18: TECNOLOGIAS DE ONTEM E DE HOJE
1. O homem da antiguidade e a tecnologia
2. Os açudes e as barragens
3. As cacimbas e os tanques
4. Vasos, continentes e outros artefatos
5. O bem e o mal da tecnologia

Capítulo 19: PLANTAS SILVESTRES DA REGIÃO DAS SECAS
1. Plantas xerófilas
2. A faveleira: o óleo e a torta
3. A maniçoba: a borracha e o óleo
4. O pinhão bravo: o óleo
5. A flor de cera: o óleo e a fibra
6. O pereiro: a "cera"
7. Necessidade de cultura experimental

Capítulo 20: UTILIZAÇÃO DE ALGUNS PRODUTOS DE PLANTAS XERÓFILAS

1. Os produtos estudados
2. Óleo de favela para fins industriais
3. Necessidade de sebos para saboaria
4. Transformação de óleos em gorduras
5. Emprego de gorduras hidrogenadas em saboaria
6. A indústria de óleos de xerófilas
7. Perspectiva da indústria de óleos e gorduras

Glossário
Índice de assuntos
Índice de nomes de pessoas

Endereço:

Jayme Sta. Rosa
Rua da Quitanda, 199 — Grupos 804/805
20000 — RIO DE JANEIRO — GB — ZC-05